

versus

Afro - América
Latina

23

Um jornal de
Política
Cultura e
Idéias

Julho/Agosto 1978
Cr\$ 20

OS NEGROS ESTÃO NAS RUAS

argentina:
o fascismo
invisível
de Videla

DAVID
COOPER
quem são os
dissidentes?

CARTA ABERTA DE UM
TORTURADO AO PRESIDENTE
GEISEL

HISTÓRIAS

por MARCOS FAERMAN

I

Certa vez Sarte escreveu sobre a questão negra. Ali, ele falava uma coisa inesquecível, e que eu vou citar de memória... «O que vocês esperavam ouvir quando estas bocas negras se vissem livres das mordaças? Que gritassem frases doces, amenas?» Será que estas "mordaças" estão sendo arrancadas no Brasil? Sim, estão.

II

Foi o que vimos em São Paulo, numa noite histórica. Bocas negras gritando contra a injustiça e a opressão. Punhos erguidos, no lusco-fusco daquele momento em que, numa grande cidade, os homens cansados vão para casa. Não se ouviram frases amenas - e é bom que tenha sido assim. À humilhação de séculos, só o duro estômago do povo poderia resistir.

III

Resistir. Esta é a palavra. No Rio Grande do Sul - onde, com o companheiro Jorge Pinheiro de Versus estivemos para o lançamento da Convergência no RGS - vi um velho gaúcho entrando num ônibus que o levaria para o Mato Grosso. Era um dos colonos de Nonoai - onde na guerra dos miseráveis, índios e colonos, estes perderam. Debaixo do braço, o velho carregava um volume. A repórter da TV lhe perguntou o que era aquilo. Ele mostrou uma bandeira gaúcha - aquela da Revolução Farroupilha. Sim, dizia ele: todos os dias quero ver esta bandeira, lá naquela lonjura para onde vou, para lembrar a minha terra. O velho estava resistindo.

IV

O que se pensar deste Rio Grande do Sul governado por incompetentes biônicos, que expulsam seu povo para "lonjuras"? por não conseguirem resolver os problemas da terra mal dividida? Mais do que nunca está viva a lenda do Negrinho do Pastoreio - aquele que teve o corpo salgado e foi deixado ao lado de um formigueiro... Daquele tempo até hoje o egoísmo dos fazendeiros e do governo dos fazendeiros é o mesmo.

V

Mas se os punhos negros se ergueram em São Paulo, no Rio Grande o povo de Nonoai encontrou uma saída para seu problema. Alguns colonos foram levados nestes novos navios negreiros, os ônibus, para a Terra Distante. Muitas famílias vencendo esta dura incerteza dos camponeses - invadiram as terras de uma fazenda que o governador Brizolla tinha expropriado, há tanto tempo atrás, caso que ficou se arrastando pela justiça dorminhoca, anos e anos...

São os novos tempos, em que a palavra "resistir" se soma ao verbos "lutar e avançar".

PS

Última hora! Última hora! O governo gaúcho se entrega. Decide que os lavradores devem ficar no sul. Há quanto tempo nosso povo desaprendeu a beleza da palavra "vencer"?



pág. 3 a 7
ENTRETO
Cinco páginas de cartas, fotos, denúncias, reportagens, humor, reflexões, futebol, turismo, política, anistia e o diabo...
pág. 8 e 9

CONJUNTURA

Uma análise da Frente Nacional de Redemocratização. Aquela em que não sobrou lugar para os trabalhadores.

pág. 10 e 11

ELEIÇÕES

Como será em 15 de novembro? O que pensam candidatos, líderes sindicais e políticos.

pág. 12 e 15

TORTURA

Uma carta aberta ao general Geisel. Quem escreve é Amadeu Rocha, que relata uma por uma as torturas que sofreu.

pág. 16 a 17

POESIA

Uma antologia de poemas brasileiros sobre a tortura.

pág. 19

ALVORADA

O jornal da prelazia de D. Pedro Casaldáglia. E mais: os trabalhadores da saúde.

pág. 20 e 21

OPERÁRIOS

Depois da greve, os trabalhadores do ABC fazem um balanço do seu movimento. As crônicas da vida operária de Roniwalter Jatobá. E a Boca da Chaminé.

pág. 22 a 24

CAETANO

Vatapá no rio Sena. Alberto Villas fala, de Paris, dos dias que Caetano Veloso andou por lá.

pág. 25

SACO DE GATOS

Ecologia, artistas plásticos e Glênio Peres.

pág. 26 e 27

COOPER

«Quem são os dissidentes?», o último livro de David Cooper.

pág. 28

CIRCO

Luiz Rosemberg Filho e o circo cinematográfico. Roberto Piva e as meditações de emergência.

pág. 29

HISTÓRIAS

Duas histórias exemplares. Um Karl, outro Charles. Max e a censura. Chaplin e um fuzilamento.

pág. 30 e 31

HISTÓRIA

1902: o primeiro manifesto socialista do Brasil.

pág. 32 a 35

AFRO-LATINO-AMÉRICA

O negro está nas ruas. Quatro páginas sobre a manifestação pública de 7 de julho. Os negros foram às ruas!

pág. 36 e 37

AMÉRICA VIVA

Evaldo Diniz, na 36, fala dos novos ventos que sopram em Nossa América. Na página seguinte, a ofensiva popular retomada na AL. E mais Bukharin e o julgamento dos dissidentes russos.

pág. 38 a 40

ARGENTINA

Bernard-Henri Levy foi à Argentina ver a Copa. Foi preso e mandado de volta à França. Eis seu relato...

pág. 41

BOLÍVIA

As eleições bolivianas e o novo quadro político do país.

pág. 42 e 43

PERU

Depois das eleições, a esquerda cresceu e aumentou sua representação no país. Conheça seu programa.

pág. 44

ÚLTIMA CAPA

Rodolfo Konder, de Nova York, relata a histeria americana e a desestatização da espionagem.

Editores: Marcos Faerman, Omar de Barros Filhos, Luiz Egypto, Hamilton Bernardes Cardoso, Jorge Pinheiro. **Editores Assistentes:** Mouzar Benedito, Hélio Goldztein, Percy Galimberti, Júlio Tavares, Neusa Maria Pereira, Cristina Ribeiro, Claudio Willer, Roberval Goulart, Rui Veiga, Vitor Vieira. **Arte:** Carlos Clémén (editor), André Bocatto (assistente). **Fotos:** Rosa Gauditano (editora). **Ilustração:** Jaime Leão, Chico Caruso, Marlene, Michelle, João Zero, Lucio Yutaka Kume, Lúcia Brandão, Ivone Couto, Carlos Vampré, Carlos Matuck, Tacus, Rico, Leib. **Colaboradores:** Roniwalter Jatobá, Antônio Risério, Roberto Piva, Fernando Kolleritz, Souza Lopes, Antônio Carlos Moura, Wilson Prudente, Celso Prudente, Décio Marques, Fernando Peixoto, José Miguel Wisnik, Francisco Weffort, Fernando Morais, João das Neves, Maurício Kubrusly, Cecília Thompson, Isabel Rodriguez, Jacob Klintowitz, Marisa Tafarel Faerman. **Revisão:** Maura Veiga (chefe), Rita de Souza, Suzete de Lourdes. **Rio de Janeiro (sucursal):** Mario Augusto Jaboskind (chefe), Evaldo Diniz, João Costa Filho, Raimundo Sérgio Carneiro, Tamar de Castro, Renato Lemos, Jorge Aquino, Almir Tolentino, Elvira Lobato, Reinaldo Cabral, Miguel Arcanjo, Luiz Rosemberg Filho, H. Júnior, Pedro Porfirio, Eurides, Rose (administração). **Rio Grande do Sul (sucursal):** Eduardo Scatesky (chefe), Paulo de Tarso, Renato Pinto, Paulo Barros, Ana Lúcia Oliveira. **Brasília (sucursal):** Antônio Carlos Ramos (chefe), Beatriz Cleto, Gláucia da Mata Machado, Tê Cruvinel, Luis Antônio da Mota Britto, J.P. Guimarães (fotos). **Minas Gerais (sucursal):** Cléber Cajazeira, Antônio Moreira, João Batista Jorge. **Pernambuco:** Ivan Mauricio. **Exterior:** Eduardo Galeano e Eric Népomuceno (Espanha), Diana Belessi e Abrão Slavutsky, Alberto Villas (França), Niva Prado, Jim Green e Rodolfo Konder (EUA), Daniel Wishinska (México), Galo Khalifé (Equador), Luis Leiria (Portugal). **Diretor Responsável:** Marcos Faerman. **VERSUS** é uma publicação da Editora Versus Ltda. Administração e Redação rua Oscar Freire 2271 - Pinheiros, São Paulo/SP - CEP 05409. Composto e impresso na Empresa Jornalística AFA, av. Liberdade 704, tel. 278-9010. Ano 3, VERSUS 23, julho/agosto 1978. **Distribuição:** Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., rua Teodoro Silva 907, tel. 268-9112, Rio de Janeiro/RJ. **Administração:** Maria José Lourenço, Esther Assinaturas: Lisete Barros, Carlos. **Departamento Jurídico:** Marcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo R. Greenhalgh.

CAPA: criação: C. Clémén foto: Rosa Gauditano

Por que céus já voou este falcão...



Da esquerda para direita: Henrique Teixeira Lott, Ministro da Guerra do Governo Juscelino Kubitschek; João Goulart, Vice-Presidente; Armando Falcão, atual Ministro da Justiça; mulher não identificada; João Vicente, filho de Jango e o atual Senador Amaral Peixoto coberto por uma planta.

Data da foto: 7 de setembro de 1959 — palanque.

Texto para foto:

Otem, hoje e sempre: nada a declarar

Sera que em 1959 o Ministro também nada tinha a declarar?

ou

Era uma vez um 7 de setembro

ou

Sera que nada tem a declarar?

ou

Os arquivos implacáveis

ou

Hay gobierno? Soy a favor...

Mário Augusto Jakobskind

Sucursal do Rio

carta do exílio

O ANTIGO DEPUTADO FEDERAL CARIOCA, PRIMEIRO CASSADO PELO AI-5 ANALISA, EXCLUSIVAMENTE PARA VERSUS, AS REFORMAS GEISELIANAS...

De Lisboa
Marcio Moreira Alves

O pacotinho de reformas democratizantes que o general Geisel encaminhará ao Congresso muda tanto a essência autoritária do regime brasileiro quanto a eleição de um mendigo para ser rei por um dia mudava a essência do poder real absoluto na Idade Média. Esses mendigos, a quem se entregava cetro, coroa e a capacidade de perdoar um condenado, eram os personagens principais da "Festa dos Bobos", que se realizava a 1º de abril. Quase quinze anos depois do nosso fastígio 1º de abril, o que o governo propõe como arremedo de fidelidade aos ideais democráticos que assegura respeitar é uma espécie de fantasia de Luis XV para favelado.

Isso porque: 1 - A essência do poder autoritário é mantida com a criação de um instituto jurídico totalitário, o "estado de emergência", que pode ser decretado pelo Presidente da República sem consulta aos representantes eleitos pelo povo. 2 - A escolha dos chefes do Executivo Federal e dos governadores continua a ser atribuição exclusiva de um punhado de brasileiros, habitantes do Palácio do Planalto, que são os únicos cidadãos com plenos direitos políticos no país. 3 - A liberalização do processo de formação de partidos políticos continua a ser fictícia, de vez que não se garante a liberdade de expressão e não se concede a anistia ampla, única medida capaz de reintegrar todos os brasileiros ao processo de decisões sobre os destinos da nação. 4 - Nem sequer a imunidade dos parlamentares quanto a expressão das suas opiniões políticas, imunidade que está na raiz da formação de todos os parlamentos verdadeiramente representantes do povo, é restabelecida. Os parlamentares continuam a poder ser processados, a arriscarem os seus mandatos se o que disserem no exercício da delegação popular for considerado "atentatório à segurança nacional". Tendo em vista que é o Executivo quem determina o que é ou não é atentatório à segurança nacional, o Congresso continuará a ser um parlamento castrado.

Essas observações sobre pontos sem dúvida importantes não atingem, no entanto, o coração da matéria, que é o caráter extremamente elitista do pacotinho proposto. As medidas que o general Geisel propõe nada têm a ver com os interesses concretos da maioria da população, ainda que algumas delas, como o restabelecimento do habeas corpus, representem uma proteção para todos. Na melhor das hipóteses, atendem às reivindicações de um setor das classes dominantes. Além do restabelecimento do seu direito de eleger os seus governantes, o que interessaria ao povo seria o restabelecimento dos direitos sindicais, do direito à greve, que são os instrumentos através dos quais os trabalhadores podem lutar contra o aumento do custo de vida.

O fato do general Geisel não propor aos brasileiros a devolução da sua cidadania usurpada não quer dizer que os precários direitos que se dispõe a devolver sejam sem importância. Importantes são, mas uma parcela do todo. Cabe lutar para que o resto seja também devolvido.



carta da prisão

AUTINO, CONDENADO À PRISÃO PERPETUA, PEDA A VERSUS QUE A CAMPANHA PELA FAMÍLIA DE SANTANA CONTINUE.

São Paulo, 14 de junho de 1978

Aos amigos de VERSUS,

Reconheço que um pouco atrasada mas ainda atual esta carta para VERSUS que no número 18 (fevereiro/78) lançou uma campanha de solidariedade à família de Júlio Santana, que vive em grande dificuldade após a morte daquele companheiro que faz parte já da turbulenta história do Brasil atual.

Esta campanha nos pareceu, quando tomamos conhecimento dela através de VERSUS, uma grande iniciativa que a nós como preso caberia apoiar.

VERSUS chega ao presídio com certa irregularidade, tendo alguns números sofrido a censura da prisão. Mesmo assim não notamos nos numeros posteriores nenhuma referência a campanha, razão pela qual resolvi escrever a vocês cobrando a continuidade do apelo a solidariedade em favor da família deste que foi o preso político que mais tempo de prisão continua cumpriu em nosso país (cerca de 12 anos) e que deu sua vida em defesa da causa dos explorados e oprimidos em nossa terra.

Ainda neste mesmo número 18 apareceu um artigo de crítica ao livro do professor Moniz Bandeira, pela qual queremos cumprimentar o seu autor, o articulista Fernando Kolleritz.

Talvez esta tenha sido a crítica mais séria feita ao livro de Moniz Bandeira que tem tido grande repercussão se considerarmos como indicador correto as relações dos 10 livros mais vendidos da Revista Veja, na qual ele permanece a vários meses.

Já disse alguém que "a História se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa", talvez seja mesmo por conhecer esta afirmação que o autor do livro tenta nele apresentar o PTB com outra roupagem, e não com a verdadeira de populista que já resultou em tragédia em outros tempos, mas para isso o povo no seu grande saber tem um ditado: "não adianta pintar a galinha de preto que ela não vira urubu".

Seria de grande utilidade que VERSUS continuasse aprofundando a crítica ao livro de Moniz Bandeira que por sua grande divulgação tem levado uma visão errada do que foi o PTB e por conseguinte do período de sua existência, principalmente para a juventude que não viveu o período e sobre o qual a bibliografia existente é extremamente pobre.

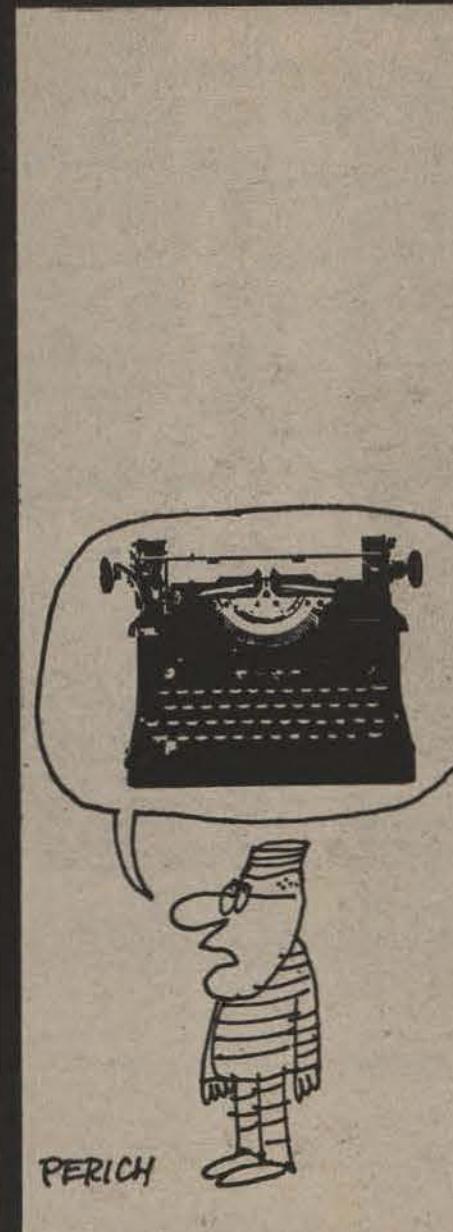
Gostaria ainda de reafirmar o motivo primeiro desta carta, qual seja de conlamar os a dar continuidade a campanha de solidariedade à família de Júlio Santana.

Perdoem o atraso da carta e recebam um abraço do amigo

ALTINO RODRIGUES DANTAS

Junior

Presídio Político de São Paulo
Av. Ten. Júlio Prado Neves, 451
02370 - São Paulo





AS CHAGAS DO AMARAL, O AMARAL DAS CHAGAS... A «OPOSIÇÃO LIBERAL» ESTA ENCHENDO O SACO DA NAÇÃO.

politicagem

O MDB DOS PELEGOS

Wilson de Oliveira
(sucursal Rio)

Há tempo para tudo, tempo de pensar. Tempo de lutar. Tempo de parar. No Rio de Janeiro os dirigentes da Oposição somente têm tempo de aderir. Tempo de se amesquinhar. Tempo de politicar. Tempo de traír. As duas facções em que o MDB fluminense se dividiu, após a fusão dos antigos estados da Guanabara e Rio de Janeiro, serviram apenas de pano de fundo para o carreirismo dos dois caciques que somente fizeram a infelicidade das duas populações durante as suas passagens pelo executivo. O velho Alzirão era uma vocação bastante conhecida, desde a primeira ditadura, quando durante oito anos foi o interventor da terra de

Arariboia. Pensava-se que tivesse redimido com o passar dos anos. O outro, sempre foi um mafioso, que galgou todos os postos políticos através de trapaças, envolvimentos e traições.

Agora, os dois «adversários» de ontem, reunidos pela «habilidade» de Tancredo Neves, estão em campo, desenvoltos, mostrando tudo de que são capazes, inclusive de ferir, desrespeitar e tornar letra morta o programa, a determinação do MDB. Chagas é o candidato indireto ao governo do Rio de Janeiro, voltando ao cargo da mesma maneira que da vez anterior: sem a participação do povo. Amaral Peixoto, no «maior ato de coragem de minha vida», é o «biônico». O velho almirante, que dor mar só conhece as travessias Rio-Niterói nas lúricas barcas da Cantareira, senil nos seus quase 80 anos de idade, deve ter esquecido o «ato de coragem» (audácia?) que foi a sua proeza de 1973.

oposições. Os críticos de ontem viram no Chagas-governador um aliado na luta pela redemocratização. Ele havia prometido ao Tancredo defender os postulados do partido.

Nada mais vão. Nada mais estéril que as promessas da dupla Alzirão-Sapato. Em nenhum passo, Chagas deu demonstrações de se enganjar na oposição. Seus líderes continuam sabotando o programa do partido e as atitudes do homem que passou o Ademar de Barros para trás mostram que ele é um governista e nada tem a ver com o MDB. A visita do general João Batista de Figueiredo a Chagas Freitas, no seu covil da Rua Riachuelo, é o atestado incontestável de que o MDB abriga um traidor em sua legenda.

O acordo Chagas-Amaral (amoral?) contém cláusulas secretas que só os dois caíques conhecem, inclusive, uma que determina a realização da convenção para a escolha dos candidatos às eleições diretas no último dia do prazo legal. A medida foi tomada para garantir os atuais detentores de mandato, impedindo os candidatos novos de conseguirem boas performances em suas campanhas e evitar contestações ao governo.

democratização

Rio:
depois
de 12
anos, cai o pelego

Apesar de todas as manobras realizadas pelo ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio, José Machado, macumunado com o Delegado Regional do Trabalho, Luis Carlos de Brito (este último recentemente expulso da OAB), os jornalistas venceram as eleições sindicais para a nova diretoria, com uma vantagem de 220 votos.

Aos contagem dos votos, em que a chapa da Oposição, "Unidade e Ação", obteve 1067 contra 847 dos partidários de José Machado, o próprio ex-presidente foi obrigado a reconhecer que "as urnas apresentaram a vontade do eleitorado". Nos 12 anos em que ocupou a presidência, José Machado afastou os jornalistas de sua entidade de representação, denunciou profissionais aos órgãos de repressão, chamou choques da polícia para acabar com assembleias que ele mesmo convocara, recorreu-se a defender reivindicações previstas em lei e transformou o Sindicato num instrumento para a realização de seus interesses pessoais. Cumpriu fielmente a sua função de pelego, a tal ponto que muitos jornalistas deixaram de contribuir para o Sindicato.

O caráter da campanha levada pela Oposição pretendeu ser um modelo do que deve ser um sindicato: uma entidade de massa, aberta, voltada para a luta por melhores condições de vida para os trabalhadores e pela conquista da autonomia sindical, da liberdade sindical e do direito de greve, pressupostos indispensáveis para se implantar no país as verdadeiras liberdades democráticas.

A chapa vencedora foi escolhida em eleição direta realizada em todas as redações do Rio e sua atuação está orientada por um programa discutido e aprovado em assembleia geral da categoria. Os pontos fundamentais da carta programática são a luta por um sindicato livre, pela liberdade de imprensa, pelo direito de greve, pelas negociações diretas com os patrões, pelos contratos coletivos de trabalho e em defesa dos direitos dos aposentados.

(Ana Maria Mandim-Rio)

jornalismo/verdade

a censura quis me estrangular!

Hélio Fernandes

Chegar na Tribuna sem censura foi uma experiência nova para mim. Depois de 33 anos de jornalismo (comecei a vida no jornalismo, só fui jornalista, jamais terei outra profissão que não o jornalismo) pensei que morreria estrangulado pela censura. E seria estrangulado mesmo, a palavra não é usada aqui equivocadamente. Quando na Argentina, recebi a notícia de que a censura acabara na Tribuna, não quis saber de Copa do Mundo, só me interessava descobrir quando sairia o primeiro avião para o Brasil, e fiquei até sonhando com um avião que nem passasse pelo Galeão, que chegasse diretamente na redação. Esse avião não existia, mas foi quase. Pois do Galeão (cheguei à noite) vim direto para a redação, onde imediatamente reassumi a direção do jornal, e logo escrevi o primeiro artigo para o dia seguinte.

Esse primeiro artigo foi como todos os que tenho escrito até agora: não me interessa saber a quem vai agradar ou desagradar, se o general tal ou o coronel qual vão gostar ou não vão gostar, se o antigo supervisor da censura da Tribuna, o general Golbery não sei das quantas, vai ficar furioso ou não. Sempre defendi abertamente que jornalismo se faz na oposição.

E desde que me entendo como jornalista, só fiz oposição. E agora sem censura, retomei o caminho de sempre, informando, opinando, lutando acima de tudo e principalmente pela preservação das raízes nacionais.

Durante 10 anos não vim à redação da Tribuna. O que significa que quase não vivi, ou vivi pela metade. Mas enquanto alguns jornais publicam relações de matérias que não podiam publicar, ou telefonemas sobre assuntos proibidos, eu só posso apresentar as cicatrizes dessa luta, mas nenhum vestígio do combate travado, apenas a presença física dos censores no jornal. Jamais aceitei um telefonema, um telex, uma ordem que não fosse dada com a presença da polícia para garantir a ordem. Se viesse a ordem e não viesse a polícia, eu publicaria tudo, não obedeceria a nenhuma restrição, como jamais obedeci.

E ainda agora, se a Liberdade da Tribuna for novamente golpeada, não será pelo telefone, por algum telex vago e sem procedência certa. Aqui, não nos intimidam de maneira alguma. Nos vencem pela força, mas não nos botam para fora do campo com o simples grito de um policial ou o telefonema de um poderoso.

turismo

o IV Reich

A pequena loja de bijuterias nos arredores da Praça Onze em Buenos Aires, uma zona comercial muito movimentada, esconde um tesouro: os restos mortais do Terceiro Reich. E seu proprietário, um velho de óculos redondos e armação dourada, lamenta:

— O que estão fazendo com os nossos em seu país, o Brasil?

O velho vendedor de jóias teme pela sorte de Franz Wagner, o nazista preso no Brasil. E por todos os outros simpatizantes de Adolf Hitler que participaram, no primeiro semestre, de uma reunião em um hotel de Itatiaia para reverenciar sua memória.

O mundo ainda possui centenas de admiradores do nazismo, espalhados por muitos países. Mas nem por isso a cena deixa de ser mais insólita.

Disfarçar é fácil. E o velho me toma por um dos seus. Digo que também estou preocupado com tudo aquilo e ele abre um largo sorriso de dentes perfeitos. Conta que mora na Argentina desde 1928 e que observou a Segunda Guerra Mundial apenas à distância. Prefere não entrar mais em detalhes.

No fundo da loja há um pequeno baú de madeira com reforços de cobre. O velho comerciante abre a tampa com cuidado, remexe medalhas e distintivos que ornamentaram os uniformes dos soldados alemães e volta com uma cruz gamada de ferro; no centro dela,

em alto relevo a inquietante cruz suástica e uma data: 1939.

Saiu duvidoso até da procedência do bonito anel de prata com uma pedra preta que me atraiu ao interior da pequena loja.

Fora, o clima é de uma indistorcível euforia pela vitória recente no Campeonato Mundial de Futebol (dois dias depois da Copa terminar). As lojas de disco e as principais casas comerciais ainda não se cansaram de repetir centenas de vezes os mesmos hinos que os torcedores cantavam nos estádios, empurrando a seleção argentina para o título.

Surpresos, alguns argentinos ainda lembram o delírio com que o público recebeu o presidente da República Jorge Rafael Videla, no momento em que ele entrou no estádio de Rosário, momentos antes da decisiva partida contra a seleção do Peru.

Análiticos, dois jornalistas italianos comentam a fraca presença da seleção brasileira nesse torneio, justificando a derrota e a excessiva preocupação dos jogadores em não cometerem erros, com um sistema rígido e severo imposto a um jogador que sempre se caracterizou pela forma livre de jogar, capaz de criar, de repente, qualquer coisa nova para chegar a uma vitória.

Castilho de Andrade

o cotidiano e o poder

**mas
por que
se joga
tanto?**

MINHA ESPÉCIE ESTÁ
EM VIAS DE EXTINÇÃO:
SOU UM CAPITALISTA.

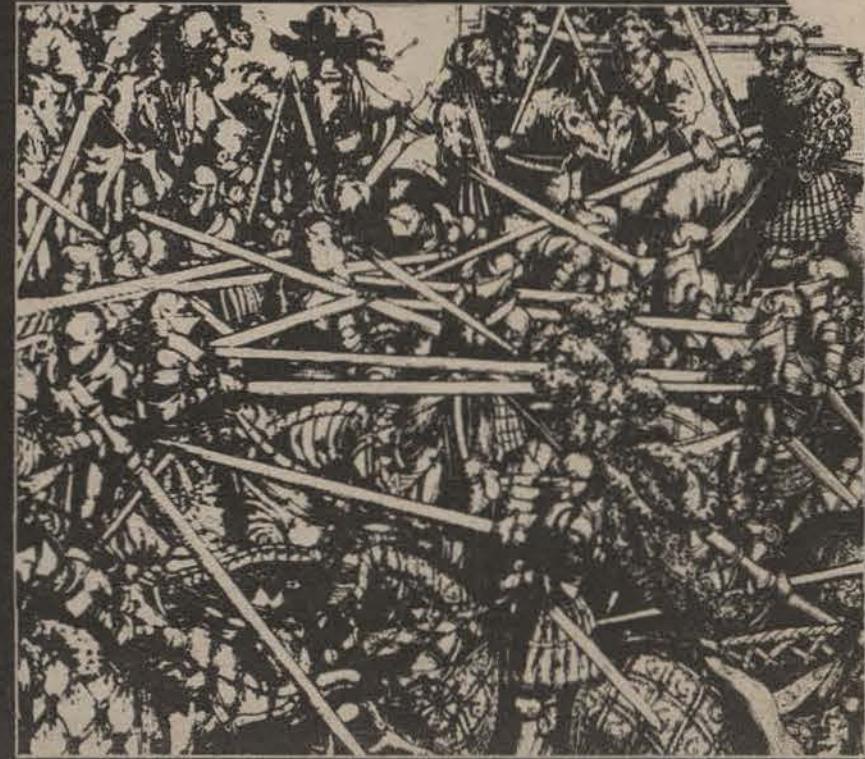


A Loteria Esportiva arrecada por ano a considerável quantia de 7 bilhões e 200 milhões de cruzeiros, aproximadamente. Desse total, apenas 30 por cento retorna às mãos de alguns poucos apostadores. Mas isso ainda não é tudo. No jogo do bicho e no turfe são arrecadadas quantias semelhantes.

Portanto, quase 25 bilhões de cruzeiros retirados da economia popular. E sem contar que estas duas últimas formas de «arrecadação» distribuem ainda menos em prêmios do que a Loteria Esportiva.

Como se tudo isso não bastasse, as loterias federais e estaduais encarregam-se de retirar dos bolsos da economia popular outra significativa parcela anual nunca inferior a dois bilhões de cruzeiros. O retorno deste dinheiro é sempre não superior a 10 por cento, na distribuição de prêmios. Neste levantamento precário, feito com números redondos, fica claro que os mecanismos de apostas recolhem por ano mais de 27 bilhões de cruzeiros novos (o que equivaleria a 27 quatrilhões antigos). Supondo-se que redistribuissem no total cerca de dez por cento, o que equivaleria a dois bilhões e 700 milhões de cruzeiros, o retido ainda seria a fantástica quantia de 25 bilhões de cruzeiros. Descontadas todas as contas de despesas operacionais, o lucro líquido nunca seria inferior a 17 bilhões (850 milhões de dólares) de cruzeiros. Não há dúvida, um negócio de fazer inveja à Mafia ou organizações semelhantes. E também não há dúvida: o melhor espelho da miséria do povo brasileiro. Afinal, é mais do que conhecido que o povo mais joga quando mais sente dificuldade.

Vitor Vieira



futebol a copa da infâmia

por Domingo Forja, jornalista argentino, exilado na Europa.

Junto com o sonho de ganhar na loteria esportiva, em cada família humilde se guarda o segredo desejo de que algum dos garotos chegue a ser um astro do futebol: projetos mágicos acariciando a verdadeira vida que com as patas numa teia de aranha, agita essas tão imaginárias quanto sem voo. Povos oprimidos de frondoso devaneio, reunidos pelo entretenimento da produção capitalista e o consumo primitivo.

O folhetim que acompanhou os primeiros passos da democracia liberal, nas metrópoles, e estimulou a consciência burguesa com a vigorosa pena de Vitor Hugo, Emile Zola, etc., foi substituído, no caso liberal, pela telenovela. Escritores que abriam suas janelas ao século, foram substituídos por escribas que espiam pelo olho da fechadura a vida de seus vizinhos. Desde o futebol dos jogadores ao futebol de gladiadores, que tipo de futebol praticam nossos povos sub-alimentados?

A bola de meia ou de borracha durante a infância, a pelada na hora do almoço como trabalhadores, e finalmente, a fila da loteria esportiva e quando muito a arquibancada com sua patética atividade complementária.

A política, a religião, a filosofia como atividade dos possuidores de cultura, o fanatismo popular dirigido ao futebol, testemunham nosso tempo. E a fraternal disposição do poder das minorias, levantado estádios, países de poucos atores e muitos espectadores, o chauvinismo nacional condensado no futebol, empobrecido, subvertido no futebol não praticado. A Copa do Mundo, de grande importância no mundo ocidental, sob influência inglesa, teve repercussões diferentes, segundo a manipulação política a que essa atividade está submetida. Para o país anfitrião, a Argentina, foi um excelente meio de dispor de fontes de trabalho novas, ante a recessão industrial e a falência de um punhado de pequenas e médias empresas que se sucedeu ao reordenamento econômico realizado nos padrões conhecidos do

Fundo Monetário Internacional: descolonização da economia estatal, privatização das áreas ligadas à saúde, moradia, educação...

Os trabalhos de infra-estrutura para esta acontecimento foram de um porte tal, que poderiam ter construído duas usinas hidro-eletéricas do tamanho da Corpus (há dois anos projetada). Os trabalhadores argentinos ergueram estádios, hotéis, pontes, construiram estradas, remodelaram redes de comunicação, etc. O sistema de transmissão de TV nacional foi equipada com tecnologia alemã, à cores. A moçada revendedora de bandeirinhas e distintivos agradece, os hoteleiros, as casas de espetáculo, os restaurantes, as agências de turismo, os jornalistas, os jogadores de futebol, as modistas das senhoras dos senhores organizados, contentes; enfim, toda a incrível gama de ofícios e instituições beneficiadas pelo Mundial. Agradecem sobretudo o benefício que é para a moral dos povos, ver seus jogadores suficientemente dotados de escrupulos para arrasar as articulações dos atletas adversários, jogo forte, viril, garra desportiva, oh!, a vitória! Um punhado de argentinos jovens que fizeram viver momentos de fervor também os pais, filhos, avós, namoradas e amigos do meio milhão de argentinos jovens que, não por espírito turístico, tiveram que assistir à Copa fora de sua pátria.

No Chile, os estádios de futebol foram utilizados para encarcerar, fuzilar e torturar, oh, a vitória! Na Argentina os estádios de futebol serviram para fazer esquecer, ainda que fugazmente, que no país se joga uma cruel partida onde o povo joga de goleiro com as mãos cortadas.

Me toco ao ver um mar de bandeiras: corria o ano de 1973, nas vésperas do 20 de junho, dia da chegada de Perón. Estava entre os milhares que receberam o líder nacional, em junho como agora. Por ordem do Ministro do Interior, a polícia permaneceu aquartelada, fora desse grande cenário histórico. As bandeiras eram os cobertores com que a juventude se protegia do frio do ama-

ENTRE
POIS

nhecer; a bandeira nacional como roupa, capa, almofada, cobertor, teto, a pétala sempre viva do futuro melhor. Como se a tristeza houvesse ficado para trás, ali estavam. O que aconteceu depois, é causa não suficiente, mas sintoma preciso do mal entendido básico do povo argentino.

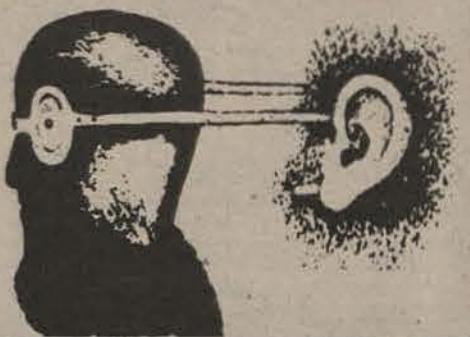
Em junho de 1978 a ditadura militar entregava a Copa à equipe local, deixando encoberta uma montanha de cadáveres como colheita, 10 mil, 20 mil, 30 mil... têm importância as cifras? Sim? Então devo dizer que a idade média das vítimas é 22 anos. Então deve-se recordar que para chegar aos estádios devia-se atravessar três fiscalizações policiais, ou talvez que os assalariados ganham 40% menos do que há cinco anos atrás. Ou que na partida Argentina x Holanda, 10 mil funcionários com suas famílias puderam, graças a Deus, aclamar a seu patrônio e presidente general Videla, e que essa noite a classe média realizou uma celebração nacional, apoteótica, oh, a vitória!

A diferença entre a história do futebol e a história popular é demasiado sombria. Falar de bom futebol em países onde a maioria da população tem os dentes cariados, é uma piada macabra.

(Domingo Forja)

P.S. - Li com pesar que a Copa do Mundo havia ajudado a melhorar a imagem da Argentina. Isso deve ser para os que acreditam que a Argentina é um espetáculo.

épa! as grandes decisões



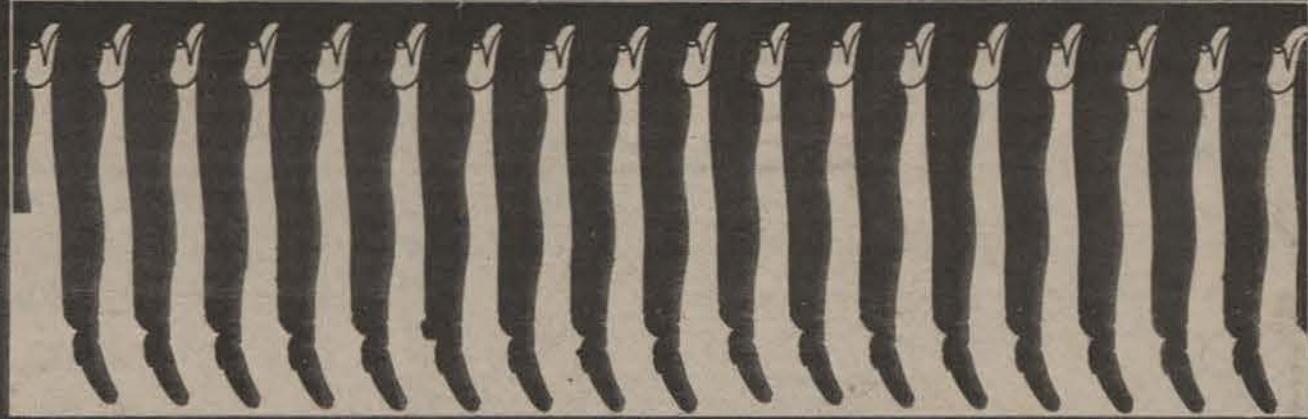
Rio e Janeiro, 05 de maio de 1978

A Redação da Editora VERSUS LTDA.
Rua Capote Valente 376 - Pinheiros - SP

Ao ser solicitada por um colega de trabalho, para fazer uma assinatura de um jornal, e a presente tem por finalidade solicitar o cancelamento de minha assinatura, e que me seja enviado o cupom da mesma. Não me agradou o que li no exemplar enviado, não concordo com nenhum tipo de ideologia importada, não estou de acordo com a formação de nenhum partido. E se minha colega tivesse me dito qual a finalidade do jornal, jamais teria aceito tal assinatura. Minha vida se resume no meu trabalho e na minha casa, não me envolvendo em política, em resumo, não aceito a orientação que é dada ao jornal, e não quero mais continuar recebendo-o. Já externei a minha colega de trabalho a minha opinião, alegando os meus motivos, e aconselhando-a a que não continue a usar do nosso

companheirismo de trabalho, para usar nosso nome em causas que são contrárias ao nosso ponto de vista. Não tenho nem pretendo ter qualquer ligação partidária, cumprindo apenas meu direito de cidadão ao exercer o direito do voto. Esclareço ainda, que, se meu nome for usado como apoiador de movimento, tomarei outras medidas cabíveis, pois não aceito participar de qualquer tipo de política importada de países da cortina de ferro. Vivo em uma terra livre, onde tenho o direito de ir onde quiser e de fazer o que bem entender, dentro da lei. Fui criada dentro de um lar, até constituir o meu, sem qualquer problema, de natureza política, e não vou envolver-me em situações que nem as conheço, o meu coleguismo, levou-me a ajudar uma colega de trabalho, que não esclareceu o tipo de jornal que estava assinando, agora posso afirmar que não o aceito, pois está totalmente fora dos meus princípios.

ANGELY WOLLMANN



Mario Augusto denuncia

Rio, capital da especulação

O Rio é hoje a capital da especulação imobiliária. Diz-se até que na ex-Cidade Maravilhosa todo poder emana do incorporador Sérgio Dourado et cetera e em seu nome é exercido. Quem duvidar que venha ao Rio constatar.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito, destinada a apurar denúncias relacionadas com especulação imobiliária, está em andamento na Câmara Federal. Muitos fatos e evidências a essa CPI foram levados, sobretudo no que diz respeito ao Rio. A grande imprensa do Rio, com exceção da "Tribuna da Imprensa", silêncio sobre os trabalhos da CPI o que vem comprovar o vínculo da imprensa carioca com os grupos imobiliários.

Eis alguns fatos levados ao conhecimento dos parlamentares integrantes da CPI por este repórter:

Quando Governador da Guanabara, Antônio de Pádua Chagas Freitas desapropriou o prédio residencial da rua do Riachuelo, 353, alegando utilidade pública. Hoje, a área ocupada pelo edifício que depois de desapropriado pelo

Decreto "E" nº 6.195 foi demolida servindo de estacionamento para os automóveis de 40 funcionários de "O Dia" e "A Notícia", jornais de propriedade do atual candidato a Governador do Estado do Rio. A sede dos jornais fica a 50 metros de distância da área do edifício demolido.

Também no Governo Chagas Freitas foi quebrado o gabarito da Avenida Rio Branco, a via mais central e uma das mais valorizadas do Rio. O então Governador permitiu a construção do edifício Conde Pereira Carneiro (nome do fundador do "Jornal do Brasil"), de 41 andares. No local funcionava a antiga sede do "JB". Depois dessa generosa concessão, aquele grande órgão de imprensa carioca tornou-se o maior defensor de Chagas Freitas. O pacto foi rompido há poucas semanas.

O "gangster da rua do Riachuelo" (como é denominado Chagas Freitas por pessoas bem informadas, entre elas, o jornalista Hélio Fernandes) também permitiu a edificação do Centro Comercial Cândido Mendes, um atentado ao patrimônio paisagístico do Rio. O mesmo "gangster" autorizou a construção do empreendimento UEB-Center, na entrada do túnel novo, em Botafogo, que vai desestruturar totalmente aquele trecho do bairro.

Para explicar esses fatos foi sugerida a convocação de Chagas Freitas na CPI da especulação imobiliária. Isso poderá acontecer (ou não) em agosto.

Outra denúncia envolve Adolfo Bloch "Editores", que edita, entre outras revistas, a "Manchete". Bloch, na qualidade Presidente da Fundação dos Teatros do Estado do Rio de Janeiro (Funterj), contratou os serviços da Construtora Wrobel para restaurar o Teatro Municipal e construir um novo teatro (da Funterj) na avenida Princesa Isabel, em Copacabana. Um dos proprietários da Construtora, Hélio Wrobel, é sobrinho de Adolfo Bloch, enquanto Julio Niskier, engenheiro responsável pela construção do teatro, é irmão de um dos altos funcionários da Bloch Editores.

Como foi feita a concorrência pública para a restauração do Teatro Municipal e a construção do novo teatro em Copacabana? Quanto o Governo do Estado gastou com a restauração e está gastando com a construção do novo teatro? E o que a CPI deverá apurar.

E então chegamos ao período do atual Prefeito do Rio, Marcos Tito Tamoio da Silva, um boneco-marionete dos grupos imobiliários. O prefeito nomeado autorizou ilegalmente a construção do "Palazzo del Parco", ao lado de uma área tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Município. Uma ação popular subscrita por jornalistas, artistas e demais representantes de setores sociais conseguiram embargar na Justiça a construção.

Foi lembrado também o poder de manipulação do prefeito junto a grande imprensa carioca e a compra de um apartamento na avenida Delfim Moreira, na praia do Leblon, que hoje vale mais de Cr\$ 30 milhões. O incorporador Sérgio Dourado é um dos seus vizinhos.

A grande imprensa carioca vive uma crise financeira e a única atividade econômica do Estado com condições de

minorar essa crise é a da construção imobiliária. Praticamente as únicas fontes de rendas dos jornais do Rio são as incorporadoras, o que cria uma dependência total a esses interesses. O fato se reflete na própria subordinação do noticiário, matéria prima da atividade de jornalística, aos interesses imobiliários. Para enfrentar a dificuldade, os jornais subordinam-se aos grupos imobiliários, que diariamente lhes oferecem faturamento através de anúncios, promoções e apoio a certas questões de interesse único e exclusivo dos incorporadores.

Além da quebra do gabarito da Avenida Rio Branco, com a construção do Edifício Conde Pereira Carneiro, de 41 andares, que fez do "JB" um ardoroso defensor de Chagas Freitas, "O Globo" também entra no esquema.

Roberto Marinho, proprietário de "O Globo" e da TV Globo, teve vetado no Governo Carlos Lacerda o seu projeto imobiliário na área do Parque Lage. Depois disso, "O Globo" deu uma quinada de 180 graus em relação ao então Governador. Passou a ser seu opositor ferrenho. No Governo Chagas Freitas foi o episódio da desapropriação do Parque. O Governador Chagas Freitas não quis pagar a desapropriação a pretexto de falta de verbas. "O Globo" passou então a ser um ferrenho opositor do então Governador.

Há pouco tempo o prefeito marionete Marcos Tamoio concedeu uma licença, digamos, especial, para "O Globo" ampliar sua sede na rua Irlene Marinho. "O Globo" é um defensor ardoroso da administração (putz grila!) Marcos Tamoio.

Sistematicamente encontramos nas páginas de "O Globo" e "Jornal do Brasil" anúncios dos mais poderosos grupos imobiliários do Rio. Nisso não há concorrência entre os dois veículos, da mesma forma que não houve na promoção do Dia de São Conrado (nem o Santo escapou), no ano passado. "O Globo" e TV Globo e o "Jornal do Brasil" badalaram in extremis o Dia do Santo, o que serviu para o lançamento de um conjunto de edifícios naquela valorizada área do Rio.

Antes da entrada na Justiça de uma ação popular para embargar e demolir dois edifícios ao lado do Parque Lage, Walter Fontoura, editor do "JB", confessou a este repórter que vetou um a matéria sobre o "Palazzo del Parco", pois chegou a conclusão que a obra é perfeitamente legal". Matérias sobre o Parque Lage foram sucessivamente vetadas nos dois principais jornais do Rio. Um repórter do "JB" fez uma importante matéria sobre o Parque, ouvindo muitas pessoas e entrevistando o prefeito marionete. A matéria ficou pronta, mas só que não saiu como produto final do trabalho do repórter. Tamoio telefonou para Walter Fontoura para dar uma olhada. O editor aceitou a proposta. O próprio Prefeito e seus assessores mexeram na reportagem, que voltou para o "JB" sendo editada como entregou o prefeito.

Até o dia de hoje (5 de julho de 1978) a grande imprensa carioca não deu uma linha sequer sobre as denúncias. Bloch, Chagas Freitas e o marionete também não. Aguardemos a CPI ir até as últimas consequências. Será?

anistia

"todos de volta até o natal"

Gláucia da Matta Machado

O PLANALTO DIZ, NO PACOTÃO DE JUNHO: OS BANIDOS PODEM VOLTAR. E DECRETA O FIM DO BANIMENTO. O QUE SIGNIFICA TAL DECLARAÇÃO? E SOBRE A ANISTIA, O QUE DIZ O PACOTÃO?

A Anistia, como palavra de ordem, já sensibilizou diversos setores da população. A adjetivação que sofreu fez com que se formassem grupos pró "ampla, geral e irrestrita" (como os CBAs e os MFPAs); pró "restrita" (a grande imprensa, declaradamente os jornais do Brasil, o Globo, o Estadão e a Folha de São Paulo); e pró "recíproca" (general Pery Bevilacqua, senador Marcos Freire, entre outros).

Mas ela continua unindo, ainda que dispersamente. A explicação do paradoxo é simples: os comitês têm o mesmo objetivo, a mesma palavra de ordem; desenvolvem, basicamente, o mesmo programa mas atuam regionalmente, sem conhecimento das atividades dos outros comitês e sem levar um programa conjunto e comum; isoladamente e individualmente tentam atingir o objetivo que é nacional.

Já se pode concluir que a união em cima de apenas uma palavra de ordem não é o bastante. As reformas do governo vêm tentar responder às pressões exercidas inclusive pelos movimentos pró anistia e tentar ocupar os espaços conquistados. Mas as reformas não se referem à ela. Apenas revogam o banimento que, antes de resolver um dos itens das reivindicações dos movimentos de anistia, mantém os banidos na mesma situação jurídica excepcional. Ou seja, ao pisarem aqui serão presos os que já foram julgados e condenados; ou julgados

aqueles que ainda não o foram. Porque o banido não está sujeito à prescrição da pena ou do julgamento, como prevê o Código Penal Brasileiro para os criminosos comuns.

E significativo que o governo, em resposta às pressões, não se preocupasse com as reivindicações pela anistia. Em agosto, findo o recesso parlamentar, o Congresso se reunirá para debater as reformas e apresentar emendas - ainda que num jogo de cartas marcadas onde o planalto já se pronunciou refratário a qualquer acréscimo que mude, em substância, as reformas. Em agosto, caso os comitês e movimentos pela anistia, não façam nada em contrário, o assunto não estará em pauta.

A Convergência Socialista propôs, no lançamento do Comitê Brasileiro pela Anistia - Distrito Federal, a retomada da Campanha "Todos de Volta até o Natal", lançada, no inicio do ano, pela Comissão Justiça e Paz, de São Paulo. Entende-se como "volta" a dos banidos e exilados ao país; dos presos, ao lar; dos cassados e demitidos, ao trabalho; e da democracia, ao Brasil.

O CBA EM BRASÍLIA

O Comitê de Brasília prevê, em seus estatutos, a luta pela redemocratização do país. Entendendo que uma anistia - mesmo que ampla, geral e irrestrita - não basta para assegurar as garantias individuais - tomando o Chile, o Peru e

a Bolívia como advertência, onde os anistiados permaneceram vulneráveis aos atos discricionários do governo, e foram atingidos por eles - o Comitê vai lutar também pelo adequado cumprimento da "Declaração dos Direitos Humanos", pela reintegração do povo brasileiro ao Estado de Direito e pela observância do dispositivo constitucional que proíbe a discriminação ideológica.

A sessão de lançamento do CBA-DF foi dedicada a todos os presos, desaparecidos e mortos pelo regime, desde 1964, na pessoa de Honestino Guimarães, ex-presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB), desaparecido desde 1973 quando foi visto, pela última vez, nas dependências da Operação Bandeirantes, em São Paulo. Espontaneamente, o auditório se levantou, quando o presidente do CBA, jornalista Pompeu de Souza anunciou, e em vez do tradicional minuto de silêncio, seguiu-se um longo e emocionado aplauso.

A mesa, além de Pompeu, o Bispo de Goiás Velho, Dom Tomás Balduíno; a presidente do CBA-Rio, advogada Eny Moreira; o representante do CBA-São Paulo, Advogado Luiz Eduardo Greenhalgh; e os deputados Ayrton Soares (MDB-SP, da comissão de direitos humanos da Câmara) e J.G. de Araújo Jorge, apoiando a Convergência Socialista.

Dom Tomás, convidado especial foi o último orador do lançamento do CBA. Ele disse:

— «Os índios e os lavradores também precisam ser anistiados desse regime que lhes toma as terras, defendendo os interesses dos latifundiários. É preciso deixar bem claro que o projeto de emancipação do índio, proposto pelo governo e executado pela Funai, significa a emancipação das suas terras. Há dez milhões de lavradores sem terras, segundo dados do Incra. Os lavradores e os índios expulsos, sem opção, vão formar um fenômeno novo nas pequenas cidades do interior goiano que, de pobres, passam a apresentar um quadro miserável com o surgimento de favelas nas beiras das estradas».

(sucursal Brasília)

DE OLHOS NA TRILHA

(sobre o livro de Frei Betto)

Somente agora tive a oportunidade de ler o livro de Frei Betto, "Cartas da Prisão", e saio de sua leitura mais convencido do que anteriores, de que vale a pena lutar por mais liberdade, amor, pão e justiça. O testemunho sincero e contundente deste moço que passou por várias prisões e que sendo um preso político, foi colocado com presos comuns e que apesar disso não foi julgado pela justiça comum e sim militar, nos leva, principalmente a nós operários conscientes, a momentos de reflexão mais profunda, reflexão esta que nos dá a certeza de que afinal não estamos tão sós como parece, quando supomos, que na trilha da libertação, outros não estão caminhando ao nosso lado. O livro todo é um grande momento da História que vivemos e nos fornece motivos amplos de firmarmos cada vez mais nossos olhos no futuro de liberdade que espera pela humanidade porque nós operários, camponeses, estudantes, intelectuais e religiosos de nossa sofrida e explorada América Latina, não devemos desanimar nem desesperar porque tudo indica que estamos lançando as sementes de uma nova era. Quando o homem descobre e proclama que está preso é que encontra a total liberdade; quando mesmo dentro da prisão consegue provar que o homem pode ser útil, quando é capaz de suportar dores e humilhações e mesmo assim manter a fé numa Terra Prometida e não odiar aqueles que o ferem, então é porque de todas as riquezas existentes na terra, o ser humano é ainda o que de melhor existe para depósito das esperanças de liberdade e de paz.

Acabada a leitura deste excelente livro, fica a certeza de que não é com lamentações e nem com fugas covardes, que modificaremos a vida do nosso País, mas com dedicação a uma causa que consideramos justa: a erradicação da miséria da face de nossa Pátria. Parece-me que quem não concorda com isso, o mínimo, que deve fazer é não atrapalhar, e não colocar obstáculos no nosso caminho além daqueles que já temos. O que devem fazer é "pegar o boné e dar no pé".

"O que é rima não é solução", diz o Frei Betto, mas há ocasiões em que a rima confere às nossas palavras o melhor sentido, que o digam os repentistas do nordeste.

"A questão da justiça é o que mais me preocupa e é por ela que estou aqui", avisa Frei Betto do fundo do presídio Tiradentes (ironia da história)

ria: o nome do mártir da independência para uma prisão) e fica claro que em qualquer lugar que estejamos, igreja, fábrica, escola, campo ou prisão esta deve ser a nossa preocupação primeira: justiça. Porque só através dela é que pode-se estabelecer padrões de comportamento em relação a outros temas que nos preocupam. O que não podemos é ficar de braços cruzados. Além disso não podemos ficar apenas no campo das idéias, das teorizações sem fim, das conversas infundáveis que não levam a nada. É preciso nos situarmos no campo da prática, no nosso meio de trabalho com força, expressão e representatividade suficientes para sair do atoleiro histórico no qual estamos.

O livro de Frei Betto é, sem dúvida alguma, uma injeção de ânimo, de esperança e sobretudo de certeza de que nem tudo está perdido, apesar dos tiros, das prisões e das torturas.

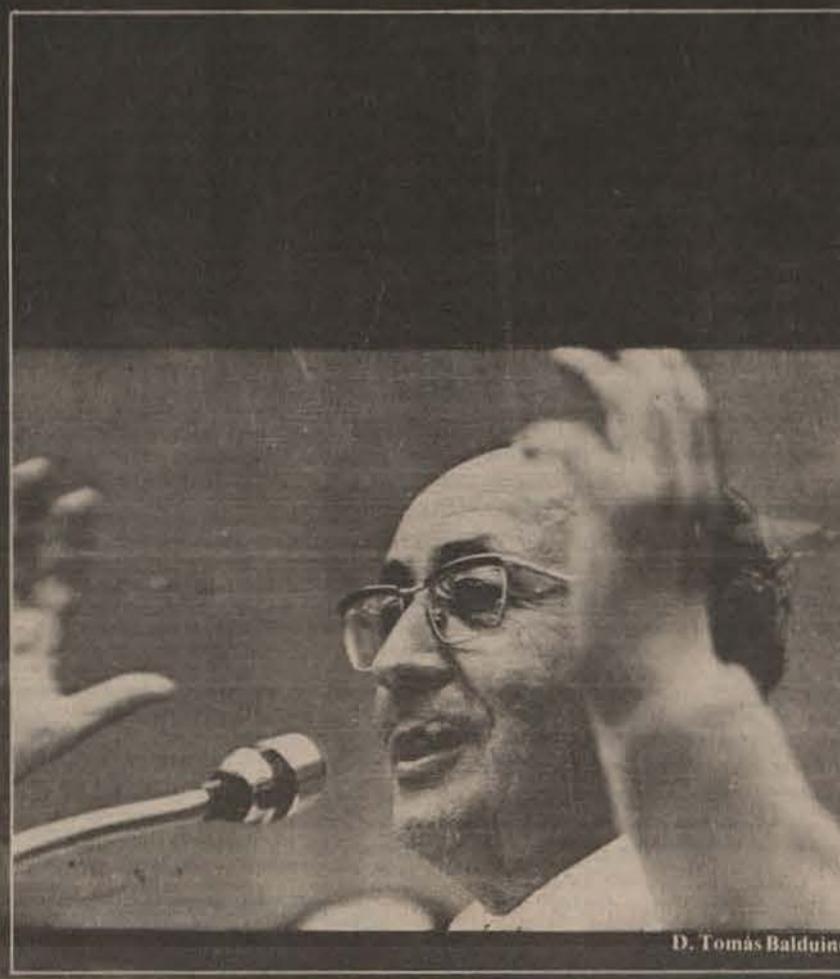
Monteiro Lobato escreveu que "um tiro jamais matará uma idéia", e Carlos Heitor Cony, muitos anos depois no seu "Ato e o Fato", acrescentava ... "quando um povo comece a chorar é sinal que desse pranto nascerão gigantes que tornarão insignificantes o minuto e os pigmeus que nos oprimem e mutilam". Agora, nas "Cartas da Prisão", Frei Betto diz "idéias não se deixam acorrentar e nem se matam com tiros".

Todos enfim, na mesma busca da liberdade, denunciando o arbitrio, e é isso que dá a certeza da libertação final, porque não é com decretos discricionários e com atos de prepotência que estancarão a história de um povo cujo destino é criar uma pátria de liberdade.

O momento que vivemos, cheio de misérias, preconceitos e violências, não representa nem meia hora na espiral do giro da roda da História. O que é difícil para nós é que estamos vivendo essa meia hora e que por não sermos igual a Frei Betto, não sabermos perdoar sempre, mas há de ficar na nossa lembrança seu exemplo edificante.

De qualquer forma, perdoando ou não, temos consciência de que é urgente tomarmos nas mãos o trabalho da libertação devotando os anos mais belos e mais frutíferos de nossa existência, para que a paisagem do amanhã seja mais bela, com o povo cantando nas ruas, com a paz finalmente deixando de ser uma ilusão.

E. Santiago (operário metalúrgico)



D. Tomás Balduíno



COMO DIZIA O SAMBA...

por Jorge Pinheiro

30 DIAS nacional

E o divisível se dividiu. Como só pode acontecer quando se tenta fazer acordos políticos sem precisar bem os fins e os meios. E mais ainda: quando se tenta criar um movimento-hidra, com cada cabeça pensando a sua redemocratização.

Foi o que aconteceu com a FNR. Euler Bentes Monteiro, Severo Gomes, Magalhães Pinto e Ulisses Guimarães, apesar dos sorrisos, dos abraços e da boa vontade têm projetos diferentes. E como dizíamos há um mês, «o próprio objetivo dessa frente vem variando de acordo com a posição que cada um desses grupos expressam: alguns buscam apenas pressionar o governo para que este acelere o ritmo das aberturas, aceitando, inclusive, compor com o candidato oficial, se este se comprometer a realizar reformas satisfatórias. Outros parecem dispostos - partindo das declarações que estão sendo feitas publicamente - a «virar a mesa», para impedir a posse do chefe do SNI.»

E dizíamos mais: «é preciso ver qual a alternativa que vai se impor. E isso dependerá não apenas das diversas forças que compõem a frente, mas também das atividades do general Figueiredo».

- Nós, as elites -

Com a saída de Magalhães Pinto a FNR sofreu seu primeiro revés. E é exatamente este revés que nos deve levar a pensar. Afinal, que saídas políticas esta FNR nos oferece? E por que ainda está tão tímida? Como general Euler Bentes Monteiro vinha dizendo há muito tempo, esta é uma frente de elites. Estas elites, quando organizadas, deveriam sensibilizar as massas para a necessidade da redemocratização. Assim, desde seu primeiro momento a FNR não se colocou como tarefa a mobilização dos trabalhadores e das massas. Preferiu tentar organizar as elites e a partir daí chegar às massas.

Mas, quem são as elites no Brasil? Nós entendemos que as chamadas elites dissidentes, ou de oposição, estão sendo formadas principalmente por setores burgueses deslocados (ou periféricos em relação aos setores dinâmicos e de base da economia), pela intelectualidade cooptada parcialmente a partir das

«Sai de baixo, senão eu vou passar por cima
sai da frente, senão ela vai te atropelar...»



CLAUDIA LESSIN RODRIGUES
OU COMO ILUDIR O POVO

Enquanto Michel Frank goza das delícias do verão suíço, os pais desta cidade, coitados, quase sempre tão ocupados, nunca deverão esquecer o nome de sua possível vítima. Por que os pais? O Ministério da Justiça já esqueceu, as manchetes dos jornais ideiam... Vamos por partes. Por que não lembrar o preço de uma passagem para a Suíça, ou qualquer parte do mundo, tradicionalmente tão hospitalaria? Por que não lembrar as vantagens de ser industrial? Por que não lembrar que qualquer milhão de dólares compra a incompetência policial, geralmente tão eficaz? Infelizmente a maioria dos pais desta cidade, e de todas as outras, ainda paga as prestações do televisor ou o aluguel vencido faz alguns dias. Infelizmente.

(C.R.)

pressões do consumo - altos salários, por exemplo - e muito possivelmente por setores apelegados da estrutura sindical.

Ora, até certo ponto havia uma coerência nesta frente. Euler Bentes Monteiro, Severo Gomes e mesmo Ulisses Guimarães, apesar dos matizes distintos, refletem estes setores periféricos da burguesia brasileira, que pensam ainda numa variante nacionalista, mais autônoma ou mesmo sindical-trabalhista para o capitalismo brasileiro.

Mas, Magalhães Pinto não. Como homem ligado ao capital financeiro internacional, ele reflete os interesses dos grandes capitalistas brasileiros, dos setores ligados às indústrias dinâmicas, aos grandes bancos, ao latifúndio.

Dai que, mais do que nunca, Magalhães utilizou seu prestígio para pressionar, para barganhar, jogando com um coringa na manga, disposto a negociar no momento preciso. E o momento chegou com o novo pacote de reformas de Geisel e com as promessas aberturistas de Figueiredo.

-O Descaminho do isolamento-

Ora, a pedra no caminho da FNR é exatamente o tipo de frente que está propondo. As elites dissidentes hoje no Brasil, além de restritas, surgem fundamentalmente do próprio fracionamento da estrutura de poder. E, por isso, já nascem castadas.

E como a grande burguesia, principalmente a paulista, não quer desestabilizar o governo Geisel-Figueiredo, mas conseguir concessões ao nível do próprio poder, a FNR se vê num mato sem cachorro.

Não tem o apoio dos setores burgueses fundamentais, embora estes a utilizem. O que conseguiu aglutinar em termos de elites é insuficiente para sensibilizar o conjunto dos trabalhadores do país. E, como não quer mobilizar os explorados, criando um amplo movimento de massa pelo fim imediato do governo discriminário, acabou seguindo o descaminho do isolamento. Ao menos por ora.

Assim, nesse momento, quem se fortalece é exatamente o general Figueiredo, que tem o apoio — por enquanto tático — dos setores fundamentais do empresariado paulista e nacional e que pode, até mesmo, em cima da proposta de reformas, dividir o MDB.

VENDENDO A ALMA

Tudo ia na santa paz de Deus na alegre província do Rio de Janeiro. Autênticos de um lado, Amaral no meio e o senhor Chagas Freitas e seus adeptos de outro. Não que Amaral fosse o divisor de águas, longe disso, mas a flexibilidade natural do velho cacique faz do centro uma posição vantajosa. Isto é tão certo que num ato de bravura - qualificação dele, não nossa, diga-se de passagem - deu o braço ao antigo rival e saíram juntos na disputa bônica. Governador um, senador outro. Distribuídos assim os cargos, na platéia quase todos aplaudiram. Na melhor das hipóteses fingiram ignorar. Autênticos, neo-autênticos, quase-quase-autênticos e inventados adesistas, todos juntos, com brilhantes e raras excessões.

Mas não tem nada não. Os autênticos garantiram suas legendas e o povão do Rio de Janeiro já pode dormir em paz. Têm vereadores autênticos, senadores autênticos, deputados autênticos. E um autêntico salafrião no governo estadual. Vida dura essa de político, não? (C.R.).

E a SBPC, hein?

O XXX encontro anual da SBPC, realizado na USP, em julho, não foi um evento político. Isto é importante e positivo. O congresso científico, em outros anos, era uma explosão tiro num quarto fechado. O quarto é o Brasil mesmo, a nação sufocada pelo totalitarismo. Todas as vozes caladas, à exceção de alguns emedebistas, quem podia falar com riscos eram os intelectuais. O movimento estudantil, em algumas ocasiões, se articulava com este setor, e pesou significativamente no polo crítico. Mas o ME, como se sabe, historicamente vive em fluxos e refluxos. E a hora, agora, é a de cristalização de algumas conquistas, mas não é de crescimento do movimento.

Voltemos aos intelectuais. Naquela hora do quarto fechado, como se ouvia suas vozes! Eles cumpriam um papel até mesmo acima de suas forças, do ponto de vista social e de classe, no trabalho de compreensão, descrição e resistência. No fogo da polêmica, alguns chegaram a uma crítica bem formulada dos impasses da oposição liberal, configurando a possibilidade da opção socialista. MAS 78 trouxe muitos pratos à mesa.

Na crise da ditadura, dividida a burguesia, com os reflexos desta divisão em todos os setores do Poder e da sociedade, ouvi-se, na cena, a voz da classe operária, através das suas formas particulares de intervenção - e a greve é a mais clara. A classe trabalhadora abre, assim, espaço para o avanço da própria discussão - da discussão teórica, voltada para a realidade prática. Ai é que são elas.

E os intelectuais continuam discutindo neste 78 o que discutiam em 77, em 76, em 75... É só entrar na máquina do tempo para ver que isto é verdade. Ah, os tempos mudaram!

Por isto, a XXX SBPC teve uma repercussão muito menor, do ponto de vista teórico/político. Mas o bonde continua andando. (M.F.).

ROSALICE LIVRE

«Não sei quando realmente se iniciou minha participação política, acho que foi quando comecei a perceber o que ocorria na comunidade na qual sempre vivi».

Foram duros esses anos. O tempo parecia dar voltas e não sair do lugar. A imobilidade obrigatória enquanto o pensamento voava.

«Dai em diante, à medida que tomava conhecimento do porquê destes acontecimentos, nunca me desliguei do movimento operário».

Os estudantes brigando, os trabalhadores em greve e o desejo de estar lá também, no meio da luta. Foram longos esses dois anos.

«No dia 30 de abril, à tarde, me encapuzaram e me levaram a um local desconhecido, que mais tarde vim a saber ser o DOI-CODI do I Exército...»

Rosalice Fernandes, deputada estadual pelo MDB, cumprindo pena em Bangú desde 23 de junho de 1977, acusada de subversão por tentativa de distribuir notícias de seu partido na concentração de 1º de Maio em Volta Redonda.

«Lá chegando fui recebida por dezenas de homens, que, entre ameaças e garrulhadas, liam a Declaração dos Direitos do Homem, dizendo que ela nada significava, e que queriam ver novamente denúncias às violações daquela Declaração.»

Rosalice deixa o Presídio Talavera Braga em agosto. Mais uma companheira socialista para lutar pela liberdade dos companheiros ainda presos, dos que estão longe, dos que não podem falar.

Rosalice livre. Você fez falta! (C.R.).



Vendo a coisa sob este prisma, e sem nenhuma sectarismo, podemos dizer que FNR só ajudou a confundiu a dissidência a oposição, principalmente as esquerdas.

Como Hamlet, as esquerdas brasileiras - com raras exceções ainda estão à procura de grandes revelações. E foi exatamente este sebastianismo que levou grandes setores a esperarem da FNR muito mais do que ela podia oferecer. Não entendendo que sua proposta de democracia é confusa e distante. Ou, como disse o próprio general Euler, um projeto para ser cumprido em três anos de governo. E quem garante? Isso ele não respondeu, infelizmente.

-A proposta socialista-

E se a Frente não é a saída, onde está a saída?

Para os trabalhadores não há diferença entre o projeto Figueiredo e a proposta de Euler. Aliás, aqui, a teoria do mal menor acaba virando, na prática, a teoria do mal melhor para burguesia. Afinal, nem Euler, nem Figueiredo podem apresentar um plano de transformações sociais, que resolvam os problemas estruturais do país.

E a democracia vira democracia de palavra, quando não há aumento de salários, que realmente acompanham a inflação, quando não há sindicatos livres, quando não há uma central sindical construída pelos trabalhadores e quando estes mesmos trabalhadores não podem ter os seus partidos reconhecidos legalmente.

Daí, que a saída só pode ser uma: os próprios trabalhadores continuarem lutando por sua independência sindical e política. E o que significa isso? Significa que a luta por melhores condições de vida e de trabalho apenas começou. Significa que estamos apenas dando os primeiros passos na conquista de nos-

sos sindicatos e na reorganização de nossos partidos.

E com estes instrumentos reconstruídos teremos, então, as condições necessárias para começar a lutar por um governo verdadeiramente dos trabalhadores, que surja de seus organismos sindicais e de seus partidos políticos legalizados.

SURREALISMO FANTÁSTICO

É uma pena que os escritores de ficção ainda não tenham aproveitado os grandes dotes da polícia neste campo. Em particular da Polícia Federal do Recife. Imagine que agora se empenham em provar as ligações do estudante Edval Nunes da Silva, o Cajá, preso recentemente, com Ricardo Zaratini, deste com Dom Hélder e de Dom Hélder com o terrível «sequestrador» do consul mexicano, e ainda, deste com as «Brigadas Vermelhas». Só não conseguem explicar as constantes denúncias de torturas, os desaparecimentos e as mortes «suicidas» em seus estabelecimentos. Nem responderam ao desafio de Idibal Piveta, advogado de Cafá, exigindo seu aparecimento público para falar sobre o tratamento que vem recebendo.

Cajá, depois de sofrer todos os tipos de tortura, detido há mais de sessenta dias, tem sido contantemente submetido à violentos interrogatórios, na tentativa de enquadrá-lo na Lei de Segurança Nacional. Enquanto isso os ideólogos da grande conspiração internacional, o governador de Pernambuco, Moura Cavalcanti, e o Diretor Superintendente da Polícia Federal, José Antônio Hanm, desenvolvem os capítulos seguintes da envolvente trama. E o velho Marx que se cuide, pois no reino do irreal até os mortos ressuscitam. (C.R.),

OS APUROS DE UM PELEGO

O tempo passa, as coisas mudam, e o senhor Joaquim dos Santos, pelegão velho de guerra, não muda mesmo. Interventor nos anos de 68, prossegue até hoje sua brilhante carreira, sob os olhares protetores dos poderosos de plantão. Mas, seu Joaquim, o mundo já deu voltas. Hoje, quase 150 mil operários entraram em greve e não toleram mais na direção de seus sindicatos inúteis fantoches oficiais; as chapas de oposição dos metalúrgicos de São Paulo ganham cada vez mais apoio entre os trabalhadores; e, marmeladas grotescas, como as praticadas durante as últimas eleições, nem a Justiça do Trabalho engole mais. Conclusão: eleições sujas. Para o desespero do pelegão que caiu em campo, redobrando suas acusações policiais contra as chapas 2 e 3, espumando de ira. Se trabalhador caisse no conto do vigário do ouro de Moscou, não haveria mais esquerda nesse país. E hoje, seu Joaquim, trabalhador sabe mesmo que no ouro vem é dos fundos quase sempre ilícitos dos poderosos nacionais. E garantimos que não enchem o bolso das oposições. (C.R.).



Mouzar Benedito

DÓLAR FURADO

BENEFICIÁRIOS INDIRETOS

No Gessy Lever, enquanto os operários faziam greve, os funcionários do escritório, sem parar de trabalhar, apenas levantavam o polegar como «apoio moral» aos grevistas. Esperavam a vitória dos operários (e um aumento automático para eles também) mas não queriam se comprometer. Mais uma vez a classe média ficou em cima do muro, «na moita», ou qualquer coisa assim.

Já tem gente dando sugestão: aumento só para os grevistas.

A EMENDA PIOR QUE O SONETO

Em 1964, quando deflagrou o movimento de 31 de março, entre outros motivos, Magalhães Pinto justificou: o governo federal estava provocando o esvaziamento econômico de Minas. Naquela época, a maioria dos grandes bancos brasileiros tinha sede naquele estado.

Passados 14 anos — veja o que deu, Magalhães — o único banco mineiro entre os dez maiores do país é o seu mesmo, o Nacional.



PESTE SUÍNA

Estão matando os porcos a cacetada! Porco lembra sujeira, sujeira lembra corrupção... Epa, epa, será que São Paulo ficará sem governador para o próximo mandato?

BATIDA RELATIVA

Dia 6 de julho, Figueiredo deu no bairro do Botafogo, no Rio, uma amostra de como será seu futuro governo democrático-relativo. Seu carro saiu descuidadamente do estacionamento e bateu em um táxi. O dono do táxi quis receber uma indenização pelo pâra-choques amassado e conseguiu apenas uma prensa da segurança do general.

Na democracia relativa, o povo tá aí é para ser atropelado mesmo. E sem reclamações.

SUBNUTRIDOS, MAS ASSANHADOS

A colheita de muitos produtos agrícolas está sendo bem menor em 1978, em relação ao ano passado. O arroz, por exemplo, que teve uma safra de 8.400 mil toneladas em 1977, este ano baixou para 7.500 mil toneladas. Isso significa que o seu preço ficará mais alto e que comeremos menos. Em compensação, a produção de amendoim aumentou de 238 mil para 276 mil toneladas, o que — por sua vez — significa que, se não houver um aumento de produção de anticoncepcionais, a população aumentará seu ritmo de crescimento, pois com pouca comida e muitos amendoins as atividades horizontais estarão em franca ascensão.

eleições: O QUE FAZER?

(resposta de Marcílio, Lula, Liberdade e Luta, Novo Rumo Socialista, Fernando Moraes e Américo Copetti)

Há anos um companheiro de idas e vindas defendia a sua posição de voto nulo com uma declaração de princípios: "no Brasil, a revolução não passa, nem nunca passou, pelo parlamento. Daí que eu sempre votei e sempre vou votar nulo".

E não discutimos mais, afinal depois de uma declaração tão definida, não havia muito o que dizer. Esta era a sua profissão de fé e eu a engoli como fato consumado.

Agora, de novo, o país começa a discutir candidatos e eleições. E, mais uma vez, somos obrigados a repensar o assunto. Ver se é verdade que as eleições não representam nada em nosso país, ou se elas são uma forma de protesto, de acumulação de forças e quem sabe, até mesmo, uma pedra importante na construção do futuro.

Esta discussão — se as eleições podem ajudar ou não na caminhada democrática — só pode ser feita sob um prisma de esquerda e sob um enfoque oposicionista. E aqui não vamos discutir exatamente o que seria esquerda hoje no Brasil, aceitando o termo de forma genérica e ampla, num espectro que se não é muito científico, ao menos reflete na realidade aqueles setores que de forma coerente e durante anos fizeram uma constante oposição ao regime militar.

OS ESTUDANTES

A universidade, nos últimos anos, tem sido um dos setores rebeldes da sociedade brasileira. Ela resistiu ao regime discricionário utilizando os mais variados métodos. Muitas vezes foi derrotada e algumas vezes conseguiu vitórias importantes, como são hoje os centros acadêmicos, os diretórios centrais, as uniões estudantis e quem sabe — futuramente — a união nacional.

Foi a partir da própria importância do movimento estudantil, que entrevistamos duas correntes do movimento, que sintetizam hoje, embora de maneira diferente, duas posições bem claras.

A primeira corrente é Liberdade e Luta, que ocupa atualmente a diretoria do DCE da USP, e a segunda é o Novo Rumo Socialista, que dirige a União Metropolitana dos Estudantes de São Carlos.

Afirmam os companheiros de Liberdade e Luta:

"A diretoria do DCE-USP entende que os estudantes devem cerrar fileiras junto ao movimento que fazem os trabalhadores, assumindo a luta pela construção de um Partido Operário, criado a partir das lutas concretas dos trabalhadores e combatendo os apelos burgueses e pequeno-burgueses que tentam acaudilar o movimento de massas para os organismos controlados pela burguesia, como é o MDB."

"Votar no MDB é na prática reforçar um canal criado pela ditadura para conter o movimento dos trabalhadores e fazê-los abandonar a luta pela construção de seu partido autêntico. As tendências do movimento



estudantil — Refazendo, Caminhando e Novo Rumo Socialista justificam das maneiras mais esdrúxulas seu apoio ao MDB: "votar em candidatos populares" (Refazendo), ou "votar em candidatos progressistas" (Caminhando), ou "votar em candidatos socialistas" (NRS). Cabe algumas perguntas: onde estão os candidatos "populares e progressistas" apoiados e eleitos em 1976? O que fizeram para auxiliar os trabalhadores na luta contra o arrocho salarial? A estas e outras muitas perguntas, respondemos: Nada, pois estão submetidos a um organismo controlado pela burguesia e engolfados em suas próprias pernas.

A coerência de posição com relação ao voto do MDB é uma questão importante?

"Se Refazendo e Caminhando sempre apoiaram o MDB, o NRS se pauta pelo zig-zag: 74 voto no MDB, afinal "todo mundo vai votar"; 76 voto nulo, "agora está desacreditado"; 78 "construir uma tendência socialista no MDB": voto no MDB. Ora, este não é senão um método extremamente oportunista, de "bailar conforme a música e a moda"?"

"Firmemente mantemos a nossa posição de lutar pela constituição democrática e soberana e pelo voto nulo nas eleições farsantes, desde 1974, por entendermos que a independência do movimento estudantil perante a burguesia é uma questão fundamental e nessa conjuntura, assembleia constituinte democrática e soberana é a resposta do movimento de massas para sua organização na luta pelo fim da ditadura militar".

E os companheiros do Novo Rumo Socialista explicam a sua visão das próximas eleições de novembro:

"Se nos anos anteriores os setores descontentes com o governo militar ainda estavam bastante desorganizados e as mobilizações se concentravam quase que exclusivamente no movimento estudantil, hoje nos encontramos, com o avanço das lutas dos trabalhadores, num momento de definição, de propostas de novos rumos para o conjunto da sociedade.

"E não é à toa que surgem exatamente agora propostas como a da FNR, a discussão das reformas ou a tese de que é preciso reforçar o MDB. Tudo isto nasce do momento político, que é de crise do governo militar e que tem como encruzilhada as eleições de 15 de novembro.

"Dessa maneira, as eleições de 15 de novembro servirão de forma significativa para que os trabalhadores possam discutir, opinar e participar dos rumos, novos sem dúvida, que eles querem dar para a superação da crise econômica e política da sociedade brasileira.

E qual é a posição do NRS?

"A nosso ver duas grandes tarefas devem ser cumpridas pelo movimento de massas — e aqui as esquerdas têm uma grande responsabilidade, quer por sua omissão, quer por seu engajamento militar.

"A primeira é continuar avançando nas lutas pelas reivindicações econômicas, mínimas e de reconstrução

dos organismos sindicais de todos os explorados. Os estudantes parem agora para a reconstrução da UNE e os trabalhadores lutam por independizar e democratizar seus sindicatos e reconstruir o seu CGT, através da formação de uma Intersindical.

"A segunda tarefa é iniciar desde já a construção de um Partido Socialista, que tenha como tarefa defender um programa de luta e de mobilização dos trabalhadores e que tenha como fim criar uma alternativa de governo. Ou seja, que possa opor ao governo dos partidos um projeto de governo dos trabalhadores, que nasça concretamente dos organismos sindicais e dos partidos políticos dos trabalhadores.

"As eleições para nós, no NRS, serão um momento fundamental para a ampliação deste movimento pelo PS. Apoiamos todos aqueles candidatos que se pronunciarem publicamente a favor do socialismo. Assim, para nós as eleições são um momento tático na formação do Partido Socialista".

OS TRABALHADORES

Os estudantes em 1977 estiveram na vanguarda dos processos mobilizatórios, hoje são os trabalhadores que aos poucos começam a jogar este papel de baluar-

men, o negro, o clero, o intelectual, os estudantes, os operários e os camponeses. Todas as forças vivas deste país, que deverão realmente participar nas lutas democráticas e dar encaminhamento, através de programas, a legalização de vários partidos, entre estes ao Partido Socialista".

Já o Lula vê a situação, assim:

"Acho que qualquer análise que a gente fizer sobre as eleições de novembro tem que levar em consideração a ânsia de liberdade que tomou conta do povo brasileiro. E dentro dos dois partidos existentes ver aquele que se identificou com as aspirações de maiores segmentos da sociedade brasileira. Este infelizmente ganhará as eleições.

"Mas nós trabalhadores precisamos não nos deixar levar pelo resultado das eleições, porque são poucos os candidatos que surgiram do nosso meio. Daí que cada trabalhador terá que se preparar, para quem sabe num futuro bem próximo, possamos ter um partido de trabalhadores. E aí não teremos dúvidas de quearemos representados de fato e de direito.

"Nós esperamos que o resultado das eleições seja o mais positivo possível. Isto porque daremos uma demonstração de que somos capazes de escolher, entre todos os candidatos, aquele que apresenta um progra-

"As eleições desse ano ficarão para a história. Após 14 anos, acho que são as primeiras a motivarem amplamente todos os setores vivos da sociedade. Operários, estudantes, empresários e militares — todos, sem exceção, estão interessados em participar de uma maneira ou de outra. Neste sentido, é um processo muito rico o que estamos vivendo. O regime, apesar de todo arbítrio e truculência, já não consegue conter a oposição nos limites que deseja. Hoje não é mais apenas o MDB, é todo mundo. Cada um, começando a explicitar suas posições políticas com maior clareza: socialistas, trabalhistas, cristãos de esquerda — todos participam de processos e procuram fecundar o MDB com suas concepções políticas e ideológicas.

"Do meu ponto de vista particular, e do pessoal que está se aglutinando em torno do Comitê Eleitoral, vamos procurar fazer uma campanha que seja a convergência de todos os segmentos democráticos e populares da oposição. Hoje, todos sabemos, existe também uma oposição de cunho liberal que está se organizando em torno da Frente Nacional de Redemocratização. Na medida em que lutamos também pelo fim do regime militar, devemos somar forças com estes setores liberais — sem, por isso, perder nossa identidade própria. Quando mais forte e organizadas estiverem as forças da oposição democrática e popular, melhores serão as condições para se somar com os liberais na luta pelo objetivo comum: o fim do regime militar. Depois, num regime mais aberto e participatório, cada agrupamento político particular poderá lutar por suas reivindicações próprias. Agora é hora de somar e não de dividir, esse é o sentido de minha candidatura e deverá ser a tônica da nossa campanha.

Eu não sou capitalista

"Eu faço já e muito claramente uma rejeição: eu não sou capitalista. Não acredito no capitalismo".

Quem diz isso é Américo Copetti. E ele continua.

"Eu não estou pretendendo negar a realidade de que o capitalismo é capaz de ser eventualmente eficiente. Inclusive, parece-me, dentro dos Estados Unidos eficientíssimo. O que eu sublinho e peremptoriamente digo, é que o capitalismo seja justo, que o capitalismo seja capaz de ser "humanizado". Na própria sociedade americana, o índice de marginalização social é alguma coisa que depõe contra os próprios foros da "civilização ocidental". Na própria sociedade americana, não há como negar, verdadeiras multidões não estão engajadas ao processo produtivo.

"Eu insisto nisso: se os Estados Unidos, que são a expressão mais legítima do capitalismo, não conseguem uma resposta eficiente e vivem de quando em quando às voltas com crises econômicas profundas, eu pergunto a quem se deve debitar isso? Será que a causa remota não é exatamente o capitalismo, que não consegue encontrar uma resposta válida?

Os Estados Unidos constituem hoje um complexo industrial-militar que tem tentáculos praticamente em todos os cantos do chamado mundo ocidental. Será que isso não é uma explicação para o seu desenvolvimento econômico? Aproveitam, buscam nos países do Terceiro mundo, aqui na América Latina, vantagens.

"Se o capitalismo não consegue oferecer uma resposta exaustiva no País hegemônico, sem dúvida que um País subdesenvolvido como o nosso não conseguirá emergir mantendo as estruturas capitalistas. Ele continua caudálio do centro hegemônico.

"Na ânsia de contornar uma situação crítica momentânea de um pequeno período nós vamos buscar recursos externos, às vezes maciços, para desafogar a angústia da realidade econômico-social. Hoje nós devemos andar por volta de 35 milhões de dólares de dívida externa, ao menos tecnicamente impossível de ser saldada, e estamos fazendo a apologia de que o nosso País é um país que tem crédito. Não sei até que ponto.

"É evidente que ter consciência que o capitalismo não responde, ainda não é suficiente. Parece que o que dificulta a questão não é exatamente a consciência de que as respostas deverão ser encontradas através de uma transformação estrutural da sociedade brasileira. O que dificulta são exatamente os interesses que serão prejudicados. Mas eu acho óbvio que aquele que deseja transformar as estruturas tenha presente o desmonte dos privilégios.



Américo Copetti

do movimento de massas. E dois representantes dos trabalhadores, Benedito Marcílio, ex-presidente do sindicato dos metalúrgicos de Santo André — candidato a deputado federal pelo MDB — e Luís Inácio, o Lula do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo dizem o que pensam das eleições.

E Assim Marcílio vê as coisas, nestas eleições:

"Bem, eu acho que temos possibilidade de fazermos uma pregação cívica, e falarmos em praça pública, sobre a necessidade de se lutar para acabar com o arbítrio vigente neste país.

"Isto significa lutar pela volta do estado de direito, com as eleições sendo realizadas de forma livre e direta a todos os níveis do governo.

"Ora, para nós, trabalhadores, que vivemos no ABC — que é o maior parque industrial da América Latina e que tem sua população constituída em 90% de operários — e que sofremos na carne o absurdo de uma política salarial injusta, fica claro que temos que lutar contra esse estado de coisas.

"Temos que lutar por uma estrutura sindical autêntica, com liberdade, procurando, inclusive, fazer viver a central sindical. Precisamos de um sindicalismo que seja de pressão e que esteja a serviço dos trabalhadores, tanto no aspecto social, como no político. Lutamos por uma constituinte, por anistia ampla e irrestrita, e defendemos a necessidade de novos partidos, e entre eles um partido que conjugue em sua prática os interesses da classe operária.

"É por tudo isso que temos que lutar nessas eleições e depois dela. Devemos aglutinar a todos: o movi-

ma que de verdade se identifique com os nossos interesses.

"De todas as maneiras, estas eleições já são carta marcada. E a criação de novos partidos políticos, eu faço votos que não surja pura e simplesmente do resultado das eleições de novembro. Mas que surja da vontade de todos os setores da população brasileira".

OS CANDIDATOS

E o que têm a dizer os candidatos?

Ora, por que são candidatos, já *a priori* consideram totalmente válida a participação nas próximas eleições de novembro. O primeiro dos candidatos entrevistados é Fernando Moraes, jornalista e autor do livro "A Ilha", best-seller nacional, que está atualmente na 14.ª edição. Fernando Moraes é candidato a deputado estadual por São Paulo.

O segundo entrevistado, o deputado estadual pelo Rio Grande do Sul, Américo Copetti, está preocupado com um problema de fundo, que segundo ele "é a impossibilidade de um desenvolvimento real do país dentro do regime capitalista". E como deputado ele fala do impasse vivido pelo Brasil, já que sua campanha veio há quatro anos um caráter educativo para o homem do povo, principalmente nas regiões industriais que rodeiam Porto Alegre. E este ano, como candidato, de novo, Copetti pretende dar continuidade a sua pregação anti-capitalista.

E Fernando Moraes explica porque fortalecer a oposição democrática, hoje.

participaram desta reportagem: Jorge Pinheiro (texto final), Celso Prudente, Wilson Prudente, Neusa Maria Pereira, Roberval Goulart e Paulo

Excelentíssimo Senhor
General de Exército ERNESTO GEISEL
Presidente da República Federativa do Brasil

Senhor Presidente:

No governo do então marechal Humberto de Alencar Castelo Branco a Nação tomou conhecimento de que, em diversas regiões do país, autoridades policiais e militares estavam torturando presos políticos. Na época, a imprensa deu grande destaque à decisão do presidente Castelo Branco em enviar Vossa Excelência ao Conselho da Casa Militar, a essas regiões a fim de, "in loco", investigar se eram procedentes ou não aquelas denúncias. Até hoje, lamentavelmente, Senhor Presidente, a Nação desconhece o resultado dessas investigações; se as informações recolhidas por Vossa Excelência comprovaram ou não a veracidade dos fatos denunciados.

Infelizmente, Senhor Presidente, o recurso à tortura, como método de interrogatório, o resultado uma prática rotineira nos últimos tempos no Brasil. Meses atrás, por exemplo, Vossa Excelência foi obrigado a agir com energia e autoridade no estado de São Paulo, a fim de

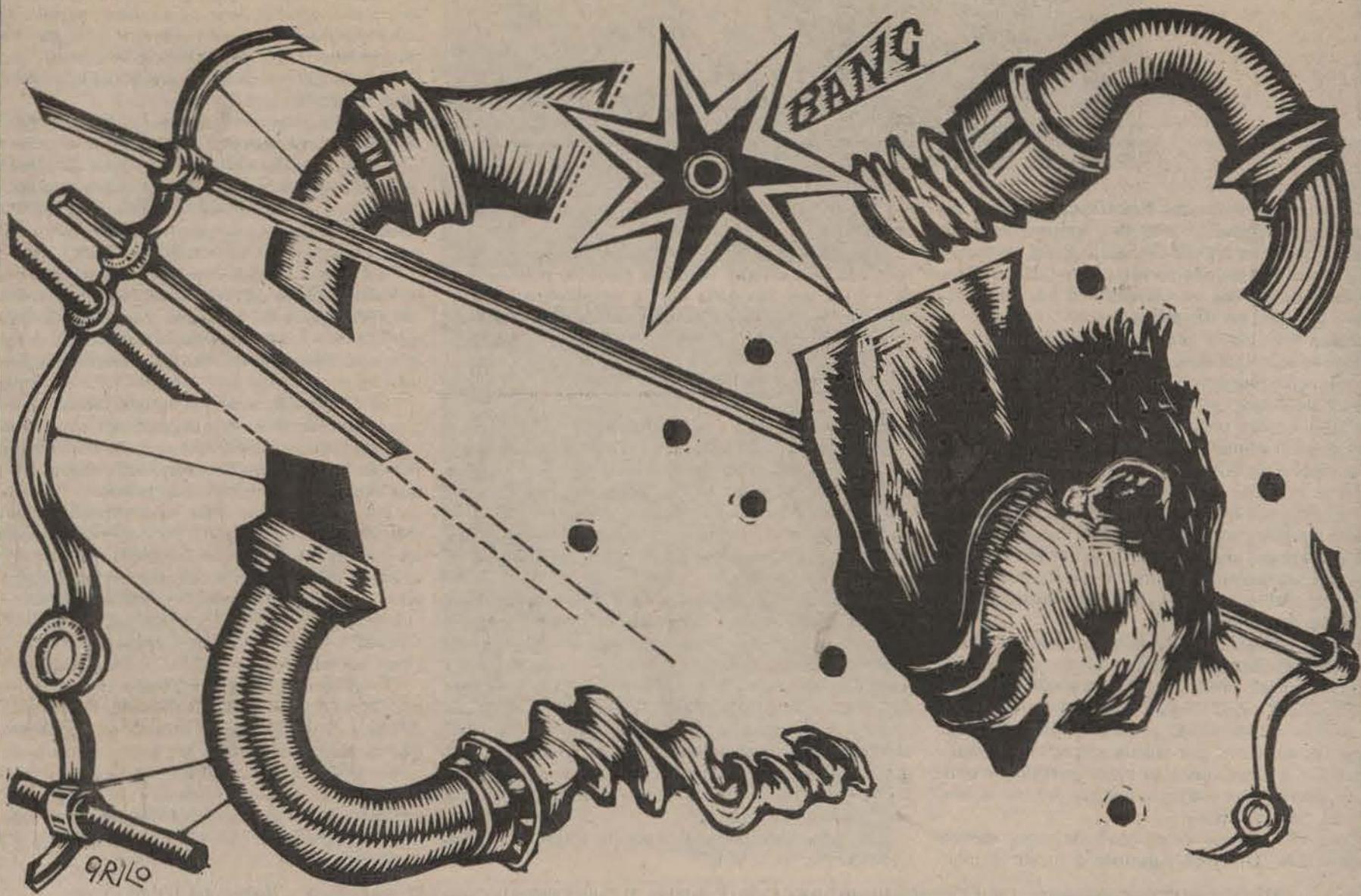
coibir barbaridades atentatórias à dignidade da pessoa humana.

Senhor Presidente Geisel:

Em face da impossibilidade da justiça investigar e julgar crimes contra os direitos da pessoa humana e, considerando que, por razões desconhecidas o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, subordinado ao Ministério da Justiça, é impotente para tomar qualquer providência a respeito, e tendo sido nós, quase quatro anos sem julgamento, vimos, barbaramente torturados, e estando presos há respeitosamente, encaminhar a Vossa Excelência o documento anexo, redigido e assinado por um dos signatários desta, sobre as violências físicas, psicológicas e morais que todos nós fomos submetidos no DOI/CEx, localizado no interior do Batalhão de Polícia do Exército, à Rua Barão de Mesquita, Tijuca, Rio de Janeiro, à Divisão de Segurança Especial, Anexo ao Presídio Milton Dias Moreira, DESIPE, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1976.

Amadeu de Almeida Rocha

CARTA ABERTA DE UM TORTURADO AO PRESIDENTE GEISEL



DOI - BATALHÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO "EXÉRCITO"

No dia 5 de abril de 973, quando estava na sede da Caixa Econômica Federal, localizada na rua Almirante Barroso, tratando de assuntos particulares, Amadeu de Almeida Rocha foi preso por agentes de segurança do DOI/ "Exército. E capuzado e algemado, jogaram-no dentro de uma kombi e, da Caixa Econômica Federal até o Batalhão de Polícia do Exército, na Tijuca, foi ele barbaramente esmurrado. Aos socos, pontapés, gritos, rasgando-lhe a roupa, calça e camisa, deixando-o nu. Amadeu Rocha foi arrancado da kombi e, aos empurrões levado para as dependências do DOI, antigas dependências do Pelotão de Investigações Criminais - PIC - da Polícia do Exército, onde, em uma sala iluminadíssima, à prova de som, ar refrigerado, com sofisticada aparelhagem eletrônica, seis homens o aguardavam, já tendo às mãos diversos instrumentos de tortura. A partir desse instante, aproximadamente 8 horas, do dia 5 de abril de 973, com esta frase - "Amadeu, a guerra prá você acabou" — dita pelo chefe dos torturadores, «Dr. Guilherme», começaram as terríveis torturas físicas, psicológicas e morais, que só foram encerradas no dia 0 de maio de 973, quando, em estado de coma, levaram-no para uma cela, no pavimento superior do DOI, onde passou a receber intensa assistência médica e alimentação regular.

Durante os 5 dias em que Amadeu Rocha esteve entregue aos torturadores do DOI/ "Exército, foi diariamente submetido às seguintes modalidades de torturas, por equipes de torturadores que se revezavam:

- Choque elétrico

Choque elétrico com dois fios. Os fios são amarrados nas duas orelhas; depois são feitas várias combinações; orelha-pênis; orelha - dedo do pé, ou mão; dedo do pé, ou mão-pênis; etc...

Choque elétrico com três fios. Os fios são amarrados, inicialmente, nas duas orelhas e no pênis, depois são feitas outras combinações: dedos das mãos ou pés-orelhas; lingua - dedo do pé ou pênis, etc...

3 - Choque elétrico com quatro fios. As combinações aumentam. Pênis, orelhas, dedos dos pés ou mãos; orelhas, lingua, pênis, e várias outras combinações.

- Choque elétrico c/5 fios.

Choque elétrico em grupo. Os fios, tanto podem ser dois, três, quatro ou cinco fios, são amarrados em duas, três ou mais pessoas, formando o que eles chamam de «corrente de amizade».

6 - Choque elétrico - Dança dos Electrons. Amarram duas ou mais pessoas, abraçadas, depois ligam os fios elétricos nos pênis, orelhas, dedos dos pés ou mãos, etc..., fazendo as mesmas combinações das outras modalidades de torturas com choques elétricos.

Observação — Os torturadores empregam a energia produzida por magneto, que eles chamam de «Maricota», e a energia elétrica produzida pela Light. O indivíduo é torturado nu, algemado com as mãos para trás e, vez por outra, jogam água no chão onde ele está deitado. Diariamente torturavam Amadeu com choques elétricos. Por duas vezes torturaram-no em grupo, ele e mais dois, e os submeteram à «Dança dos Electrons».

7 - Sacófago. Trata-se de um cofre de ferro, grande, com diversos compartimentos. Em uma das gavetas, com espaço de aproximadamente 80 por 60 centímetros. Coloca-se a pessoa em posição fetal (cabeça entre as pernas), como eles diziam, por longo tempo. E dão, de vez em quando, choques elétricos nas pessoas, ligando os fios diretamente no cofre.

Observação — Essa é uma das torturas mais violentas. Depois de um certo tempo de permanência no cofre, «sarcófago», a pessoa é acometida por violentas dores produzidas por cãimbras. Quando retirado do cofre, todo o corpo está contorcido e é necessária a imediata intervenção médica. Inúmeras vezes Amadeu foi colocado nessa sarcófago.

8 - Telefone. Pancadas simultâneas, com as mãos espalmadas, nos dois ouvidos.

Observação — Diversas vezes Amadeu foi submetido a este tipo de tortura. Por isso teve sérias complicações nos ouvidos e outros problemas de saúde, tendo sido atendido e medicado no 8º Grupo de Canhões Anti-aéreo do 9º G. CA An - São Cristóvão, após a sua transferência do DOI. Foi atendido pelo 9º tenente R/ Dr. Bevilacqua, que determinou que ele fosse levado diariamente à sua presença, devido ao seu precário estado geral de saúde. Comandava, a essa época, essa Unidade militar, o coronel Montezuma, tendo como chefe da 1ª seção - S/ - o capitão Marco Antonio, que posteriormente, foi substituído, por motivo de férias e licença, pelos primeiros tenentes Ventura e Esper.

9 - Cirurgia. Consiste em ameaçar castrar o indivíduo.

Observação — Amadeu, por duas vezes, foi submetido a este tipo de tortura. Em uma das vezes chegaram a lhe dar um pequeno corte nos testículos.

0 - Fuzilamento. Altas horas da noite, a pessoa é levada para lugares distantes, como Alto da Boa Vista, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, etc... A retirada da pessoa do DOI é precedida de uma série de formalidades, a fim de dar autenticidade à «operação fuzilamento».

Observação — Retiraram Amadeu do DOI duas vezes, a altas horas da noite, para ser fuzilado. Na primeira vez, após a entrega de seus pertences, mediante recibo, levaram-no encapuzado e algemado para o Alto da Boa Vista. Na Cascatinha,

retiraram-lhe o capuz e disseram: «Amadeu, você vai ser fuzilado num ponto, exatamente como você denunciava no «Independência ou Morte» (jornal mensal da Resistência Armada Nacional). No local escolhido, retiraram Amadeu do Opala, sem algemas, ordenando-lhe que corresse: «Corra seu filho da puta». Mas Amadeu ficou impassível: «Se vocês vão me fuzilar, que o façam aqui, porque eu não vou correr». Face a essa afirmativa, os torturadores afastaram-se alguns passos e manobraram as metralhadoras, mas, incontinenti, um deles, que estava um pouco mais distante dos outros, gritou, avisando que alguém estava se aproximando. Rapidamente colocaram Amadeu no carro e se comunicaram pelo rádio com o DOI — «água chamando, retornando base», «plânicie», etc... Reconduzido para o DOI, Amadeu foi advertido de que, da próxima vez, o fuzilamento não falharia. Na segunda operação fuzilamento, Amadeu foi levado para o Recreio dos Bandeirantes. Os preparativos e o pretexto para a não realização da operação foram os mesmos da vez anterior. É conveniente lembrar que, no DOI, ninguém pode, nem deve, duvidar das ameaças dos torturadores. Eles são capazes de tudo.

- Gás lacrimogêneo. Jogam granadas de gás lacrimogêneo dentro da sala de tortura e deixam a pessoa dentro dela durante toda a noite.

Observação — Amadeu foi submetido por duas vezes (duas noites) a essa modalidade de tortura.

- Grades. Penduram a pessoa pelos pulsos nas grades de uma janela ou porta, deixando-a apenas tocando as pontas dos dedos dos pés no chão.

Observação — Amadeu foi submetido a este tipo de tortura por três noites consecutivas, das 23 às seis horas.

- Palmatória. Batem com uma palmatória na planta dos pés ou nas palmas das mãos da pessoa.

Observação — Por duas vezes submeteram Amadeu a essa modalidade de tortura. As plantas dos seus pés ficaram tão inchadas que ele tinha dificuldade para andar ou ficar em pé, o mesmo acontecendo com suas mãos, que não podiam segurar qualquer objeto.

- Pancadas nas unhas. Com uma pistola Colt 5 ou martelo de madeira, os torturadores golpeiam os dedos das mãos da pessoa, em cima da unhas.

Observação — Amadeu foi submetido a este tipo de tortura por duas vezes.

5 - Queimaduras com cigarros ou charutos. Os torturadores, às gargalhadas, enconstam cigarros ou charutos acesos, em determinadas partes do corpo da pessoa, particularmente nas costas e nas nádegas.

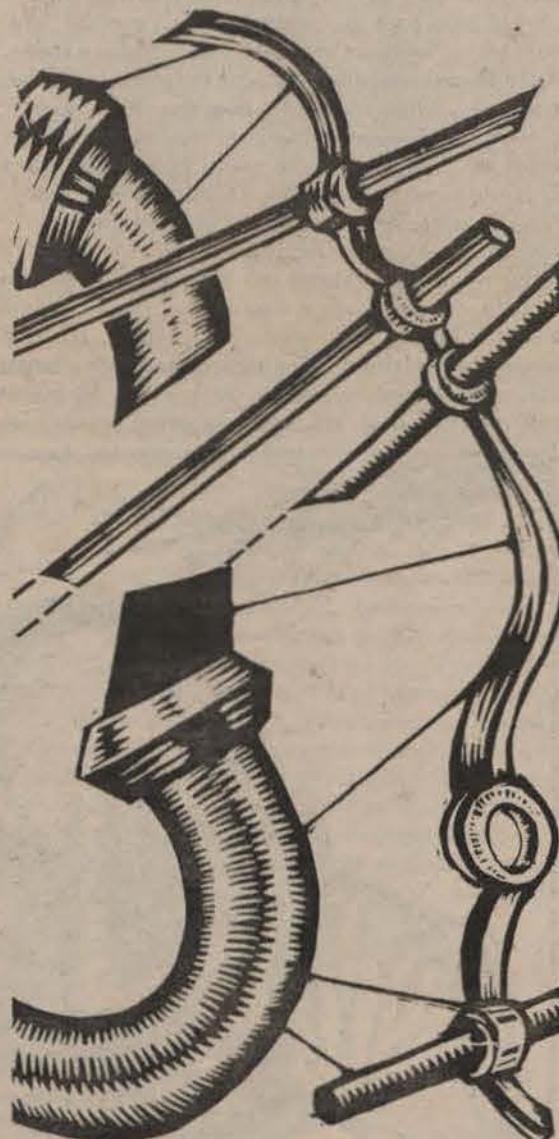
Observação — Amadeu foi submetido, por duas ou três vezes, a esse tipo de tortura.

6 - Fogo nos olhos. Com uma vela acesa ou isqueiro, próximo aos olhos, é liberado gás de uma bisnaga, semelhante a um lança-perfume, que, ao atingir a labareda da vela ou isqueiro, produz chamas que atingem os olhos da pessoa.

Observação — Amadeu foi submetido a este tipo de tortura por duas ou três vezes.

7 - Ginástica. Obrigam a pessoa, aos socos e pontapés, a fazer ginástica, particularmente o «canguru», exercício violento, até a pessoa cair sem forças.

Observação — Amadeu, por diversas vezes, foi submetido a essa modalidade de tortura.



Felizes aqueles que morreram sem terem nunca precisado perguntar a si mesmos: «Falarei se me arrancarem as unhas?» E ainda mais felizes os que não foram obrigados, apenas saídos da infância, a fazer a outra pergunta: «Que farei se meus amigos, meus chefes, meus chefeiros de armas ou meus amigos, meus chefes, arrancarem na minha frente as unhas de um inimigo?»

JEAN PAUL SARTRE

A finalidade do suplício não é somente a de obrigar a vítima a falar, a trair, e somente por seus gritos, por sua desigualdade a si mesma, por uma besta humana. Aos olhos de todos e aos seus próprios olhos de apagado para sempre. Aqueles que cede ao tormento, não se quis somente obri-gá-lo a falar, impôs-se um estatuto: o de sub-homem.

JEAN PAUL SARTRE - 1958

8 - Coroa de Cristo. Trata-se de um arco de ferro, forrado de couro, tendo nas extremidades um «parafuso-tarracha». Coloca-se esse aro na cabeça do indivíduo e vai apertando o «parafuso-tarracha».

Observação — É uma tortura perigosa, que pode provocar a fratura do crânio. Amadeu foi submetido diversas vezes por essa modalidade de tortura.

9 - Afogamento. Amarra um pano, bem apertado, tapando a boca e o nariz da pessoa e quando ela está quase asfixiada, jogam água sobre o pano com uma mangueira.

Observação — Tortura muito violenta. Ao cair água sobre o pano, a pessoa aspira com força, provocando uma espécie de afogamento. Amadeu foi submetido a este tipo de tortura por diversas vezes.

10 — Socos e chutes. Chutar e esmurrar alguém são práticas diárias no DOI. Por qualquer motivo, sem motivo ou mesmo por brincadeira, a pessoa é esmurrada ou chutada. E os torturadores não se preocupam se o chute possa quebrar uma costela ou se o soco possa quebrar um dente. Os torturadores, nos seus momentos de lazer, quando estão alegremente comentando a respeito dos dotes físicos desta ou daquela prisioneira, que foi obrigada a se desnudar na frente dos torturadores, ou das fraquezas desde ou daquele prisioneiro, costumam completar o divertimento com uma sessão de socos e chutes.

Observação — Amadeu era submetido diariamente a esse tipo de tortura.

— Roleta russa. Colocam uma bala no tambor de um revólver, sem observar a posição em que a bala ficara, e acionam o gatilho da arma, apontando-a para a cabeça do prisioneiro.

Observação — Por inúmeras vezes Amadeu foi submetido a essa modalidade de tortura.

— Geladeira. Trata-se de um compartimento, com aproximadamente dois metros de altura, por 1m70 de comprimento e um metro de largura, em forma de cone, pintado de preto, fortíssima luz, à prova de som, com sistema de fônia interna e porta tipo geladeira. Possui ar refrigerado, ar quente e um sistema de apitos estridentes, com várias tonalidades, que são ligados quando se encontra alguém dentro dela.

Observação — A pessoa é colocada nessa geladeira por períodos, ou intervalos de sessões de torturas. A alimentação é controlada, como, em geral, é no DOI, e as necessidades fisiológicas são feitas dentro da própria geladeira. A geladeira foi a cela de Amadeu durante sua permanência no DOI, afora os dias em que passou, dia e noite, nas salas de torturas, e de dois dias em que esteve no pavilhão superior. Dentro dos critérios que os torturadores convencionaram chamar de «continuado», sem contar a permanência nos intervalos das sessões de torturas. Por três períodos ou continuados, Amadeu esteve na geladeira.

Primeiro período ou «continuado». Cinco dias, sem comer absolutamente nada, apenas meio copo de água diariamente, sendo retirado da «geladeira» tão somente nos horários determinados para a tortura.

Segundo período ou «continuado». Dez dias. No

quinto, umas três ou quatro colheres de arroz com feijão e meio copo de água, sendo retirado da geladeira apenas para ser torturado.

Terceiro período ou «continuado». Quinze dias, uma três ou quatro colheres de arroz com feijão, de três em três dias, e meio copo de água diariamente. O apito da geladeira era ligado tão logo Amadeu entrava, e a temperatura oscilava de baixíssima a altíssima. Havia dias em que a temperatura devia andar por volta de 6 graus, mais ou menos; outros dias, por volta dos 0, graus, ou mais. Amadeu era colocado na geladeira sempre nu. Através de interfones os torturadores o ameaçavam, gritavam. Em alguns dias apagavam as luzes, em outros mantinham-nas acesas, fortíssimas, intensas. A estada de Amadeu na «geladeira» foi bastante difícil. Nos últimos dias desse terceiro período não foi mais retirado da geladeira. O seu estado de saúde era precaríssimo. Deitado, entre fezes e urina, não tinha mais forças para se levantar. Amadeu não sabe o que aconteceu nestes últimos dias. Quando readquiriu a consciência, já se encontrava no andar superior do DOI, tendo ao seu lado o médico, enfermeiro, tenda de oxigênio, soro, bolsas de água quente, etc...

OBSERVAÇÕES GERAIS

Todos os torturadores são figuras sinistras, com problemas psíquicos perfeitamente diagnosticáveis, mesmo para os leigos no assunto. Entretanto, entre eles destaca-se a figura de um que exige apreciação à parte, o «Dr. Eiraldo». Esse torturador, capitão do exército, torturava Amadeu por prazer. Pela manhã, ao chegar ao DOI, tinha por hábito ir até a «geladeira», ou à sala de tortura, conforme ele, «para cumprimentar o Amadeu»: «Estou aqui para lhe cumprimentar, acordei com vontade de torturar alguém e esse alguém é você». As torturas consistiam em chutes violentos, socos, pontapés, tendo fraturado, com um chute, uma costela de Amadeu. E também sessões de choques elétricos. Não perguntava nada. Apenas torturava. Quando se cansava, dizia: «Estou cansado, seu filho da puta. À tarde recomeçaremos o nosso trabalho». O capitão do exército «Dr. Eiraldo» tinha sempre na cabeça um capacete do exército nazista, com a suástica, e ao entrar na sala estendia a mão e fazia a saudação: «Heil, Hitler. Hitler é nosso pai espiritual». Era sádico, perverso e bestial. Enquanto os seus auxiliares torturavam, ele tomava café com biscoitos, refresco geladinho, fumava seu

cigarro, tranquilamente, dando gargalhadas, ou fazendo piadas.

O comando do COI, no Batalhão de Polícia do Exército, Tijuca, estava entregue, em 1973, a um oficial superior do exército, major ou tenente-coronel, diretamente subordinado ao então coronel Adir Fiúza de Castro - coronel Fiúza - que hoje é general de brigada, comandante da 6ª Região Militar, sediada em Salvador, Bahia. Esse major, ou tenente-coronel, comandava todas as operações internas e externas. Ordenava diligências, prisões ou investigações. Contava ele, para a sua tarefa interna, com quatro oficiais, todos capitães do exército. Esses cinco oficiais do exército vestiam-se à paisana e usavam estes apelidos:

Dr. Guilherme - major ou tenente-coronel, comandante dos torturadores.

Dr. A. Costa - pela presidência hierárquica observada, esse torturador devia ser, entre os capitães, o mais antigo.

Dr. Theobaldo - capitão

Dr. Renato - capitão

Integrava também a estrutura do DOI um importante setor de «Análises de Documentos», sob a chefia de um oficial superior do exército, natural do Rio Grande do Sul, cujo posto devia ser também de major ou tenente-coronel. Esse setor parecia ser independente do torturador «Dr. Guilherme». O oficial gaúcho agia com independência e autonomia, o que não ocorria com os demais torturadores.

O efetivo do DOI para as suas atividades internas devia ser uns 50 homens, divididos em três equipes de 5 homens cada, mais ou menos. Cada equipe permanecia no DOI 2 horas, e folgava 8 horas, mas quando o serviço aumentava, essa folga era reduzida e a escala passava a ser de 2 por 2 horas. Cada um dos cinco oficiais — torturadores dispunham de um certo número de auxiliares, dependendo da tarefa que estivessem executando.

Os prisioneiros eram divididos entre os oficiais-torturadores, obedecendo ao critério da importância política dos mesmos; os mais importantes politicamente ficavam à cargo dos mais graduados. Determinados prisioneiros, porém, sem maiores responsabilidades políticas, eram entregues, até mesmo, aos auxiliares. O responsável pelo interrogatório de Amadeu e pessoas de sua família, foi o torturador «Dr. Guilherme», chefe dos torturadores.





A equipe de captura tinha um efetivo de aproximadamente 60 homens, fazendo parte oficiais superiores, intermediários, subalternos, sargentos, cabos e soldados (A «Manchete», número 282, de 3. 76, nas páginas 72 e 73, estampou a fotografia do presidente Geisel em Juiz de Fora, quando se encontrou com o bispo D. Geraldo Penido. Acompanhava sua comitiva um dos mais terríveis torturadores do DOI/º Exército. Esse provável «agente de segurança» do presidente foi um dos mais bárbaros torturadores de Amadeu).

Pelo que foi dado a observar por Amadeu, predominava, porém, nas equipes de tortura e captura, a presença de policiais da APJ (agente da polícia judiciária), colocados à disposição do DOI pelo governo do Estado do Rio de Janeiro. Amadeu também observou a presença de investigadores e comissários de polícia. As segundas secções de determinados quartéis - as S/2 - com seus respectivos quadros também participavam das ações de captura.

Dispunha o DOI de uma grande frota de automóveis, com chapas particulares (chapas frias), na sua grande maioria apreendidos de organizações políticas. As buscas nas residências de pessoas participantes de atividades políticas, ou apenas suspeitas, forneciam material ao DOI: máquinas de escrever, máquinas fotográficas, gravadores, rádios, enfim, praticamente tudo, até dinheiro.

O pavilhão do DOI/º Exército, onde Amadeu Rocha esteve preso, está localizado no interior do quartel do Batalhão de Polícia do Exército, na Tijuca. Esse pavilhão pertenceu ao Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do Exército — PIC. Em uma das portas de entrada do DOI está pintada, em tamanho grande, a «caveira» com duas tibias em cruz, símbolo do Esquadrão da Morte. Em tamanho grande. Há quatro ou cinco salas de torturas, todas hermeticamente fechadas, à prova

de som, paredes de massa especial ou eucatex, pintadas de branco. Cada sala tem três grandes holofotes e luz fluorescente no teto. Os holofotes são convergidos para a pessoa que está sendo torturada ou interrogada. Luz no rosto. As salas são mais ou menos de três metros e têm uma tribuna, onde estão localizados os botões e aparelhos eletrônicos: gravadores altamente sensíveis, interfone e outros aparelhos que Amadeu não identificou e que continham advertências: «Não mexer», «Perigo». O oficial torturador sentava-se na tribuna, que ficava cerca de 30 centímetros mais alta, o que lhe dava melhor visão, e comandava a tortura, executada pelos seus auxiliares. As salas tinham duas portas, uma que fechava por dentro e outra que fechava por fora. E retrovisores especiais. Espelhos apropriados que permitem a visão interna de toda sala de tortura, de uma sala especial, sem que a pessoa observada veja o observador.

O pavilhão superior tem aproximadamente 10 celas, cuja guarda é feita por soldados uniformizados do Batalhão de Polícia do Exército, mesmo estando recolhidos a estas celas, presidentes do DOI. O oficial de dia do Batalhão de Polícia do Exército é o responsável pelos prisioneiros que se encontram nesse andar superior. A 6 no horário darevista, 2 b ele, pessoalmente, acompanhado de seu sargento auxiliar, do comandante da guarda, faz a chamada dos prisioneiros que estão ali recolhidos, cujos nomes no seu livro, o livro Oficial da Dia. Nesse andar, a pessoa é identificada — fichas, impressões digitais, fotografias, etc... E recebe o essencial: café pela manhã, almoço e jantar. Também é fornecido sabonete, tamanho médio, marca Gessy, amostra grátis; pasta Kolynos, tamanho médio, amostra grátis; e escova também Kolynos. Quando entregaram a Amadeu esse material de higiene, disseram: «Aqui estão os presentes dos gringos para você».

Como já foi dito, Amadeu esteve nesse pavilhão superior apenas dois dias, dos 15 dias que passou

nas mãos dos torturadores do coronel Fiuza. Há, porém, os que passam muito tempo à disposição do DOI, mas nesse andar superior, descendo apenas para rápidos interrogatórios. São os que não precisam ser submetidos constantemente às torturas, estão dispensados dela, não há espaço no andar térreo, ou o estado de saúde esteja necessitando de recuperação.

No estado de coma, Amadeu Rocha retornou ao andar superior e a sua cela se transformou num pequeno ambulatório. Quando ele readquiriu a consciência, viu um médico, enfermeiro, soro, tubo de oxigênio, sacos de água quente colocados nas regiões dos rins que estavam todas roxas. Ao abrir os olhos, Amadeu viu o médico que lhe perguntava: «Como está passando?». Secamente, Amadeu lhe respondeu: «Estou bem». Repugnava-lhe a idéia de que aquele médico, interessado na sua recuperação, fosse o mesmo que, nas salas de tortura, costumava tomar-lhe a pressão arterial e dizer: «Ele aguenta muito mais». Depois de alguns minutos de mútua observação Amadeu lhe disse: «A sua tarefa é horrível, doutor». Ao que o médico apenas se dignou a dizer: «Sim».

No dia seguinte, este médico examinou Amadeu cuidadosamente, e lhe disse: «Você precisa ser internado imediatamente, já declarei isso às autoridades. Mas elas não concordam». Amadeu continuava urinando sangue, pressão arterial alta, hematomas em diversas partes do corpo, tórax enfaixado, devido à fratura da costela; extremamente fraco, em péssimas condições gerais de saúde. A recuperação, porém, preocupava Amadeu. Recuperado, poderia voltar para a tortura. E devido a essa preocupação, resolveu não tomar mais comprimidos, jogando-os no vaso da privada.

Certo dia, um torturador APJ encapuzado, disse para Amadeu: «Você já está recuperado, vamos lá para baixo». E levou Amadeu para a sala de tortura. Minutos depois entrou o médico, surpreso com a estada de Amadeu ali. Perguntou-lhe quem o havia retirado «lá de cima». E como Amadeu não soubesse informar, ele se retirou, voltando logo depois, acompanhado do sargento torturador Castro (nome verdadeiro), ao qual ordenou que levasse Amadeu de volta para a sua cela no andar superior. Apesar da intervenção do médico, Amadeu ficou na expectativa de ser levado à noite para a tortura. Afinal de contas, ele, o médico, também fazia parte da estrutura do DOI.

Amadeu esteve sob intenso tratamento médico durante 5 dias. No 5º dia, por volta das 3 horas, entraram na sua cela três torturadores, que lhe mandaram que retirasse o macacão (uniforme de mescla azul-claro), uniforme usado pelos prisioneiros do DOI, homem ou mulher. Em seguida, deram-lhe um aparelho de barbear. Ainda muito debilitado, Amadeu teve dificuldade em se vestir. Banho, durante os 15 dias em que permaneceu no DOI, não tomou nenhum.

E oportuno lembrar que o tratamento dispensado pela repressão aos que são considerados liderança é totalmente diferente dos que são acusados de serem autores de ações armadas, ainda que as mais violentas. A preocupação da repressão com os indivíduos que possuem potencial de liderança é muito grande. A primeira vista, os líderes, mesmo em potencial, têm que ser mortos, mas se, por qualquer motivo, a execução não pôde ser realizada na oportunidade devida, então todo um trabalho habilmente planejado é realizado

no sentido de destruí-los, -físico, político e moralmente». Disse a Amadeu o chefe dos torturadores, -Dr. Guilherme-: Você, por milagre, escapou com vida, mas não escapará da destruição física, moral e política (sic).

A Constituição da República, no seu artigo 53, parágrafo , declara: «Impõe-se às autoridades o respeito à integridade física e moral do detento ou presidiário».

O código de Processo Penal Militar, no seu artigo , determina: «Impõe-se à autoridade responsável pela custódia, o respeito à integridade física e moral do detento».

I've no time to tell you How
I came to be a killer,
But you should know, as time will show.
(eu não tenho tempo para lhe dizer como
eu me tornei um assassino, como o tempo vai mostrar
mas você saberá, como o tempo vai mostrar
que eu sou um pilar da sociedade.)
De um poema enviado por Jack, o Escritor
Estripador a um jornal londrino, 1888

A anistia é um dos temas na ordem do dia; vem coadjuvada pelos adjetivos de amplo e irrestrita e relativizada pelo de reciproca. A reciprocidade consistiria em não se submeter os torturadores, seus mandantes e demais cúmplices na violação de direitos humanos a algum tribunal de Nuremberg ou qualquer outra forma de punição pela prática de atrocidades em nome da Segurança Nacional. Ficaria elas por elas, todos reintegrados em suas funções e atividades, recuperados na condição de cidadãos respeitáveis, libertos respectivamente das pechas de subversivos e de torturadores.

Não me cabe discutir o mérito desta reciprocidade. É valido argumentar que ela pode acelerar a passagem para um estado de vigência plena das liberdades democráticas, eliminando ou diluindo bolsões de resistência. No entanto, quem tem o direito de pronunciar-se a respeito em primeira instância, são as pessoas que passaram por esta experiência, ou seja, os sobreviventes, bem como familiares de mortos ou mutilados e outras pessoas diretamente afetadas por toda uma gama de violência. Em todo caso, reciprocidade ou não, com ou sem leniência e perdão mútuos, o que não se pode aceitar é o silêncio a pretexto de baixar a cortina do pudor, abrindo mais um compartimento no arquivo morto da História do Brasil. As denúncias e relatos de arbitrariedades, violências, sequestros, ameaças e demais sofrimentos vividos pelos desafetos do regime, as listagens de torturadores, o desnudamento do "modus operandi" do aparato repressivo, não são meras cobranças ou chamados à retaliação. Tudo isso assume uma função mais ampla ao colocar em questão a violência em si, mostrando que o objeto das denúncias não é um momento atípico e excepcional na sua brutalidade e irracionalismo, porém o ponto culminante de toda uma tradição histórica. Sempre se torturou no Brasil; nossa história contém um respeitável acervo de selvagerias devidamente encobertas pelos compêndios oficiais. Durante o Estado Novo getulista também houve empalamentos, unhas arrancadas, mortes lentas, e demais procedimentos inquisitoriais em níveis de violência que o período pós-68 a custo conseguiu ultrapassar. Durante o Brasil Colônia e Império, sedições regionais e revoltas de escravos eram reprimidas a ferro e fogo (e outras substâncias tais como chumbo derretido). Foi preciso sair em português o livro de John Foster Dulles ("Anarquistas e Comunistas no Brasil") para que setores mais amplos de público ficassem sabendo como eram combatidos os movimentos operários do começo do século, com os seus participantes morrendo ao apodrecerem aos poucos nas colônias penais da Amazônia, em navios-presídio e ilhas-presídio. Paus de arara, eletrodos, banheiras, palmarias, etc, sempre fizeram parte do ativo imobilizado das nossas delegacias.

Em síntese, o tipo de denúncia atualmente feita pela imprensa, bem como pelas artes plásticas, poesia, cinema, teatro, conto e romance, servem para nos levar a encarar o presente, e também refletir sobre o passado, posturas indispensáveis para qualquer tentativa de construção do futuro.

Nesta edição de VERSUS, alguns dentre nossos melhores poetas contemporâneos prestam seu testemunho contra o arbitrio. Os textos selecionados se constituem em parcela mínima, fragmentos de uma produção que envolve muito mais gente, merecedora inclusive de algum tipo de antologia ou levantamento maior. Ninguém está selecionando temas, partindo de premissas teóricas sobre como fazer poesia, julgando-se na obrigação de produzir obras politicamente participantes a qualquer custo, engajadas em tempo inte-

Renata Pallottini

MENSAGEM

Conta ao teu filho, meu filho, daí que nós passamos; que havia fitas gravadas, retratos de corpo inteiro. Conta que nos encolhemos como animais espalhados; que ninguém teve coragem, que respirávamos baixo, olhos fugindo dos olhos, as mãos frias e suadas. E conta que faz dez anos que temos pouca esperança, que pedimos testemunho e não aguentamos mais. Talvez teu filho, meu filho, viva em mundo mais aberto, mas é grave que lhe contes calmamente

e nos mínimos detalhes a história desses punhais cravados em nossas tardes. Porém se por tudo isso renuncias a ter filhos como (alguns) renunciaram, deixa inscritos como eu deixo sinais em troncos de árvores, letras em papéis esquivos, para que não escureça esta lâmpada mesquinha, relâmpago, fogo fálico, pura lembrança dos dias em que livres fomos filhos de pais muito mais felizes. Contas a quem possas, meu filho, o que em ti forem palavras nos outros serão raízes.

nota: na edição anterior, havíamos anunciado para esta a continuação da matéria sobre poesia feminina; por questões de pauta optamos por outros temas, porém retomaremos o assunto (poesia feminina) no próximo Versus

GLÊNIO PERES INTERROGATÓRIO

Como fazes para exercer teu ofício?

Beijas também tuas crianças quando vais para o trabalho?

E quando acordas de noite lembras o que foi teu dia?

Que gosto é que tem a carne nos braços de tua mulher?

Quando a cobres com teu corpo e ela gême — te perturbas?

Tua mãe ligando o ferro para passar tua roupa não te inquieta ante o perigo do choque ou da queimadura?

Quando ficas muito tempo de pé num só lugar não te cansas?

Dormes num quarto sem ar ou frio como geladeira?

Apagas todas as lâmpadas para descansar teus olhos?

comes, sempre, muito bem mesmo com tanto trabalho?

e qual é a sensação de receber mensalmente a paga do teu serviço?

Tua amas, comes e dormes apesar do teu ofício?

De que barro te fizeram - torturador - afinal?

Ricardo G. Ramos

PERÍCIA PARA VLADIMIR HERZOG

Resta hoje o inquérito porque o corpo sem voz não serve mais

nem corre nem nada porque no corpo sem vida não batem mais

*Resta a dificuldade técnica
Do morto subir no colchão
Do morto na grade metálica
Da laçada de nó corrediço
De uma cinta de tecido verde*

*Eis a dificuldade única
Do morto suicidar-se
Do morto assinar-se
na tv colorida de sábado*



CARLOS QUEIROZ TELLES

CARTA

Pois é, Ana.
Agora não sabemos de mais nada.
Disseram apenas que você voltou
E que morreu porque voltou.
Segredo inútil.

Não seria Ana se não tivesse voltado.
Se não a tivessem matado.

Há muito tempo a gente já esperava por esse recado.
Com medo por medo,
medo por raiva
medo por covardia ,
medo maior por amor.

Há muito tempo a gente já esperava por você.
Olhar perdido, nesta noite de notícia e solidão.
A vida é precária, Ana.

E mais precária é a esperança
quando até a dor é provisória.
Dor de não poder perguntar a alguém:
- é verdade que Ana morreu?

Sem uma certeza, amiga,
a gente nem pode sofrer.
Vira tudo angústia seca
sem choro, sem amanhã.

Vou tentar te esquecer, Ana.
É o jeito que me resta para te salvar
do risco de virar lembrança.
Melhor a mentira da esperança

de ter sido enganado - e me enganar.
Está começando a chover
e eu não posso fazer nada.

Sei que vai continuar chovendo
noite afora,
vida agora.

Sei também que estou chorando
e eu não posso fazer nada.

Ana perdida nesta noite.

Ana perdida nesta hora.

Você não podia morrer assim:
PROCURADA.

Agora e sempre, por mim.

Roberto Piva

O HINO DO FUTURO É PARADISÍACO

Este poema é dedicado
aos presos políticos do Brasil.
Contra a tortura, pelas liberdades
democráticas.

I

Todas estas embalagens mortas
todas estas estatísticas tolas
todos estes desabamentos dos miolos da Terra
todas estas moscas vaporizadas nos olhos dos dementes
todas estas hérnias jogadas no lixo
todas as autópcias surrupiadas no escuro
todas as mãos decepadas eletrocutadas esmagadas
todas as bocas urrando sob o mesmo focinho incerto
toda a voracidade da TV & suas sucursais metálicas da desolação
todos estes brinquedos tristes carregados de bala de goma
todos os enforcados de cabeça para baixo
toda esta merda de marchas cívicas
todo o soluço do país soluço mais fundo que o coração rubro da aurora
todas as academias & seus poetas empalhados
todas as pupilas do crime
todos os gorilas da guerra-fria & sua pop music
todos os garotos de 15 anos com cérebros de catarro esperando a sepultura
todos os hippies de butique brincando de profetas enquanto costuram os olhos do estudante
há uma porta trancada na cara do país
há um anúncio classificado que escapou da Idade Média
há uma paisagem dilacerada escamoteada em símbolos mais castrados que um cantor de rock

"un cor feroce, uma
virtude armata..."

Machiavelli

II

Neste momento uma ave desova o poente
no calor de novembro entre duas
rochas onde a primeira é toda de cactus
selvagens relutando como um segredo
relutando como o degredo da tua mais
simples ilusão os ovos rolam nas trevas
onde rondam tigres para passar
o tempo o tempo o tempo o tempo

III

Crianças deste mundo
Mares deste mundo
Flores deste mundo
homens, mulheres corações da noite
no fundo do olho do furacão
na ponta da faca do espaço
na franja vermelha das cidades
tua febre é o último adeus à resignação à moléstia cardíaca do tédio
tua febre é a saída apertada entre dois goles de vida

IV

para aqueles que vomitaram sangue
para aqueles que ofertaram o último suspiro
para aqueles que o raio X é o espectro de um crocodilo acendendo um cigarro
para aqueles sozinhos
para aqueles que se calam diante dos regulamentos
para aqueles cujas almas se transformaram em geléias de pura transcendência
para aqueles que não têm a Bahia como válvula de escape curtição do grande
embalo refrigerado tudo bem bicho legal tamos aí
para aqueles para os quais tudo é ilegal & que vivem como bichos contra
a vontade & fedem nas prisões estando aí à disposição
da bússola dolicocéfala da repressão
para aqueles que são procurados infernizados enquanto tudo bem tudo bem
canta a televisão na sua primavera animal
para aqueles cujos estômagos viraram papa & seus cérebros cartuchos de dinamite
para aqueles que não têm mais filhos
para aqueles que perderam seus amores no último trem blindado do Esquadrão da Morte
para aqueles que acordam sempre no mesmo lugar na mesma manhã no mesmo arco-íris
quebrado.

OTONIEL SANTOS PEREIRA

PROCESSO

Foi você, seu filho.
(soa um tapa, voa uma pata)
Seu pais, sua mãe, seu amigo
(e o fio corre para a tomada)

Foi você, seu cão.
(a mão no interruptor)
Sua namorada, seu irmão.
(o murro, o urro ininterrupto)

Foi você, seu mal-dito, foi seu sangue vermelho. (água, sal, o mergulho no tanque)

Foi você, sua mão, seu olho, sua unha, seu dente, seu corpo, seu pulso sem impulso, seu coração sem ação, seu lábio roxo, seu morto.

Os Autores:

Carlos Queiroz Telles, mais conhecido como dramaturgo (*Muro de Arrimo, Porandubas Populares, Frei Caneca, A Semana, A Viagem, Marly Emboaba, Heroica Pancada*, estas duas últimas interditadas pela Censura) em poesia já publicou entre outros, *Poemas e Recados* (1964), *A Cidade e as Armas* (1966) *Viet em Mim* (1968), *Universidade* (1969), *Comunicado à Praça* (1972). Professor Universitário (ECA-FAAP) e produtor na TV Cultura - SP. O poema *Ana* é de 1974. Em Setembro, Queiroz estreiará sua próxima peça, *Arte Final*, no TNC (Rio de Janeiro).

Renata Pallottini além de poetisa (*Chião de Palavras, Mate é a Cor da Viuzez, Arcos da Memória, Coração Americano*) é teatróloga (inclusive *Enquanto se vai Morrer*, retido na censura), professora de teatro (ECA-USP) e presidente do Centro Brasileiro de Teatro, filiado à Unesco; *Mensagem* é de 1974 e faz parte de *Coração Americano*; este texto foi apresentado em várias leituras e eventos

(Feira de Poesia, homenagem a Neruda no Largo São Francisco, etc.).

Roberto Piva já publicou *Paranoíia* (1963), *Piazzas* (1964), *Abra os Olhos e Diga Ah!* (1976) todos editados por Massao Ohno, além de participação em autobiografias (20 Poemas Hoje) e revistas (CADERNETA DE POESIA). Em Agosto lançará seu próximo livro, *Coxas* (Ed. Feira de Poesia). *O Hino do Futuro é Paradisíaco* é de 77, e foi apresentado em várias leituras (Teatro Célia Helena, USP, Livraria Lorcea, etc.).

Glênio Peres é gaúcho, jornalista, ex-vereador (cassado) da Câmara Municipal de Porto Alegre. *Interrogatório* faz parte de *CADERNO DE NOTÍCIAS* (ver resenha nesta edição, à pg. 25). Já publicou *Antoninho do Cavanhaque* (teatro infantil), *Egito e Israel* (reportagens, premio Associação Riograndense de Imprensa), *Guevara na Bolívia* (reportagens, premio Associação Riograndense de Imprensa), *Tupamaros no Uruguai* (reportagens, premio Associação Riograndense de Imprensa).

Otoniel Santos Pereira publicou, em poesia, *A Pedra na Mão* (1964), *W.C.* (encarte com 25.000 exemplares, 1972), *O Ser Desumano* (1976); tem uma intensa atividade como cineasta, em 16- e Super 8, incluindo *O Pedestre* (1966), *Homem Aranha Contra o Dr. Octopus* (1973), *-Rua da Paz* (1974), *Declaração* (1974), *Sahara* (1975), sendo premiado várias vezes (Festival Nacional de Super 8, Festival Brasileiro de Super-8 de Curitiba, Premio Margarida de Prata da CNBB para o melhor curta nacional, Premio Governador do Estado, etc.). *O Processo* faz parte do poster *Ser Desumano* e foi lançado na Feira de Poesia e Arte em 1976.

Ricardo G. Ramos mora no Rio de Janeiro e já publicou *Comum Y Cativo e Estado de Coisas. Perícia para Vladimir Herzog* foi apresentado na Feira de Poesia e Arte e leituras subsequentes (homenagem a Neruda, entre outras), e faz parte do seu próximo livro, *Sopa de Sapato*, que sairá ainda este ano. Ricardo acaba de ser agraciado com o premio Ferreira Gullar da Associação Juvenil de Cultura de União Paranaense de Estudantes, por seu poema *Godwana*, também integrante do seu próximo livro.

trabalhadores da saúde

A classe média brasileira, que até há dois anos ainda vivia sob a ilusão do «milagre brasileiro», começou a demonstrar os primeiros sinais de seu despertar para as péssimas condições de vida, decorrentes desses anos todos de super-exploração das massas trabalhadoras.

Após a movimentação de estudantes, professores, advogados, intelectuais, e as greves dos operários do ABC, que se estenderam para muitas fábricas de todo o país, os trabalhadores da área da saúde resolveram também lutar pelas suas reivindicações por melhores condições de vida e salários mais justos.

O MOVIMENTO DOS RESIDENTES — «Somos profissionais habilitados a exercer a medicina, após seis anos de estudos; e, apesar da residência médica ser um aperfeiçoamento, um treinamento, repelimos a idéia de sermos considerados simples estudantes, toda vez que nossa atividade rende lucros àqueles para quem trabalhamos». Esta é a declaração de um médico residente, que define bem a categoria.

Marginalizados do sistema trabalhista, os médicos residentes trabalham de 60 a 100 horas por semana, chegando em muitos casos a jornadas de 36 horas consecutivas.

As lutas em São Paulo foram vitoriosas graças à união e solidariedade com que os residentes, apoiados por suas agremiações de residentes e pelo sindicado do

Estado, enfrentaram a resistência das administrações hospitalares e inclusive a demissão, como ocorreu na Santa Casa de São Paulo, onde mais de 300 residentes foram demitidos por aderir à greve.

O espírito reivindicatório dos residentes não se limita ao nível salarial, exige também melhores condições de ensino e, de maneira geral, melhores condições de saúde para o povo brasileiro. Hoje, além de ser forma de exploração de mão-de-obra barata, a residência médica serve para formar especialistas (muitas vezes super-especialistas), que irão atender as necessidades da classe econômica privilegiada. No entanto, a população brasileira não necessita de especialistas, mas sim de assistência médica primária, voltada aos problemas básicos da saúde pública: as doenças infecção-parasitárias e a desnutrição, que são consequência da fome sofrida pelo povo.

OS MÉDICOS ASSISTENTES — A partir do dia 14 de julho, todos os médicos contratados do Hospital das Clínicas paralisaram suas atividades para exigir o atendimento de suas reivindicações salariais: 10 salários mínimos. Isto se faz necessário principalmente pra melhorar o nível do ensino dentro do próprio hospital, pois sendo eles responsáveis pelo ensino aos residentes e internos, a maioria das vezes se vem impossibilitados de cumprir efetivamente suas funções, pois precisam procurar outros empregos que garantam um salário mais justo. Assim, o ensino fica prejudicado e os que sofrem as consequências diretas são os doentes, e a saúde da nação.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS — Os funcionários do Hospital das Clínicas, que são mais de 7.000, paralisaram suas atividades por tempo indeterminado desde o dia 13 de julho, exigindo 100% de aumento salarial. Tanto o movimento dos médicos, como os funcionários conta com o apoio irrestrito dos docentes da Faculdade

de Medicina que, em assembleia deliberaram paralisar suas atividades, declarar-se em assembleia permanente e formar uma comissão para cuidar da mobilização dos outros docentes e do entrosamento com o movimento do HC.

HOSPITAL DO SERVIDOR PÚBLICO — Somando a diferença entre os aumentos salariais autorizados pelo governo, e os efetivamente realizados, a diferença é de 243%. Na prática, os salários atingem Cr\$ 2.000,00 para os atendentes, Cr\$ 1.400,00 para copeiras e Cr\$ 8.000,00 para alguns nutricionistas e outros funcionários de nível universitário, por oito horas de trabalho.

A Associação dos Funcionários do Servidor ouviu do Secretário de Administração, Fernando Milliet, que «o Estado não tem verba para atender as reivindicações de aumento». No dia seguinte, o superintendente do IAMSP aceitou as reivindicações, «desde que se enquadrassem no projeto de reclassificação», o mesmo projeto que os vem lesando em 243%. Em assembleia geral, a proposta foi recusada e os funcionários paralisaram suas atividades desde o dia 30 de junho, atendendo apenas os pacientes já internados e as urgências. O atendimento precário aos pacientes e o baixo salário transformou o Hospital do Servidor em campo de treinamento para pessoal desqualificado que, tão logo adquire prática, procura outros locais de trabalho com salários mais justos. Os funcionários do IAMSP propõem a união de todas as categorias e apoiam a greve dos médicos. E mais uma luta por salários justos, contra o arrocho salarial.

CONGRESSO DOS RESIDENTES — Está programado para a última semana de julho, o XIII CONGRESSO NACIONAL DOS MÉDICOS RESIDENTES, onde serão discutidos as lutas e conquistas da categoria. O congresso conta com mesas redondas de suma importância, e um dos temas será SAUDE E DEMOCRACIA. (P.G.)



TREITA DA FAZENDA PIRAGUASSÚ

Osmar Corrente da Cruz pegou uma empreitada de acordo de gado na fazenda Piraguassú. Sua mulher, Esmerinda, estava para ter um parto complicado, e precisava sair para um hospital fora. Isto foi na época que as estradas estavam interrompidas.

Osmar dirigiu-se então a gerente Tokuriki e propôs a fazenda adiantar um dinheiro para a viagem de avião e os gastos do hospital, ele pagaria depois em serviços na fazenda. O gerente se negou a ajudar e nem ligou para a condição da mulher.

Osmar conseguiu então que um tio seu, de São Félix, pagasse as despesas. Comunicaram o fato a seu cunhado, sr. José Gomes, do Ministério em Luciara. O sr. José Gomes exigiu que a fazenda pagasse as despesas, já que é obrigatório pela lei, qualquer estabelecimento, ajudar também nas despesas de parto das mulheres dos empregados.

O Tokuriki ficou furioso com a denúncia e acabou fazendo com que Osmar assinasse uma folha em branco.

Como será que a Piraguassú usará essa folha assinada?

Mais uma vez, são as fazendas enganando os trabalhadores.

Nos municípios onde têm Sindicatos, as coisas não se passam tão tranquilamente assim. Os trabalhadores rurais recebem orientação sobre as leis e não são enganados facilmente...

A POLÍCIA DE PORTO ALEGRE

No dia 23 de abril, teve um baco-baco no Cabaré de Porto Alegre, entre peões e a polícia. O resultado foi a morte do peão Raimundo, com um tiro no peito e saiu baleado o «Jeguinho», que até dias atrás não se encontrava em bom estado de saúde.

Quem matou o peão foi o soldado Alencar, o «Josafá». Ele disse que foi em legítima defesa. Mas como pode ter sido em legítima defesa, se o peão Raimundo estava completamente desarmado?

E a polícia pode atirar à toa nas pessoas? Parece que aqui no Mato Grosso, pode. Em Porto Alegre muitas pessoas foram presas e apanharam sem razão.

Como diz muita gente: «eu tenho mais medo da polícia do que de bandido». E o Alencar parece que continua solto, foi transferido pra outro destacamento. É claro, a polícia não vai fazer justiça pra ela mesma.

BAGUNÇA DE VEREADORES

Alguns moradores da Chapadinha escreveram uma carta para a Câmara dos vereadores de São Félix, ou para o secretário de educação, pedindo um novo professor para lá. Parece que era isso, porque a carta sumiu.

O vereador Miguel disse que viu a carta e terminou, por sua conta, juntando os vereadores da ARENA e mais a diretoria da Escola Estadual para ir «resolver» o caso da Chapadinha. Pela lei, não tinham esse direito.

Foram lá, dizendo representar a Câmara e não se sabe o que mais. Formaram uma reunião e terminaram arranjando uma briga com um casal de professores, a quem fizeram propostas absurdas, que o casal achou injustas. Levaram confusão pra Chapadinha.

Um papel muito triste para vereador e diretores da escola estadual. O secretário de educação de São Félix pediu à Câmara para apurar o caso, mas a Câmara negou o pedido.

Os vereadores disseram que não iriam tratar do assunto, porque os outros «são colegas». Muito bonito!. Eles são colegas uns dos outros, mesmo quando erram. Mas não são colegas do povo. Isso é ainda mais feio para quem se diz do MDB, partido que se diz amigo do povo.

É para isso que os vereadores ganham o dinheiro do povo?

«SE FIZEMOS A NOSSA ESTRADA É CLARO QUE NÃO IAMOS FAZER UMA ARRODEIO DE 3 LÉGUAS»

Sr. Prefeito de São Félix do Araguaia,

Nós, abaixo-assinados, moradores da Serra do Roncador, lugar pertencente a esse Município de São

Félix do Araguaia, vimos a sua presença para que o Sr. tome conhecimento e providencie sobre o que nos aconteceu neste domingo passado, 14 de maio de 1978.

Inesperadamente fomos atacados por quatro policiais do Ribeirão Bonito, dois dos quais foram reconhecidos por nós, Paterno e Agamenon, acompanhados por um pistoleiro da Macife, de nome Braulino, mais conhecido por «Índio».

Entraram nas casas, ameaçando os moradores, tomando nota dos nomes, e nas casas, onde os moradores não estavam, fizeram o maior bagaço revirando tudo inclusive malas e levando espingarda, como aconteceu na casa do Sr. Antônio de Freitas. Levaram também espingarda do Sr. Sebastião Rocha de Amorim. Avisaram que da próxima vez vinham não era para tomar nome, era para surrar todo mundo.

Eles alegaram que vieram por conta de uma cerca da Macife. Acusaram nós, os moradores de ter cortado o arame que está cercando nossa estrada para Serra Nova.

O caso foi assim. Como o Sr. sabe essa nossa estrada para a Serra tem mais de 16 anos e foi aberta por nós. É uma estrada de rodagem e tem servido até para transportar caminhões carregados. Veio a Macife e cortou a estrada sem deixar colchete. Em lugar do colchete, pôs um pistoleiro. O desvio para nós fica sendo de três léguas.

Só neste inverno nós tivemos que tirar duas pessoas doentes para Serra Nova, caçando recurso. Pela nossa estrada daqui na Serra dá 33 quilômetros; para arrodear esta cerca dá 51 quilômetros. Então nós éramos 19 homens levando a doente, quase todos de tropa. Quando chegou na cerca, nós só fizemos desembrigar o arame que já estava cortado e arribar algumas estacas para poder passar.

Embora fosse um direito nosso, nós não precisamos cortar o arame conforme nos acusou a polícia, ele já estava cortado. Com esta é a quarta vez que nós saímos daqui com doente na rede para tirar na Serra. E se fizemos a nossa estrada, é claro que não vamos fazer um arrodeio de 3 léguas.

(Seguem 29 assinaturas)

— Miséria por miséria, então vamos viver parados! A lembrança da greve recente está viva no olhar azul de João. E no jeito meio desconfiado de Zé Carlos e Pedro, temerosos de falar de sua luta com gente estranha, que anda perguntando coisas aqui e ali.

Os três conversam numa manhã de sábado, clara e fria, no centro de Santo André. Vinte anos de idade, olhos negros e vivos, rosto moreno aberto num sorriso franco, Pedro lembra de maio passado, quando a Phillips — onde trabalha há 5 anos — parou suas atividades por 48 horas:

— Foi numa 5a. feira, nunca vou esquecer. Alguém chegou e disse: «tem gente parada, vamos parar também?». E ficamos sentados, cada um na sua máquina, esperando. A direção da empresa ameaçou chamar o DEOPS; DEPOIS MANDOU A GENTE PRA TENTAR NEGOCIAR: Eram operários como nós, servindo de correio dos patrões, pedindo pra gente voltar ao trabalho. Dizendo que deveríamos confiar na palavra da gerência. E em patrão não se confia nunca!

— A firma criou o CIDOP — Comissões Internas de Pessoal — para representar os operários, explica Zé Carlos, eletricista da mesma empresa. — Mas a cúpula do CIDOP é composta de gente de alto nível dentro da fábrica. Então eles dobraram fácil os trabalhadores que não têm nível, que não têm consciência política nenhuma. Pagam esses caras para dialogar e dizem pra eles: «Olha, cê vai lá embaixo e falam pro pessoal voltar a trabalhar. Depois cê procuram os cabeças da greve».

É por isso que João, Zé Carlos e Pedro não se chamam, na verdade, nenhum desses nomes. Inventaram esses só para constar. Porque o muito que têm a dizer e a fazer não pode ser comprometido pelo risco de entrar nos listões de dispensa, que, na surdina, sem divulgação, vêm sendo elaborados e postos em prática pela maioria das empresas onde estouraram greves nos últimos meses.

Os movimentos por reivindicação salarial começaram em maio, em São Bernardo do Campo, e até agora já atingiram Santo André, São Caetano e Osasco. E, se bem as negociações tenham trazido resultados numéricos positivos para os operários — que estão conseguindo, no todo ou em parte, os índices de aumento pedidos, — que corre por baixo do pano, na verdade, é um pouco diferente.

Os empresários cedem às exigências dos trabalhadores, mas as represálias internas se intensificam, começando por proibições de livre circulação dos «suspeitos» pelas dependências da fábrica — como aconteceu com Zé Carlos — até a demissão pura e simples.

Que estaria incitando os companheiros a reivindicar? Onde procurá-los? Como encontrá-los? Em torno dessas perguntas movimentam-se os empresários, lançando mão de expediente como o da CIDOP ou utilizando-se de operários antigos, seus pseudo-aliados, ávidos de conservar suas posições consideradas privilegiadas dentro da empresa.

— Bajuladores existem às pences, diz João, ferramenteiro da G.E. São caras safados que têm 18, 20 anos de firma, e que fazem qualquer negócio para manter seu lugar. Eu não tenho medo de perder o emprego porque encontro logo outro. Tenho meus humildes diplominhos profissionais e arranjo serviço em qualquer lugar. Precisam do meu serviço. Mas e os outros, os que não são especializados? Como um pai de família que ganha 1 salário vai arriscar a pele e deixar os filhos passando necessidade? Eu não luto só por mim. Luto sobretudo por esses outros, esses que têm medo e não podem falar.

O medo de perder o emprego não é infundado. A realidade das dispensas que vêm ocorrendo preocupa o próprio Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, e tal ponto que o 1º secretário João Albuquerque nem quer falar em vitória total dos trabalhadores grevistas:

— A vitória só será completa quando tivermos as garantias de estabilidade no emprego.

Ao que o ferramenteiro João explica:

— As paralisações só não foram mais eficientes porque o trabalhador não tem leis que o protejam contra o patrão. E o patrão tem.

TRABALHADOR E SINDICATO: DIAS COISAS DISTINTAS?

As mesmas perguntas que se fazem os patrões preocupam os dirigentes sindicais. Como explicar um

movimento nascido à revelia dos sindicatos e do qual estes participaram apenas como mediadores? De onde surgiu essa liderança silenciosa e anônima que está conseguindo modificar a imagem pacata do trabalhador brasileiro?

Para Antônio Carlos Félix Nunes, 17 anos, jornalista e militante sindical há mais de 20 anos, o movimento operário do 1º semestre de 78 representa o maior salto qualitativo da classe trabalhadora nos últimos 40 anos.

— Atribuo isso ao próprio sistema, explica Nunes. As leis de exceção em que vivem os sindicatos geraram inúmeras distorções, desde o peleguismo até a impossibilidade de uma real atuação enquanto órgãos de classe. Sozinhos, emudecidos e sem liderança política durante 14 anos, os trabalhadores começaram a se virar. Adquiriram consciência de classe, e a prova disso é que estão surgindo greves onde ninguém esperava. O que caracteriza o grande salto da classe operária é justamente o fato de o movimento ter surgido nas bases. Se os sindicatos tivessem liderança política esse salto não aconteceria.

— Com isso, fica claro que o que mudou foi o movimento operário, continua Nunes. — A grande vitória é do trabalhador, porque não houve ainda transformação alguma no sindicalismo no Brasil. A estrutura sindical continua a mesma, assim como as pessoas que a movimentam. O movimento operário suplantou e superou a estrutura sindical, entrando mesmo em choque com ela.

O 1º secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, João Albuquerque, concorda com Nunes:

— A maioria dos sindicatos nada fez. Mesmo nós, que fizemos de positivo foi assumir a luta dos companheiros e levá-los à vitória. Outros nem isso. Procuraram reprimir a luta. Sei de um dirigente sindical de São Caetano que, no início das greves, disse: «Graças a Deus esse movimento não chegou aqui!»

O SALDO DA LUTA

Para João Albuquerque, o modo ordeiro e pacífico

com que os trabalhadores conduziram as greves é uma prova irrefutável da sua consciência e determinação em lutar por melhores dias. E acredita que esse saldo positivo supere o próprio saldo negativo do movimento: as dispensas. Lutar contra isso será a próxima etapa a ser vencida.

Sentado em sua sala na Editora Criart, que edita quase a totalidade dos jornais sindicais do ABC e de São Paulo, Antônio Nunes preocupa-se com o futuro da luta operária: ele diz que consciência de classe em si não leva a mudança nenhuma, não derruba as estruturas, e que, passado esse primeiro momento, vai haver necessidade de se dar uma direção política ao movimento.

— O perigo é que o nosso sindicalismo se torne semelhante àquele dos países de capitalismo avançado, onde ele serve de instrumento do próprio capitalismo. Ou seja: governo e empresários procuram conviver com os trabalhadores, resolvem seus problemas, atendem suas reivindicações, e com isso extinguem a possibilidade de que eles lutem politicamente para mudar o sistema. Ao salto do movimento operário corresponde sempre a um salto do outro lado. Percebendo que consciência de classe não derruba as estruturas, governo e empresários — que antes pareciam inflexíveis — já estão cedendo, negociando. Vão entrando no jogo para não ficarem atrás.

Os operários João, Zé Carlos e Pedro não têm tanta certeza da segurança com que seus patrões enfrentam o problema. Sentem na carne as perseguições, o que prova que os empresários estão temerosos.

— Negociam, inventam soluções conciliatórias, mas têm medo, afirma Zé Carlos.

— Empresário não dá murro em ponta de faca, completa Pedro, lembrando propostas de programas sociais surgidas depois das graves, e que não beneficiam em nada o trabalhador. Mas dá risada, ao lembrar da atitude dos seus patrões nas 48 horas em que estiveram parados:

— Uma coisa eu digo: nunca vi aqueles holandeses trabalharem tanto!

Para os três, no entanto, uma coisa é certa: a luta está apenas começando.

REPORTAGEM TRABALHADORES, E AGORA?

por Isabel Rodrigues

O clima no ABC, depois das mobilizações, visto pelos próprios operários. E a análise do jornalista Nunes e de João Albuquerque, dos Metalúrgicos de Santo André

LUTA E CONQUISTA

Antes de maio, as assembleias massivas pela reposição dos 34,1% roubados em 73, as denúncias dos baixos salários e das péssimas condições de trabalho; as reivindicações de negociações direta entre patrões e empregados e direito de greve. Antes ainda, 14 anos de exploração, de perseguições, co-patrocínadas por dirigentes sindicais pelegos, à soldo da burguesia.

Em maio, enfim, o 1º de Maio unificado no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. As greves.

Greves que não podem ser entendidas fora do amplo movimento de oposição de toda a sociedade e da tendência ao fortalecimento das greves e das direções sindicais classista. Não foi à toa que as greves se iniciaram no ABC, onde a disposição de dirigentes sindicais como Lula e Mar-

cilio se associa ao potencial de luta do maior agrupamento operário da América Latina.

Os trabalhadores conquistaram na prática o direito de greve e mediram após muitos anos suas próprias forças.

Não houve o confronto terrível por muitos esperados. O enfrentamento silencioso se mediou no dia das máquinas paradas, nas represálias das fábricas e a tudo os operários resistiram. E houve a vitória. Os aumentos salariais foram conquistados. Os patrões cederam, não pelo seu espírito cristão, mas graças à luta dos trabalhadores. E eles, mais do que ninguém sabem disso. A vitória deu uma força nova ao movimento operário, abrindo espaço para outras lutas e futuras conquistas.



NA BOCA DA CHAMINÉ MANOBRA INÚTIL

Enquanto os trabalhadores do ABC conquistam seus direitos e exigem que suas direções sindicais levem suas reivindicações, nós bancários paulistas iniciamos nossa campanha salarial exigindo de saída um aumento de 20%. Alegando que coincidiram com a Campanha, prejudicando seu andamento, a diretoria do sindicato adiou as eleições sindicais por dois meses, previstas estatutariamente para setembro.

Percebendo que dificilmente conseguiria se reeleger, esta foi mais uma tentativa da Diretoria de boicotar a oposição. A categoria anseia pela reconquista de sua entidade que em tempos passados conquistou várias vitórias e que durante um longo período permanece em mãos de diretorias conciliadoras e anti-classistas. A atual, durante o seu exercício, não tem representado os bancários pois não abre o sindicato para a participação da categoria, fazendo acordos vergonhosos com os banqueiros. Um exemplo claro foi sua atuação durante a campanha pela reposição salarial.

Mas essas barreiras não conseguem calar os bancários, que estiveram presentes massivamente na primeira assembleia da campanha salarial, quando denunciaram publicamente as manobras da diretoria que tentou manobrar, negando-se a aceitar uma mesa eleita para dirigir os trabalhos, além de desligar o microfone enquanto um companheiro falava. Atitudes como essas deixam bem claro, para a categoria, a situação de nosso sindicato e a necessidade de lutarmos para que nossa entidade seja de todos e não um organismo da Delegacia Regional do Trabalho.



NA PHILLIPS

À Phillips depois da greve dos operários tirou a máscara de boazinha que tinha. Além de proibir a entrada do diretor do sindicato para dialogar com os companheiros, proibiu também que os operários converssem entre si.

Vamos lutar companheiros! Vamos lutar para acabar com esta política fascista que existe dentro de algumas empresas, entre elas a Phillips.

Outra coisa, companheiros, é a tabela de aumentos concedidos pela empresa:

1 a 2 salários mínimos	- 13%
2 a 4 salários mínimos	- 10%
4 a 6 salários mínimos	- 8%
6 a 8 salários mínimos	- 6%
8 a 10 salários mínimos	- 4%

Esta tabela, só serviu para dividir a classe operária. Mas é bom pra gente aprender como agem nossos patrões. Da próxima vez, eles não nos enganam mais. Vamos nos unir!

SÃO MIGUEL, LINHA LESTE

Roniwalter Jatobá



4

Resumo do capítulo anterior: ainda o bairro de São Miguel, onde Jacinto continua em contato com a sua realidade, presenciando as suas inúmeras verdades. Obrigado pelo pai, ele vai começar a trabalhar numa fábrica do Brás, porém se encontra desorientado com essa mudança repentina em sua vida. No próximo Versus, publicaremos mais um episódio da novela.

A vila de São Miguel ainda estava acordando, a garoa desse mês de setembro era rala e já se levantava ligeira escondendo as lâmpadas dos postes, faltava pouco para amanhecer.

Jacinto nem esperou barulho do despertador, pulou fora da cama e, rapidamente, vestiu a roupa. João, seu pai — já na hora? — e tossiu lá dentro do quarto. Jacinto encostou a porta da cozinha e saiu pelo corredor ainda escuro, — Jacinto! — passou esfregando as mãos molhadas nos olhos, — vai sair sem comer nada? — ele escutou os gritos, resmungou alguma coisa, quatro horas marcava o relógio grande do mercado que brilhava aceso na neblina, abriu o portão e saiu apressado pela rua — Jacinto! — ele ia longe.

Nas ruas da vila adormecidas Jacinto caminhava mais devagar observando a fumaça de química que saía da grande chaminé nessa hora da manhã — ainda bem que não vou trabalhar ali: como meu pai, como Teodoro — e apressou o passo para pegar o primeiro trem da madrugada que o livraria dos apertos dos trens seguintes. E ele correu como um animal perseguido, deixando os passos nas ruas de terra vermelha, úmidas pela garoa fria que lhe batia no rosto frio, tão cedo.

O dia clareava.

Na estação: assim que o trem passou sob a ponte da fábrica, quando iluminou a estação de São Miguel, Jacinto entrou no meio da multidão, bem perto da plataforma — vou entrar por primeiro — pensando nas recomendações de seu pai: "sem carteira fichada por enquanto. Tudo que lhe mandarem fazer, pois faça. É bom ir se acostumando nessa sua idade, ajudando em casa..."

Jacinto ia fazer dezesseis anos.

Ele no centro do vagão cercado de uma multidão sonolenta, o trem já se movimentando — próxima estação: Ermelino — alguém cochichou, a voz de seu pai entrando pelos vidros quebrados e sujos das janelas, falando sozinho frente à televisão, sua mãe resmungando lá na cozinha pelo dinheiro do dia seguinte, ele imaginando o descostume de ter que acordar tão cedo — de manhãzinha

Na fábrica: nada mudara desde que uma semana atrás viera com seu pai conversar com o encarregado da

seção, — um menino de confiança é que quero — ali, com atenção no barulho das prensas na fábrica ou nas ruas do Brás, naquelas casas antigas de paredes descascadas, o muro da fábrica chegando até o final do quarteirão.

Nos dias seguintes: ele sonolento, dormindo seguro na porta do trem; às quatro da manhã acordando cedo e correndo afliito pelas ruas no rumo da estação; esperando o trem que surgia na curva, — porra, sempre atrasado! — depois vestido na farda azul, a marca da firma costurada no bolso, por sua mãe, no fim do primeiro dia. Ela: tão bonito, Jacinto! Seu pai anda orgulhoso.

Fim de tarde: o trem de volta mais cheio; aquele céu cinzento; já em casa a correria de pegar os cadernos, livros, — já vou, mãe! — abrindo o portão, indo sem esperar pelo pai que todo dia chegava mais tarde, sempre em hora extra na fábrica de química. Tarde da noite: os olhos dele se fechando no encostar na cama — mãe, essas baratas saltando aqui no meu corpo! — Era sonho?

Na quarta-feira recebeu informações que começaria a trabalhar com Felipe, operador de uma velha prensa, agora como aprendiz de prensista, aprendendo o manejo da máquina e, então devolveu o uniforme azul e recebeu um macacão também azul, a marca da firma bordada nas costas. Tarde da noite, João, seu pai: tá progredindo ligeiro na firma!

Jacinto aprendia sem pressa o trabalho na prensa, por primeiro sendo olhado por Felipe com raiva, depois se acostumando com aquele homem que trabalhava ali desde moço ainda, ele contando (nas horas do almoço corrido de meia hora, entre uma garfada e outra na marmita requentada, logo depois, aproveitando os minutos de folga, sentados, ele e Felipe, em frente aos portões da fábrica, olhando algum caminhão carregado que saía ou as pessoas que passavam, às vezes mexendo com as mulheres que se aventuravam por aquele caminho, faceiras sem dar atenção — orgulhosa! — caiam na gaiada) naquele jeito dele, de parar a fala, pensando no que vai dizer: conhecí teu pai!

Assustou-se Jacinto: Quando?

— Faz muito tempo. Vinte anos. Naquele tempo seu pai era um moço, nem alegre, nem triste. Um so-

nhador ele era. Você nem pensava em nascer. Tempos atrás: "vou me lambusando no meio desse povo!", seu pai disse. O motorista do caminhão riu, todos rimos nessa hora.

Felipe sorriu.

— Teu pai subiu ligeiro no caminhão, aquela lona cobrindo a gente de chuva e da poeira que levantava muita. A Rio-Bahia só cortada por trechos, uma picada no meio dos estados, a lepra da lama regando o chão.

Jacinto calado. Felipe largou a marmita sobre a calçada.

— "Feira de Santana, suja de lama, um bosteiro!", teu pai gritou quando o motorista engatou uma primeira e o caminhão começou a rodar. Um menino jogou uma pedra, passou raspando na lona, podia ter feito uma arte, aí o caminhão deixou um rastro na terra mole. A gente quando viu as ruas de Feira, irem se sumindo, embeiou uma alegria. Todos se acomodando nalgum canto da carroceria, o carro apinhado. Pois ficamos, eu e João teu pai, entre uma menina novinha deitada no colo da mãe cheirando a mijo e a mãe, mulher magra de vestido estampado e pés amarelos, calçados numa chinela de arrasto. Até hoje ainda me vem aquele fedor de mijo que ficou grudado no ar, grudando de Feira a São Paulo.

Felipe passou a mão no nariz, depois apoiou-se no chão da calçada e levantou-se. Jacinto fez o mesmo.

Ficaram parados, enquanto o longo apito da fábrica tocava. Entravam pelo portão, marcaram o cartão de ponto e dirigiram-se para as máquinas. No decorrer da tarde Jacinto de vez em quando olhava curioso para aquela pessoa: Felipe trabalhador, de pouca conversa agora, já no manejo da prensa.

No domingo choveu o dia inteiro. São Miguel amanheceu com as ruas empoeiradas. Jacinto escutou o barulho da chuva toda a manhã, estirado na cama, aí que Elvira lhe levou uma xícara de café fumegante. Ali, ela chegou com sua sombra na parede do quarto, parecendo a figura magra, escura e idosa de Felipe, lá entre aquelas paredes sujas, oleosas e descascadas. Havia uma semana que Jacinto começara a trabalhar naquela pequena fábrica do Brás.

IVRY 3-4 JUIN

VIDELA
EST
SYMPA
MJCF

por muita coisa. Antes deles se trancarem, alguém captou no ar essa frase sublime de um ministro, ao saber da notícia: "merda, ele voltou..." A alguma metros, o secretário geral da DC, Benito Zaccagnini, exalava sua alegria num sorriso amarelo, diante às câmeras da televisão. Para o resto, a DC, prudentemente, se abstém de qualquer comentário.

Piazza de Gesù vive sua mais longa noite. Alguns dirigentes democratas-cristãos se dirigiam à igreja em frente para agradecer, diziam: à virgem de ter-lhes devolvido Moro. Mas um jornalista mais ágil que os outros, escutou a seguinte frase, murmurada por um deles, ajoelhado diante do altar: "Santa Maria, tire-nos dessa merca..."

Na manhã seguinte, nos corredores do parlamento, boiava um silêncio. Do Partido Comunista à Democracia-Cristã, o compromisso histórico mostrava a mesma cara: fugitiva. Moro que para voltar à Roma, havia tomado um trem desconfortável, "à fim de retomar o contato com a terra", ainda não havia chegado. Pela manhã, um curioso rumor circulava em Roma: Aldo Moro não faria nenhuma declaração, estava reservando suas revelações para o cotidiano da extrema-esquerda, Lotta Continua, que sempre militou por sua liberação.

Na expectativa, ninguém arriscava um comentário. Berlinguer foi visitar Andreotti, declarou que ele "se felicitava pela grande vitória da firmeza e da democracia".

Na Estação, a multidão reservava um acolhimento cada vez mais caloroso ao presidente da DC, noticiava-se em Roma, Aldo Moro se limitava a dar um sorriso enigmático.

Na chegada de Roma, a Stazione Termini, transbordava de uma multidão alegre e engracada, comentando o bonito gesto dos brigadistas. Saindo do trem, Moro pronuncia apenas duas frases: "foi duro, mas fui muito bem tratado. Os brigadistas, nesse caso, mostraram ser mais humanos que muitos desses que os chamam de sanguinários".

Passando diante à delegação da democracia-cristã que, apesar de tudo, ainda foi recebê-lo, Moro lhe cumprimenta com um grande sorriso e marca encontro para a manhã seguinte na sede do partido. Nessa mesma manhã, a entrevista realmente saiu no jornal Lotta Continua. Moro confirmava que ele não estava drogado nem manipulado e que ele reivindicava, tudo aquilo que declarou enquanto estava preso. Atacando a política das Brigadas Vermelhas, ele não tinha palavras menos duras para a direção dos partidos italianos, e principalmente, a Democracia-Cristã e o Partido Comunista Italiano. A primeira parte dessa entrevista, que anuncia outras revelações, terminava com essa frase: "Eu sei daqui pra frente, a má consciência do Estado italiano". Na sede da Democracia-Cristã, ninguém ainda havia parado de pingar suor.

FICÇÃO Jean-Marcel Bouguereau
Publicado pelo jornal Libération, na semana em que Caetano Veloso estava em Paris

*
É um país «limpo» que a junta militar argentina vai mostrar dia primeiro de Junho aos milhares de turistas e jornalistas que irão aplaudir os «deuses do estádio». Limpo, em todos os sentidos. Nas ruas recém reformadas de Buenos Aires, os policiais serão de uma discreção exemplar, não veremos mais circular os sinistros Ford Falcon, verdes, sem placas, dos comandos militares disfarçados em «bandas incontrôláveis».

Michel Hidalgo, treinador da equipe francesa, que declarou recentemente: «Se alguma coisa nos acontecer na Argentina, nós lhes diremos», não há motivos para inquietações. Nada val lhe acontecer. O sangue dos supliciados da Escola de Mecânica da Marinha - o pior centro de torturas do país, situado a 800 quilômetro do estádio do River Plate — terá sido cuidadosamente limpo, e chegam mesmo a dizer que esse locais, que foram o teatro das piores atrocidades, serão transformados em centros de repouso para os valentes jogadores.

Mas a limpeza não para aí. Porque, segundo informações, a junta aproveita a euforia esportiva do momento e ganha pontos junto aos mídia internacionais, e a caução «democrática» que lhe trará a presença de equipes europeias, para aplicar a «solução final» aos vinte mil desaparecidos, presos nos campos de concentração clandestinos, e aos cinco mil prisioneiros cuja detenção não foi oficialmente reconhecida. Esta é a realidade que o Mundial vai servir à ocultar, e que constitui a face cuidadosamente escondida da política de «abertura» pregada hoje pela junta, com a bênção da administração Carter e de certos setores da social-democracia europeia. Segundo esse plano, a fome e a miséria continuam sendo o cotidiano de milhões de argentinos; mas a repressão será menos massiva e mais seletiva: os opositores não serão mais prisioneiros mas sequestrados e sistematicamente assassinados, como é o caso do Chile de hoje. Os mortos não testemunham...

Assim, a generalização da «repressão clandestina» já praticada massivamente na Argentina, permitiria à junta

de escapar ao fogo das críticas das organizações democráticas internacionais. Por isso pensamos que a denúncia das violações dos direitos humanos e a solidariedade material necessariamente limitada aos prisioneiros «oficiais», mesmo se são sempre indispensáveis, não são suficientes.

Foi isso que compreenderam milhares de franceses e francesas que se associaram à campanha de boicote à Copa do Mundo de Futebol na Argentina. Num movimento de uma amplitude sem precedentes, e apesar das reticências ou oposição aberta por grandes partidos, são mais de 150 grupo de base do COBA - Collectif pour le Boycotage de l'organisation par l'Argentine de la Coupe du Monde de Football — que foram criados em toda a França, multiplicando as reuniões de informações e de mobilização, recolhendo cerca de 100.000 assinaturas de apoio ao boicote.

Esse movimento deve continuar. Depois do Mundial, quando a emoção recuar - os militantes do COBA pensam em alargar sua ação de solidariedade com o povo argentino. Atacando-se aos múltiplos «tubos de oxigênio provenientes dos países ricos» a França, por exemplo! — que servem para manter viva a ditadura. Mais concretamente, isso significa a luta pelo boicote de todas as relações econômicas, políticas, diplomáticas, esportivas ou militares entre França e Argentina, que servirão sempre à ditadura — mesmo renovada — e nunca ao povo argentino.

- Documento do COBA publicado pelo jornal «Le Matin»; na semana que Caetano Veloso se encontrava em Paris.

*
Recuerdos

- Um abraço soviético. Viva o mistério. Viva o sol. Viva a vida.

Gal Costa. Tomara que ela tenha percebido que eu morri. Digo isso porque eu mesmo não me apercebi de imediato. Alguns amigos me avisaram, mas eu não liguei. Até que vi o retrato. (Pasquim, 70)

- Eu gostaria de fazer um filme chamado "Memórias do Subdesenvolvimento" (Pasquim, 70)

- O som dos setenta certamente só será audível quando nós estivermos perto dos oitenta. (Pasquim, 70)

- Eu não tenho paletó e não está dentro das minhas cogitações. Eu não gosto principalmente no Brasil que faz calor é um absurdo andar de paletó e gravata. Eu não tenho vontade de botar, mas se um dia eu tiver que botar eu boto. Não é uma coisa muito importante não. (Entrevista ao Pasquim, 71)

- O Brasil está virando São Paulo. (Rock, 76)

- Não leio jornais, sempre fico sabendo das coisas com três ou quatro dias de atraso. (Veja, 77)

*
Vinho sobre o tapete. Amendoadins. Copos vazios, copos cheios. Caetano bebendo goladinhas com o mesmo prazer que, segundo ele, se torna uma Coca-Cola. Caetano moreno animado falando falando. Vai ser projetado um filme. Na tela a imagem do velho Bezerra, sentado falando gesticulando. Ai nós fomos parar na cadeia. Lá começamos a desenvolver a técnica da comunicação. No princípio comunicávamos por meio das privadas. Secavamos a água, metímos a cara lá dentro e conversávamos com os companheiros. Aos poucos isso foi prejudicando nossa saúde, então abandonamos esse meio de comunicação. Passamos a trabalhar com os ratos. Bichinho filho da puta. Ensínamos a levar mensagens e na hora Heles foram para o lado dos guardas e nos entregaram. Começamos então a ensinar as báratas, que sempre nos foram fiéis. A gente escrevia as mensagens com sangue e elas levavam direitinho aos outros companheiros. Sempre que trabalhavam certinho, ganhavam açúcar. Não tinha erro.

O filme acaba. Caetano enfoca nossa reportagem, pega o violão e canta. Terra Terra. Então eu mando um abraço pra ti, pequenina como se fosse um velho poeta e você, a Paraíba.



Saco de gatos

Artistas



«APLICAR SEU ESPÍRITO DE SÍNTESE À MULTIPLICIDADE DOS CONHECIMENTOS»

A questão da integração entre as artes, tem sido objeto de muita polêmica, mas até agora permanecemos, em relação ao problema, no terreno das especulações. Hoje, se abrimos o debate sobre o assunto, continuaremos a surgir ideias muito ricas, e,

provavelmente, realizações muito pobres.

A experiência nos ensinou que em nossa sociedade não existe espaço para que possamos levar adiante um projeto deste, sendo portanto infrutífero o esforço de pensar neste assunto ignorando o contexto social em que vivemos; por outro lado, é da maior importância considerá-lo, tenho em vista a reconstrução da sociedade.

No momento atual, nós artistas, ainda sofremos, por arte das entidades governamentais destinadas a objetivos culturais (e mais que isso, da maioria dos canais existentes de divulgação dos nossos trabalhos), toda sorte de paternalismo e mistificação. Chegamos a um estágio de isolamento e marginalização tal, que não seria exagero dizer que criamos para nós mesmos. A situação é contraditória porque, ao mesmo tempo em que sentimos a importância do nosso trabalho para um conhecimento maior da realidade e para a libertação do homem, sentimos a pressão do sistema que atua sobre nós como uma camisa de força.

Alguns tentam atribuir o nosso isolamento ao hermetismo (sic) da arte visual contemporânea (não cabe aqui verificar casos isolados, vamos portanto analisar esta afirmação no geral) e tentam resolvê-lo com teorias mirabolantes sobre engajamento, ou até propondo um condicionamento do trabalho do artista às possibilidades de leitura do público, e por público se entendem os não artistas. Considero tais medidas reacionárias, paliativas e absurdas. Querer explicar o isolamento a partir dos rumos que os artistas têm dado às suas pesquisas, revela uma visão simplista e superficial do problema. Pior que isso, é usar a lógica formal onde ela não cabe. No caso, o trabalho do

artista seria a causa, e o isolamento o efeito. Ora, em primeiro lugar, temos que considerar que nenhuma esfera do conhecimento humano (inclusive a arte) se desenvolve imune aos conflitos das lutas de classes. Assim toda cultura tem que ser analisada dentro dessa dinâmica mais geral da sociedade. Todos os trabalhadores hoje, sejam eles artistas, sejam intelectuais, profissionais liberais ou operários, nos países capitalistas, vivem sob a dominação de uma classe, a burguesia, que indistintamente (o que varia é o maior ou menor grau de exploração de acordo com o país e a classe), se apropria e manipula, de acordo com os seus interesses, da força de trabalho dos setores dominados. E é ela quem impede que reverta em benefício de todos, o progresso que o homem atingiu através da arte e da ciência, levando o artista ao isolamento e procurando induzir as pesquisas científicas, tendo em vista preservar a sua dominação de classe. Se queremos romper nosso isolamento, acabar com toda espécie de mistificação que nos impingem, democratizar a ciência e a arte, temos que lutar contra a dominação da burguesia, pelo fim da exploração do homem pelo homem. E, voltando à preocupação inicial, sobre a integração entre as artes, trata-se de recolocar o problema da criação estética em termos mais amplos. Num mundo onde tudo está sendo conduzido por um pensamento «científicista» é necessário, como disse Mário Pedrosa, que a arte intervenha no sentido de «aplicar seu espírito de síntese à multiplicidade dos conhecimentos».

Esta tarefa é muito importante e deve ser assumida pelos artistas em conjunto, podemos reverter inclusive como contribuição nossa ao programa do futuro Partido Socialista, deixando claro que o socialismo que queremos não é o socialismo burocratizado e stalinizado que quis transformar o artista em publicitário da burocracia. Somos contra o «realismo socialista» não somente pelos resultados do seu trabalho, mas sobretudo, pela essência de sua concepção estética, preconceituosa e anti-criadora. Hoje, não é simplesmente a sobrevivência das artes visuais que está em jogo. Mais do que isso, é a libertação do potencial criador do homem.

Martha D'Angelo

UM CADERNO DE NOTÍCIAS



O gaúcho Glênio Peres, além de pertencer ao vasto contingente de exilados em sua própria terra, ou seja, de políticos cassados, também é poeta, e acaba de lançar *Caderno de Notícias* (ed. COOJORNAL, PORTO ALEGRE), livro no qual estão claramente expostas as virtudes que o levaram a ingressar no rol dos desafetos do atual regime, quais sejam, a mais absoluta integridade e coerência na denúncia de todas as formas de arbitrio e opressão, e no compromisso com a luta por uma sociedade mais justa. Mais do que um caderno, Glênio conseguiu construir uma painel do nosso tempo, ao poetrizar o legado de arbitrariedades dos regimes ditatoriais da América Latina, em geral, e do Brasil em particular, fazendo destilar pelas suas páginas a memória de Edson Luis, Alexandre Vannucchi, Frei Tito, Herzog, Manoel Fiel Filho Peredo, Sendic, bem como a presença dos exilados, encarcerados, e vítimas de qualquer forma de punição injusta, e também dos beleguins e torturadores, e de todos aqueles que se empenham na luta contra este estado de coisas. Eventuais reparos de natureza crítico-literária tornam-se irreverentes diante da sinceridade de textos como a *Canção para a Noite do Exilado, Bilhete* (sobre Flávio Tavares), e *Interrogatório*. Em Glênio o engajamento não é fruto de uma reflexão teórica sobre a forma do, como deve ser feita a poesia, mas sim uma mera expressão daquilo que ele é, efetivamente viveu e sentiu. (C.W.)

A ECOLOGIA TEM QUE SE DEFINIR!

O movimento ambientalista brasileiro chega a um momento decisivo. Superada a fase inicial de conquista de espaço na indústria cultural (jornais, rádio, televisão), a causa da Ecologia precisa, em nosso País, se definir política e filosoficamente. Dizer simplesmente que é preciso poupar energia, conservar as praias e as florestas, desenvenenar os rios e lagoas já não é mais suficiente, uma vez que há maneiras e maneiras de se fazer tudo isso.

Por exemplo: vamos poupar energia fazendo com que os mais ricos deixem de esbanjá-la ou lavando os mais pobres à inanição? Vamos conservar as praias livres da poluição, reservando-as para as élites ou abrindo-as a todas as pessoas? Vamos fazer com que as indústrias deixem de envenenar os rios e lagoas, fazendo-as arcar com o custo deste processo ou vamos repassar este custo para os consumidores?

São perguntas que precisam de respostas imediatas da parte dos que se dizem defensores do ambientalismo. A retórica vazia sobre os benefícios universais das medidas «ecológicas» indefinidas já começa a deixar de iludir muitas pessoas, que não se satisfazem mais com os lugares-comuns.

Infelizmente, o movimento ambientalista brasileiro pouco faz além de repetir os chavões. E, politicamente ingênuo, acaba tendo suas propostas bem intencionadas utilizadas pelos que sabem perfeitamente o que querem em termos políticos. As teses ambientalistas acabam se tornando inimigas das que lutam por uma distribuição mais justa da riqueza. E, muitas vezes, Esquerda e Ambientalismo acabam se distanciando, quando suas propostas são mutuamente complementares e necessárias.

Com sempre, é preciso que se refira à experiência de outros países, onde o movimento ambientalista é mais velho, enfrentou períodos para os quais o brasileiro começo a se preparar agora. Nos Estados Unidos, por exemplo, os grupos ecológicos chegaram a uma série de conclusões sobre medidas que precisavam ser tomadas para a melhoria da qualidade de vida: é preciso reduzir o número de automóveis, diminuir o consumo de gasolina, restringir o acesso de pessoas às «ilhas de natureza», proteger as áreas rurais da invasão de pessoas que desejam lá morar porque os terrenos são mais baratos. Todas as propostas podem ser ambientalmente corretas.

Mas a maneira de adotá-las é que o ponto fundamental. Tranquilamente, os setores mais conservadores da sociedade norte-americana acabaram «comprando a briga» dos ecologistas; menos automóveis, através do aumento do preço; menos gasolina, através do aumento de preço; menos pessoas nas reservas naturais, através do aumento de preço. Assim, as injustiças não só se perpetuam como se ampliam.

Portanto, o movimento ambientalista precisa se definir. Aqui, no Brasil, por exemplo: é correto acabar com a poluição das praias do Guarujá impedindo-se a presença dos «faroleiros» no local? É possível aceitar-se a tese da CETESB segundo a qual a poluição no centro de São Paulo acaba quando os donos de automóveis deixam de ir trabalhar com seus carros? E assim por diante.

Está na hora de se cobrar dos grupos ambientalistas uma definição política. Em muitas rodas «ecológicas», a simples menção do termo política é capaz de levar a crises de histeria entre os que acreditam que a Ecologia deve ser preservada das impurezas da militância política.

Entretanto, não há como se evitar o problema. Os puristas do ambientalismo têm um papel político bastante definido e sua posição contribui de maneira substancial para a manutenção do estado de injustiças vigente. Denunciá-los é uma tarefa prioritária dos que compreendem o ambientalismo como um movimento mais consequente.

Mas não é só dos ambientalistas que se deve cobrar posições mais claras. Também entre os setores chamados «progressistas» ou «revolucionários» do nosso espectro político, é preciso que se derrube preconceitos que afirmam ser o movimento ecológico basicamente reacionário ou tarefa não prioritária. A visão estreita com que muitos pensadores de Esquerda encaram os problemas contemporâneos tem sido uma das responsáveis pela facilidade com que o sistema acaba cooptando os argumentos dos ambientalistas.

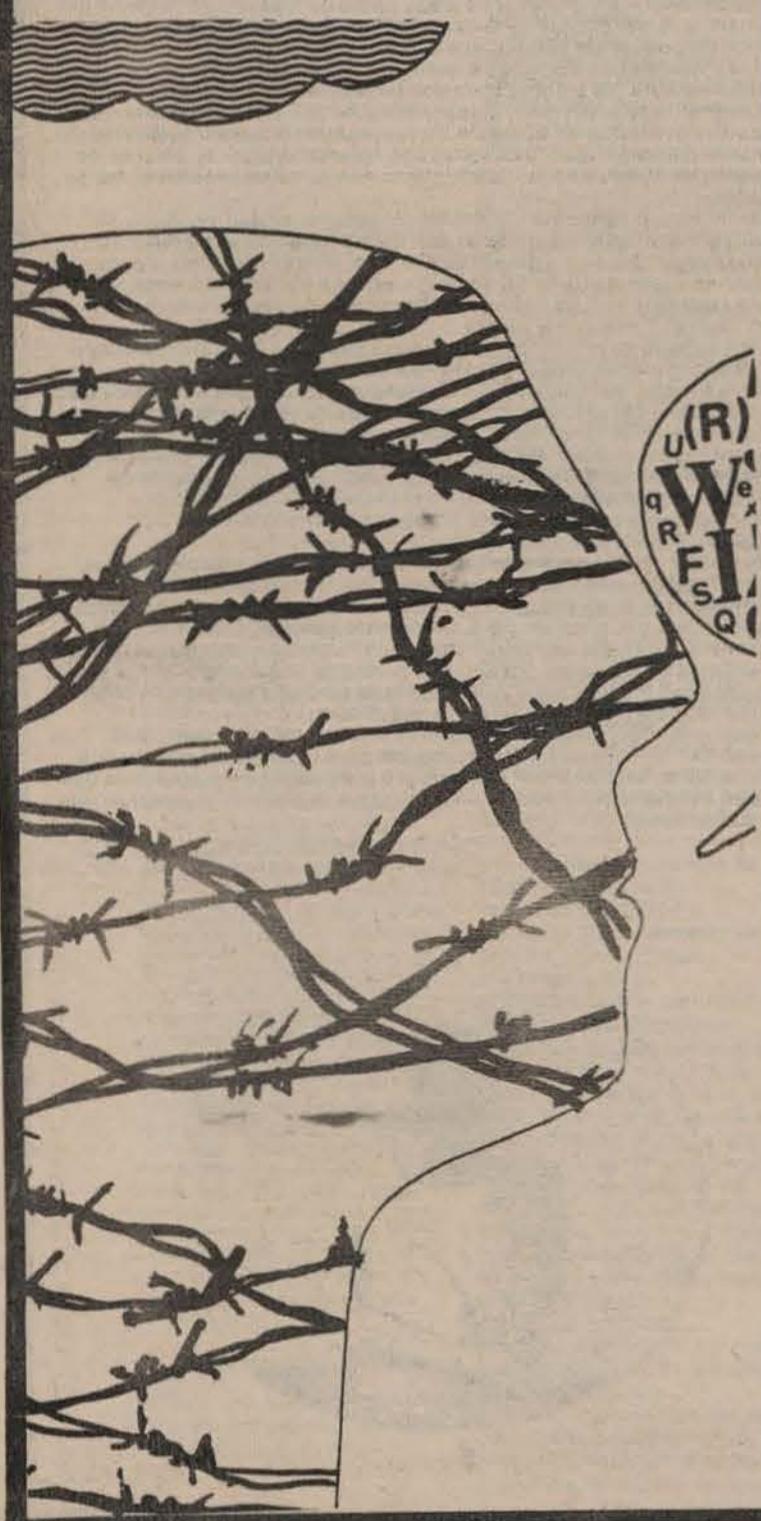
Com os ambientalistas definindo-se melhor politicamente, e os pensadores «progressistas» derrubando seus velhos e ultrapassados preconceitos, será possível direcionar o movimento para objetivos que ajudem a construir a sociedade mais justa e de melhor qualidade de vida que todos desejam.

CENTRO DE ESTUDOS ECOLÓGICOS
(Caixa Postal 231-11100 - Santos - SP)



O que são os dissidentes?

David Cooper



★

Nós, no Ocidente, devemos definir os parâmetros de nossa dissidência, quanto aos valores e à prática das classes e camadas dirigentes do mundo capitalista e dos seus desenvolvimentos, fascismo, imperialismo, neo-colonialismo e, mesmo, (exemplo, o Zaire), re-imperialismo.

★

Literalmente, dissidência quer dizer estar no outro lado, no "outro campo", dissensão quer dizer pensar e sentir diferentemente dos poderes estabelecidos.

★

Boukovsky tem, talvez, razão ao preferir o termo "resistência" à "dissidência". Ele nos diz que no sistema soviético atual, a oposição não é entre "bons pensadores" e os "maus pensadores" mas que é mais questão da resistência interna das pessoas que começam a pensar contra o não-pensamento dos ideólogos do sistema. É o oposto daqueles que, no Ocidente, resolvem os seus problemas de consciência política repetindo, como uma litania vazia de sentido: "Gulag! Gulag! Gulag!"

★

Se o não-pensamento é um dos produtos mais evidentes de um sistema de socialismo burocrático, não esqueçamos que é também o preço exigido por todos os sistemas capitalistas, produtores de formas de não-pensamento eminentemente rentável e exportável.

★

A questão filosófica mais urgente: por que alguns entre nós terminam por conhecer suficientemente seus condicionamentos para ultrapassá-los, enquanto que os outros vivem em simbiose com as forças que os condicionam? Por que a maioria se recusa a ler entre as linhas da imprensa diária e aceita o poder importante do capitalismo e dos seus agentes, enquanto que este poder está, para usar uma das metáforas do dinheiro que os apaixona, em estado de falência?

★

O que se entende habitualmente por intelectual é, em geral tão vazio de sentido. O intelectual seria aquele ao qual a soma dos conhecimentos conferiria um "status" de "expert". Um "expert" tão "expert" em seu domínio, que não terá nunca tempo de refletir sobre os efeitos de sua esperteza sobre os outros. Daí resultará, por exemplo, a bomba de nêutrons, que eliminará os seres vivos com a condição de deixar intacta a propriedade ou as psicobombas que destruirão a autonomia pessoal do indivíduo ou do grupo, em proveito de uma pseudo-coletividade.

★

O "sistema" é este largo conjunto de estratégias ideológicas, das estratégias e das táticas, que derivam de um centro inelutável e essencialmente inexistente do poder estatal para esta zona que cerca cada um de nós e que é concretamente sentida como a angústia corporal de uma repressão. Mas nós devemos, ao menos, ser capazes de definir o agente repressor que, logo que nos aproximamos desaparece, ele mesmo diluído em outras formas de poder, cada vez mais anônimas.

★

Existe uma diferença entre um pseudo-intelectual, técnico normalizador de si mesmo e dos outros (e neste sentido, "perigoso para si mesmo e para os outros") e ser um intelectual que resiste ao sistema (mas que nem por isso é, em si, "libertador", pois a libertação dos outros depende da libertação de si mesmo que não foi ainda feita, porque a libertação de cada um depende da libertação de todos).

★

Não há, talvez, muita energia dissidente nos grupos estigmatizados e invalidados como "delinqüentes". Assim como Gramsci definia um dos aspectos do fascismo italiano dos anos 1920 como a pequena burguesia (apoada pelos grandes industriais e os militares) macaqueando as demonstrações de

rua dos operários, muito jovens desempregados do mundo capitalista são agora constrangidos a macaquear os valores a grande burguesia - o lucro, o dinheiro a qualquer preço, a rapidez e os bens de consumo ostentatórios. O resultado é uma série de crimes espetaculares, "ilegais", servindo para mascarar, pelo caminho da mistificação, os crimes legais também fulgurantes, mas menos espetaculares da comunidade internacional das sociedades multinacionais, cujos orçamentos ultrapassam mesmo os dos Estados-nações capitalistas com seus governos "eleitos democraticamente".

★

Tomemos o caso de Charles Manson, cuja "família" assassinou Sharon Tate e seus amigos. O pretenso delírio de Manson, acreditando incarnar a união entre o Cristo e Satã, se bem que seja suscetível de ser submetido a uma análise psicológica, não tem nada a ver com o fato, este sim evidente, de que este mini-assassinato de massa teve lugar no apogeu da guerra do Vietnã, no apogeu do assassinato de massa ou "pacificação", perpetrado pelos Estados Unidos sobre o povo vietnamita. Nesta época, o que se podia fazer, pretendendo se conformar aos valores dos Estados Unidos, se não agir como o fez Manson, aprisionado pela metade de sua vida, por crimes menores, senão se arrepender, sofrer uma conversão moral, e voltar, perpetuar as execuções em 1977) existe uma tendência jurídica a favor da libertação de Manson, tendência que não é, talvez do interesse da estrita justiça mas que é incontestável "no interesse" de uma absolvição da sociedade.

★

Nós tivemos depois o "Filho de Sam", que matou-se no ano passado (76-77), seis mulheres e feriu muitas outras comum revólver calibre 11 e que, no momento de sua prisão, tinha planejado um "programa-massacre" em um clube "chic" de Long Island. Descubram o que descobrirem os psico-experts do hospital psiquiátrico onde o "Filho de Sam" foi internado, a respeito de suas ligações com seu verdadeiro pai, etc. etc., algumas coisas aparecem claramente, uma vez mais: ele cumpriu seu serviço militar na Coréia e seu dossier militar nos revela que ele era, já, considerado um atirador de elite e que tinha ganho uma medalha por suas performances com o fuzil M-6 e a pistola Colt 44.

★

Qualquer que seja o diagnóstico que se atribuir ao "Filho de Sam", nós devemos lembrar que a mensagem do "velho de seis mil anos" de Sam a seu filho, lhe foi comunicada através de um cão (símbolo da companhia gravadora "A Voz de seu Mestre"?). Nós somos, portanto, levados a pensar que o "Filho de Sam" é um verdadeiro filho do Tio Sam, e, ao mesmo tempo, que devem existir muitos outros verdadeiros filhos do Tio Sam de tal calibre, em liberdade entre nós.

★

Olhemos as fotografias dos dirigentes do Estados Unidos e da Alemanha Federal e a pequenos Grandes Irmãos que controlam as sociedades multinacionais (visíveis todos os dias, nas páginas financeiras do International Herald Tribune). Não são caras de dissidentes.

★

Olhemos, enfim, as fotografias dos fantoches no poder nos países do Terceiro Mundo, e as jovens caras de seus opositores. Olhe bem para as caras das hierarquias no poder na Europa Oriental. E depois, sem passar pelo estágio do espelho, tente imaginar seu próprio rosto, este olhar esquecido que se desfaz e se esquece ainda mais rápido de que ele foi deformado com a tua cumplicidade.

★

Olhe as caras dos Montoneros, Tupamaros, MIR, mortos, e olhe para os novos conquistadores do Terceiro Mundo: Pinochet, Smith, Vorster, e os generais da Argentina.

* O dinheiro do capitalismo não pode comprar "os corações e os espíritos" do povo. (...) A Tanzânia é um dos 20 países mais pobres da Terra, mas com o seu socialismo ela detém uma liberdade profunda, a liberdade do respeito de si, fundado sobre o seu próprio trabalho, que só pertence a si. (...) Por que se espantar que o presidente de Moçambique, Samora Machel, tenha acolhido com algumas reservas as promessas de mudança da política ocidental diante das lutas genocidas na África Austral e tenha concluído que "o Ocidente está do lado do crime?"

* No plano internacional, a verdadeira dissidência reside na construção autônoma de um socialismo próprio a cada país. É uma tal dissidência que procura os melhores meios de combater as predações dos monopólios internacionais e prevenir o perigo de uma coalizão entre as sociedades multinacionais e as burocracias ditas socialistas.

* Os capitalistas, por seu lado, não abandonam facilmente seus lucros. Seus valores e sua moral são muito simples: eles se resumem na curiosa "inequação" dinheiro mais dinheiro. Eles são os únicos verdadeiros perversos, tendo o desejo negativo de evitar a consciência de sua própria morte (pouco importa o número dos mortos para chegar a este resultado). Este desejo negativo é contido na fórmula ilusória "minha propriedade privada acumulada é minha imortalidade."

* Os Carteristas esperam uma conversão moral do capitalismo e parece provável que muitos acreditam verdadeiramente nesta possibilidade. Seguramente, contudo, a subida de Carter ao poder apresenta algumas vantagens (um pouco como apresentaria a subida da "esquerda" "oficial" na Europa ocidental), uma delas seria a de introduzir no Oeste, uma certa desestruturação no monolitismo do capitalismo, e, por efeito secundário, nas burocracias do Este. Um campo mais desestruturado torna mais possível o desenvolvimento de uma multiplicidade de ativismos autônomos que desafiam as coletividades centralizantes, os parlamentos, as autoridades locais controladas pelo centro, os partidos e alguns grandes sindicatos. Estes ativismos incluem de uma parte diversas ações de "democracia direta" como a recusa de pagar os aumentos de aluguel, gás, eletricidade; autogestão da saúde que coloca a medicina a serviço de todos; as ações específicas das mulheres; a difusão de rádio livre; a propagação na URSS de Samizdat contra-culturais e a organização espontânea de pessoas para ações específicas que produzem efeitos duráveis, como a formação de comitês de defesa dos operários, na Polônia ou as manifestações anti-nucleares.

* Tais são algumas das ações dos dissidentes. Mas uma tarefa mais urgente no Oeste seria a de prevenir a ascensão do fascismo. Os fascistas seriam secretamente alimentados pela Democracia social manifestamente na Inglaterra, na RFA; e proliferaram na Itália, na Espanha e em Portugal. Outrora, o patronato alemão fabricava Hitler e o elevava à categoria de Führer; hoje, a Democracia social cumpre a mesma função. Heil Helmuth? Não. Hoje, o fascismo utiliza todos os pequenos fuhrers ocultos em cada uma de nossas preciosas almas.

* Se nós queremos encontrar um terreno de entente para a compreensão e a ação entre dissidentes do Este e do Oeste, um bom ponto de partida seria o exame de nossas necessidades e das necessidades humanas em geral.

Uma das tentativas mais penetrantes a este respeito foi cumprida pelos filósofos e sociólogos da Escola de Budapeste, depois de Georges Lukács. (...) É, sobretudo, Agnès Heller (nascida em 1919 em Budapeste, expulsa em 1959 da universidade e do Partido por ter apoiado idéias "falsas" e revisionistas de Lukács, signatária, em 1968, da petição

lançada pela escola de verão de Korčula contra a invasão da Checoslováquia, expulsa da via intelectual húngara em 1973, depois tradutora desempregada) que mais fez progredir nossa consciência potencial de tudo o que temos ativamente necessidade, em oposição às necessidades artificiais que nos foram impostas. Talvez esta análise tenha sido possível porque nos países do Este as necessidades impostas pela burocracia interna do Partido revelam claramente sua fonte, o bastante, em todo o caso, para serem conhecidas, e para que a elas se resista. Em troca, nos países ocidentais, as necessidades impostas provêm de fontes muito menos identificáveis; de um poder que utiliza a "mass media", no seio do qual os misticadores são ainda mais misticados que as massas que eles diariamente se empregam em misticar. E não esqueçamos a psico-tecnologia macia da publicidade, que nos possui como porcos, nos precipitando, acima de todas as falácias disponíveis para nos jogar para a nossa morte (você percebeu que cada caixa de margarina que você compra nos supermercados fornece alimento para o suicídio?)

* Heller escreve que "a necessidade é um desejo consciente". A necessidade de respirar o ar é uma condição vital, mas se nós falamos da necessidade de respirar ar não poluído, se trata, ai, de uma necessidade humana. Heller estabeleceu, pois, uma distinção entre "necessidades de sobrevivência" e "necessidades humanas."

* Além das necessidades vitais de ar e de alimentação, etc., existem necessidades humanas de repouso (indispensável para a reprodução da força do trabalho), as necessidades de atividades "culturais", os jogos dos adultos, a amizade, a meditação, o amor, o desejo de se realizar, a necessidade ética.

Tais necessidades humanas, representando para Heller as necessidades humanas qualitativas que se opõem às necessidades quantitativas alienadas, se exprimindo em termos de dinheiro, de poder e de posse.

* Marx falou muitas vezes das "necessidades radicais", das necessidades que não seriam satisfeitas no contexto de uma sociedade burguesa. Salvo se sinta tais necessidades e deseje satisfazê-las, a classe operária não pode se libertar, e, ao mesmo tempo, libertar a humanidade inteira.

Lukács dizia que era preciso criar "uma consciência adequada" entre os trabalhadores. Heller sugere que a única aproximação possível das necessidades é criar novas estruturas de necessidades que despertariam o povo para as suas próprias possibilidades.

* A ligação real entre dissidência e necessidades radicais é a autonomia, a afirmação autônoma de si. Esta autonomia, concebida como a base de uma solidariedade não dependente que se exprime na autogestão radical de cada aspecto da vida humana contra o sistema de institucionalização, que impõe a cada um, um lugar que não é nunca o "seu" lugar. (...) Existem exceções, mas mesmo nas melhores comunidades que eu conheci, eu encontrei pouco respeito pelo direito de cada um de recusar as exigências do grupo e de querer estar sozinho. Se nós não desenvolvemos a capacidade de estar sozinhos (muito diferente da solidão imposta), a base autônoma da existência com o outro falha. Se nós não podemos estar suficientemente sozinhos, nós somos livres para viver separadamente, onde não importa que outra relação tenhamos: de companheiros, família, família ampla ou comunidade sem "familiarismo".

QUANTO À LUTA FINAL?
E A LUTA SEM FIM.
RESTA APENAS A LUTA.
MAS A LUTA SECRETA SEU PRÓPRIO SENTIDO.

UM REVOLUCIONÁRIO

David Cooper é sul-africano. Mas não pense nele como um racista miserável. Ele não suportou a vida nessa nação sufocada, e partiu para o exílio. Mas não pense nele como um covarde. Médico, psiquiatra, Cooper começou a combater os conceitos dominantes nos hospícios, clínicas psiquiátricas, livros boorentos. A sua crítica destas estruturas ganhou o nome de anti-psiquiatria. É uma teoria discutida-questionada por setores sérios, odiada pelos que defendem teorias antiquadas, é que Cooper expõe em muitas obras. Estes textos foram recolhidos de um livro de Cooper lançado em 1977, na França: «Quem são os dissidentes». Deve ser lido com a paixão com que foi escrito.



CíRCO CINEMATOGRÁFICO

por Luiz Rosemberg Filho

É tão fácil confundir e, na confusão, se perder na destruição. Em cada filme que faço, tento recuperar a minha liberdade perdida. Só que a minha liberdade não se resume ao cinema, ao Kapital, às aparências... Ser livre é manter dentro das possibilidades um estado de consciência profunda, temo, real, histórico sem ser otimista de uma maneira vulgar. Conforme Arnold Hauser, em "HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE", a atitude pequeno-burguesa com relação à vida caracteriza-se por um otimismo impensado e não-critico. "O pequeno-burguês acredita na extrema insignificância das diferenças sociais e, consequentemente, quer ver filmes nos quais as pessoas simplesmente se tranfiram de uma escala social para outra"... A busca incessante da realização material, por todos, mesmo que seja somente uma busca irreal, ilusória, forma os seus conceitos de avaliação. O condicionamento que hoje nos afeta a todos, talvez tenha determinado os diferentes tipos de reação das pessoas em relação ao meu cinema. Criar com Renato Coutinho, Antonio Luis, Adriana de Figueiredo, Ricardo Miranda, Lídio, Aninha Miranda - foi para mim no «CRÔNICA DE UM INDUSTRIAL» uma especulação completamente diferente das coisas a que eu estou/ estava acostumado a ver, sentir e (gostar?) - não sei. Apesar disso, todo o processo, cada plan /imagem prolongada me revelavam coisas que estamos sofrendo cotidianamente na carne e na mente há quase dois mil anos de "civilização". A vida terrível que vivemos era observada nos seus aspectos históricos e psicológicos, na qual a TV, no seu processo monolítico de empobrecimento, juntamente com a miséria física - no meu entender - tomava parte ativa no condicionamento das massas, encaminhando-as à impotência muda, onde nem mesmo o afeto real proporcionado por uma mulher, a fazia sair dessa letargia louca. E a moral, desde os tempos feudais, primórdios da civilização ocidental, sempre hipotecou solidariedade (interesseira, evidentemente) à violência oriunda da necessidade de proteger os interesses da classe dominante, de uma suposta ameaça por parte dos oprimidos. Eu disse "primórdios", e hoje, quase dois mil anos depois, ainda fico terrivelmente impressionado com qualquer imagem que mostre um ato de violência, de repressão acobertada pelos envelhecidos escudos da moral. A cada passo eu constatava que ainda carecia muito de me libertar, apesar ou principalmente por causa da minha origem, de certas marcas que determinavam o meu arraigado condicionamento perante as coisas que sempre foram aceitas como de transcendental importância como a moral e que, no fundo, se revelaram completamente falsas. Ainda assim essa tristeza profunda me possibilitara crescer, sair, buscar outras perspectivas, mesmo no campo MINADO do cinema. A maturidade é um processo lento, difícil de se conquistar; exige uma ginástica forte, e ninguém se transforma da noite para o dia...

* Jean-Claude Bernardet, Nélson Pereira Dos Santos, Ignácio de Loyola, Alex Viany, Kurt Mirow, Ruth Escobar, Leon Hirszman, Dina Sfat, Paulo José, Fauzi Arap, Edson Kahir, Jairo Ferreira, Analu Prestes, Silvia e Johnny Howard assinaram juntamente com centenas de outras personalidades, um livro de assinaturas que será encaminhado aos Ministros da Justiça e Educação, na qual se pede a necessária liberação do filme "CRÔNICA DE UM INDUSTRIAL". Neste momento em que o som da ABERTURA é uma palavra de ordem do Presidente da República, não se justifica de modo algum, manter nas prateleiras da censura documentos como "O PAÍS DE SÃO SARUE", "NOITE SEM HOMEM", "PRATA PALOMARES", "ASSUNTINA DAS AMERIKAS", "ORGIA O HOMEM QUE DEU CRIA", "FAMÍLIA DO BARULHO", "COPACABANA DESVIRADA", "CABECAS CORTADAS", "PIRANHAS DO ASFALTO", "DESTRUÇÃO CEREBRAL" e tantos outros. Não adianta se elogiar a liberação da "LARANJA MECÂNICA" ou dos filmes recentemente liberados na Espanha, tendo tantos filmes nacionais impedidos de terem uma vida própria.

* Coisa curiosa no que toca à análise de filmes dos ainda cineastas independentes. Existe evidentemente uma forte carga cultural que ao invés de nos atrapalhar numa análise do real, nos ajuda a melhor compreender a nossa realidade. Alguém me disse, que era preciso queimar Brecht, destruir toda informação cultural para melhor tocar no público. Hoje vejo que tal opinião não difere muito das "santas teorias do IIIº REICH. Por outro lado, se nossos filmes são tristes, frios, amargos, sujos, mesmo difíceis - se justificam plenamente pois ainda vivemos numa realidade DEFORMADA, SOFRIDA, FRÍA e muitas vezes suja. Não conseguiremos nunca abandonar a nossa visão trágica do Continente, para fazermos algo próximo de Dona Dama, Dona Chika's ou Dona Flor... O Neville e o Bruninho estão mais aptos do que nós, para melhor defender a alegria, dentro deste mesmo Sistema... Cinema como prato do poder, felizmente ainda não é a nossa especialidade. Temos todos a plena certeza de no momento estarmos fazendo o pior cinema do Brasil. Que assim seja enquanto as coisas permanecerem como estão. Somos todos, os prometheus contemporâneos. Nossa consciência do real, nos leva a uma profunda tristeza... Mas nem por isso abandonamos o CINEMA, nossa única atividade depois da comida, do amor e da vida...

* É uma baleia a mais do capitalismo selvagem, estabelecido entre nós desde 68 (pra não se recuar mais no tempo), que o processo industrial no cinema brasileiro, possibiliterá lutar no mesmo nível (é importante saber o que "eles" entendem por nível!!!) contra as perspectivas e fórmulas do imperialismo cultural. Entretanto os efeitos culturais do "nossa" cinema industrial, faz voltar o debate ideológico ao nível mais baixo, só com "filmes" insignificantes. Nossa Continente é pobre. Permanentemente somos explorados pelas multinacionais da informação, na verdade formação. Só se pode pensar num processo industrial para o cinema brasileiro quando se dominar primei-



ro os meios de produção. Quando não se depender mais de nenhum tipo de autoridade para se conseguir uma produção justa. Um país pobre não suporta um cinema rico. O objetivo dos grandes orçamentos é afastar os jovens de uma participação direta no processo de criação. Estamos no zero, e dele é que temos que partir. S.O.S. aos cineastas.

* Dom Ricardo Miranda com o material não usado num longa-metragem feito em 35 mm, elaborou o seu "IDEOGRAMA" com música transfigurada de Shoenberg. O seu objetivo é discutir as mil variações do processo da imaginação, e como esse estágio de análise interfere na ideologia do autor frente ao seu estágio de criação. Um trabalho que rompe com toda modalidade de análise já estabelecida pelo cinema, para edificar, na medida do possível, uma viagem as fontes da imaginação não reprimida. Um filme que em determinado momento assume a postura de um golpe branco no tradicional naturalismo pouco inventivo da curta-metragem. E curiosamente, o "IDEOGRAMA" só tem 4 minutos. Lamentavelmente, não cumprirá a lei de obrigatoriedade que determina no mínimo cinco minutos, para que o filme seja exibido como curta-metragem.



meditações de emergência

Roberto Piva



ANTICOMUNISMO NÃO ENCHE BARRIGA

Me da aí um anticomunismo à Bolonhesa! Gritava Zézinho Torturador, o famoso pragamata de 3 Sertões cidade na fronteira da febre & do abismo onde o anticomunismo é o prato do dia Com Cebolas acrescentou Zézinho Torturador torturado pela falta de tempero pragmático antes do consumo & a visão dos moradores de 3 Sertões entrou em pane devido a facilidade de se servirem de um prato quente a qualquer hora do dia bastando para isso visitar: repartições públicas, colégios, casamatas, guichês, departamentos, pensionatos, lojas de alimentos para cães, sociedades anônimas, associação nacional dos punguistas internacionais, etc, & no entanto o colaborador mór do banqueiro Dr. Cruz Credo fornece os ingredientes para o prato mais bem feito & mais famoso de 3 Sertões com suas receitas de penumbra & sono cívico-futebolístico até o seu cachecol de urubus pegar fogo & um tatu que rói o dedão caipira de um integralista de quintal se transformar no prato de sopa preferido de um bando de fascistas esparramados em torno de uma bacia de excremento seco cheia de sangue de jaracuru do brejo & nos trapézios vestidos de Mala Feminas os garotos cintos da TFP desabotoam as braguilhas & mijam paralelepípedos incandescentes enquanto o mar atravessa o céu até a lua, bunda gelada da noite, desaparecer na Pororoca.

P.S. A seita imperialista Hare Krishna também conhecida como TFP de saias vai lançar seu próximo livro: COMO SE TRANSFORMAR EM INDUSTRIAL. Segue manual de torturas.

DUAS HISTÓRIAS EXEMPLARES

COMÉDIA EM UM ATO

AS BRINCADEIRAS DE
MARX COM O SISUDO
CENSOR DA
«GAZETA»

Uma vez Marx me contou uma interessante história sobre a sua luta com o censor, que ocorreu em princípios dos anos 40, quando ele era redator da velha gazeta Renana, de Colônia. O censor era muito chato com este jornal, por causa dos famosos artigos de Marx sobre o parlamento provincial — assim, o incomodava tanto quanto podia. Marx planejou, por fim, uma brincadeira para «domesticar este enrolador».

As provas da gráfica para o censor deveriam ser entregues a ele na última hora da tarde, pois o jornal saía pela manhã. O lápis vermelho do censor exigia, com bastante frequência, muito trabalho na gráfica, durante a noite.

Certa noite, o censor tinha sido

convidado com sua esposa e suas filhas casadouras, para uma brilhante festa na casa do governador da província. Mas, antes de ir, tinha ainda que realizar suas tarefas de censor. No entanto, justamente aquele dia as provas da gráfica não chegaram na hora de costume. O censor ficou esperando, pois não podia deixar de cumprir suas obrigações. Sem esquecer que tinha de comparecer na casa do governador, e sem contar com as possibilidades das filhas casadouras.

Já era quase dez da noite e o censor estava bastante exaltado, quando mandou sua esposa e filhas à festa e deu ordens a um empregado para que buscasse as provas na gráfica. O empregado voltou e informou que a gráfica estava fechada. Desesperado,

o censor foi em seu carro até a casa de Marx, que era bastante longe. Já era quase as onze da noite.

Depois da campainha tocar por um bom tempo, Marx apareceu pela janela do terceiro andar.

— As provas da gráfica! — gritou o censor.

— Não há! — respondeu Marx.

— Como? ...

— Amanhã não publicaremos o jornal...

Depois de dizer isto, Marx fechou a janela. O censor burlado, ficou com as palavras engasgadas na garganta. E desde então se comportou melhor.

(Wilhelm Blos — 1914)



RITMO

um conto de Charles Chaplin

Tão só a alvorada se movia na quietude daquele pequeno pátio de prisão espanhola — uma alvorada anunciadora de morte — enquanto aquele jovem republicano se levantava em frente a um pelotão de fuzilamento. Os preparativos haviam terminado. O grupelho de autoridades havia se colocado ao lado para assistir a execução e agora a cena se coalhava em um penoso silêncio.

Desde o primeiro até o último momento, os rebeldes tinham conservado a esperança de que seu Estado Maior enviasse a ordem de suspender a execução. Pois o condenado era um adversário de sua causa, mas havia sido popular na Espanha. Era um brilhante escritor humorístico que soubera divertir amplamente os seus compatriotas.

O oficial que comandava o pelotão de fuzilamento o conhecia pessoalmente. Eram amigos desde antes da guerra civil. Juntos haviam se diplomado na universidade de Madrid. Juntos haviam lutado para derrubar a monarquia e o poder da Igreja. Juntos haviam bebido, haviam passado noites inteiras nas mesas de bar, rindo, brincando, e dedicado várias gar-

rafas às discussões de ordem metafísica. De quando em quando, haviam brigado por culpa dos diversos modos de governo. Suas divergências de critérios eram então amistosas; mas que por fim provocaram a desgraça de toda Espanha. E haviam levado seu amigo ante a um pelotão de fuzilamento.

Mas, para que evocar o passado? Para que raciocinar? Desde a guerra civil, para que servia o raciocínio? No silêncio do pátio da prisão todas aquelas perguntas se confundiam, trebris, na mente do oficial. Não. Havia que fazer vista grossa do passado. Só contava o futuro. O futuro? Um mundo que lhe privaria de muitos amigos antigos. Aquela manhã era a primeira vez que haviam voltado a se encontrar desde a guerra. Não haviam dito nada. Haviam trocado somente um sorriso enquanto se preparavam para entrar no pátio da prisão.

O trágico amanhecer desenhava uns raios prateados e roxos no muro do cárcere e tudo respirava uma quietude, um descanso cujo ritmo se unia ao sossego do pátio, um ritmo de latidos como os de um coração. Naquele silêncio, a voz do oficial que comandava o pelotão retumbou contra os muros da prisão: «Sentido!»

Ao ouvir esta ordem, seis subordi-

nados apertaram seus fuzis e se ergueram: a unidade de seu movimento foi seguida de uma pausa em cujo transcurso deveria ter sido dada a segunda ordem.

Mas algo aconteceu durante aquele intervalo, algo que veio quebrar aquele ritmo. O condenado tossiu, limpou a garganta e aquela interrupção transformou o encadear dos acontecimentos.

O oficial se voltou para o prisioneiro. Espera ouvir-lhe falar. Mas dele não veio nenhuma palavra. Então, voltando-se novamente para seus homens se dispôs a dar a ordem seguinte. Mas uma repentina rebeldia se assentou de seu espírito. Uma amnésia psíquica que converteu seu cérebro em um espaço vazio. Aturdido, permaneceu mudo ante seus homens. Que sucedia? Aquela cena do pátio da prisão não significava nada. Não viu então, objetivamente, mais que um homem. E aqueles outros ali ao lado, que ar tão estúpido tinham e como se pareciam com uns relógios cujos tic-tacs tivessem parado de repente!

Ninguém se movia, nada tinha sentido. Havia ali algo anormal. Tudo aquilo não era mais do que um sonho e o oficial devia fugir dele.

Obscuramente, lhe voltou pouco a pouco a memória. Desde quando ele estava ali? Que havia acontecido? Ah, sim! Ele havia dado uma ordem. Mas... qual era a ordem seguinte?

Depois de Sentido!, vinha carregar!; logo depois apontar! e, por fim fogo! Em sua inconsciência conservava uma vaga ideia disto. Mas as palavras que devia pronunciar pareciam distantes, vagas, estranhas a ele mesmo.

Em seu atordoamento gritou de um modo incoerente, com uma confusão de palavras carentes de sentido. Mas ficou aliviado ao ver que seus homens carregavam as armas. O ritmo de seu movimento reanimou o ritmo de seu cérebro. E voltou a gritar. Os homens apontaram.

Mas, durante a pausa que se seguiu, uns passos apressados se fizeram ouvir no pátio da prisão. O oficial sabia: era o indulto. Recobrou imediatamente a consciência.

— Alto!, gritou freneticamente ao pelotão.

Mas seis homens tinham um fuzil. Seis homens foram arrastados pelo ritmo, ao ouvirem o grito de alto!, dispararam.

(tradução: Luiz Egypto)

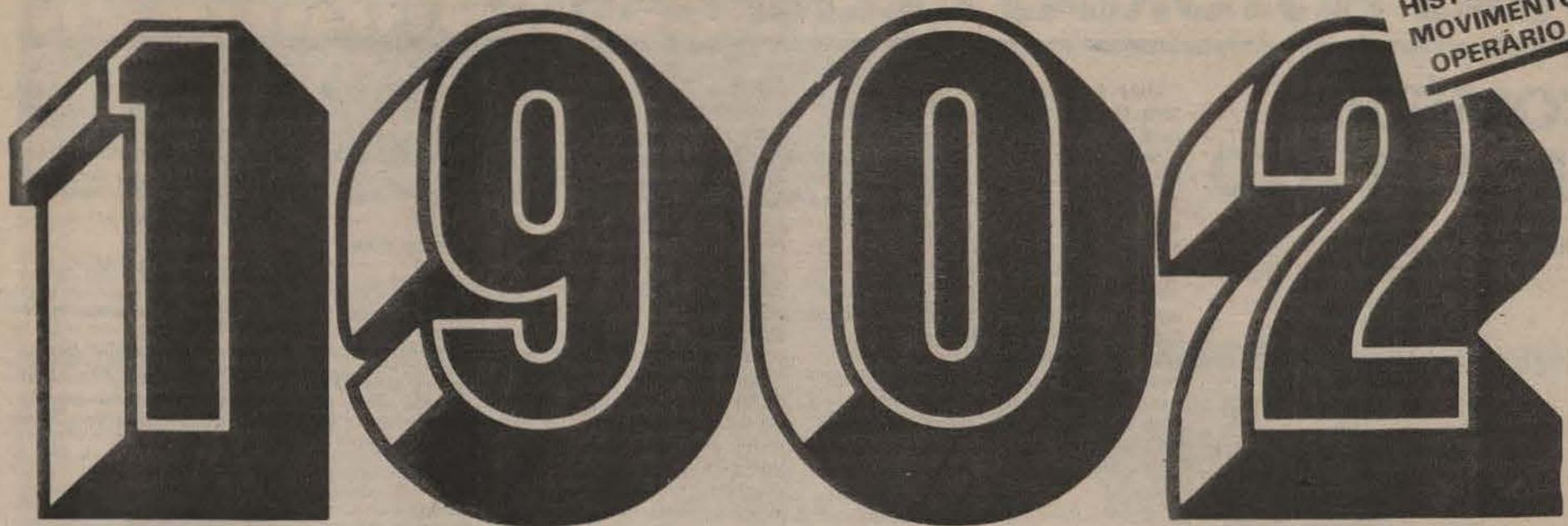
Assine
versus



Faça sua assinatura anual de Versus por Cr\$ 200,00. Você receberá 12 números do jornal e mais nossas edições especiais. Se você conseguir três assinaturas, terá direito a um disco da coleção Música Popular do Sul, da gravadora Marcus Pereira. Se fizer mais assinaturas, dois discos. Se conseguir nove, tem direito à coleção completa de Música Popular do Sul!

Assine Versus com seus amigos. Envie cheque nominal ou vale postal à capital, CEP 05409.

NOME
RUA
BAIRRO
CIDADE
PROFISSÃO
OBSERVAÇÕES



Texto de Luis Paulo Pilla Vares

(o primeiro manifesto socialista)

O socialismo não é uma idéia estrangeira ao Brasil. Ele se confunde com os primeiros passos do movimento operário brasileiro. A idéia de socialismo e do partido dos trabalhadores, em nosso país, tomou corpo quase que simultaneamente com o fim da escravatura e com o inicio da República. «Dos círculos operários e centros socialistas que se criaram durante a primeira década republicana, em várias cidades do país, principalmente na região Centro-Sul, o que mais se destacou, por sua organização e orientação, foi, sem dúvida, o Centro Socialista de Santos, fundado em 1895, por Silvério Fontes e seus companheiros do círculo de 1889» (1).

Hoje, 90 anos após a Abolição da Escravatura, libertado de sua doença populista, o movimento operário começa a retomar sua caminhada, desta vez sobre os próprios pés. O sintoma mais evidente desse renascimento é a busca das origens, a história social do movimento dos trabalhadores brasileiros e de seus organismos políticos (2). O outro sintoma, não menos importante, é a discussão que se faz em todos os centros sobre a necessidade de um partido político que efetivamente represente os trabalhadores. A história escrita tem negligenciado o passado socialista, centralizando suas pesquisas basicamente em duas manifestações políticas dos trabalhadores, o comunista (que no Brasil se formou praticamente sob a influência de Stálin), (3) e a anarquista, cuja influência se fez sentir de maneira acentuada principalmente na fase adolescente do movimento operário, cessando praticamente em meados da década de 30. Enquanto, o socialismo de inspiração marxista, mas não stalinista, está esquecido, embora a prática social tenha lhe dado outra vez uma exuberante atualidade. Se é verdadeira a frase de Hegel de que o mocho de Minerva só levanta vôo ao cair da tarde, não vai tardar muito a serem iniciadas as pesquisas sobre o socialismo democrático e suas raízes no Brasil. Nesse dia, ninguém poderá esquecer Silvério Fontes, considerado como o pioneiro do marxismo no Brasil.

Silvério Fontes nasceu em Aracaju, no dia 1º de fevereiro de 1858, e depois de seus primeiros estudos em Sergipe transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina. Para custear seus estudos, lecionou geometria e latin e formou-se em 1880. Com indiscutível vocação científica, o que refletia adequação ao espírito da época, escolheu como tese de doutoramento *A Microbiologia*, baseada em Pasteur: foi o primeiro trabalho surgido no Brasil sobre o assunto. No ano seguinte ao de sua formatura, deixou o Rio de

Janeiro e seguiu para Santos, onde se destacou como cientista e lutador e teórico das causas populares.

Quando o pioneiro Silvério Fontes desembarcou em Santos, o Brasil vivia uma época de crise, em que se avolumavam os elementos materiais destinados a pôr fim às velhas estruturas daquela sociedade monárquica, cujo trono se assentava sobre relações de produção baseadas nas explorações da mão-de-obra escrava, 1881; tempo de campanha abolicionista, fundindo-se com os ideais republicanos. Tempo em que apenas as reformas liberais do sonho britânico de Joaquim Nabuco não se adequavam mais às necessidades de expansão das forças produtivas que haviam sido geradas com o crescimento urbano dos últimos tempos do Império. E Santos se constituía em um dos agitados centros de difusão das idéias abolicionistas e republicanas. Por sua formação e por sua ligação com o povo sofredor, Silvério Fontes imediatamente participou das campanhas abolicionistas e republicanas. Nessa época, o fundador do movimento socialista no Brasil ainda era adepto da filosofia positiva de Augusto Comte (4) e o jornal fundado por ele *A Evolução* refletia o pensamento comista dominante entre os jovens republicanos e abolicionistas daquela época.

Silvério casou-se em Santos e logo após a proclamação da República, aos 30 anos, tinha um inegável prestígio na cidade, como cientista e pensador, além de político. Sua adesão ao socialismo veio impregnada do positivismo de Augusto Comte, mas sua formação científica e materialista possibilitou-lhe, com relativa facilidade, chegar às concepções de Marx e Engels.

Um ano após a Proclamação da República, Silvério Fontes e seus companheiros fundam o Círculo Socialista, primeira etapa do Centro Socialista de 1895, já com acentuada (e predominante) tendência marxista. O Centro Socialista, e segundo Astrogildo Pereira, seria de uma importância decisiva para a difusão das idéias socialistas no Brasil. Apesar das derrotas do Centro Socialista, que cedeu às pressões de um ambiente ainda adverso às novas idéias, Silvério Fontes e seus amigos de Santos, em contatos com outros centros socialistas de São Paulo e do Rio de Janeiro, lançaram a semente para a criação de um Partido Socialista no Brasil, idéia que germinou e que teve como resultado o Manifesto de 1902, primeiro documento de um Partido Socialista Brasileiro.

Silvério Fontes viveu até 1928 (ele morreu a 27 de junho). Nunca voltou atrás em suas idéias socialistas e ainda está à espera de um estudo aprofundado

sobre sua vida de pioneiro, o que revelaria dados significativos sobre os fundamentos do socialismo no Brasil em uma época que mal acabara de sepultar o trabalho escravo.

O Manifesto de 1902 tem uma data discutível. Astrogildo Pereira supõe que seu texto original date do próprio ano da Proclamação da República (1889) «com uma segunda redação em 1895 e redação final em 1902». Analisando-se hoje o seu texto, descartando-se determinadas afirmações características da época em que surgiu e das deficiências inevitáveis em um documento pioneiro, nota-se que o socialismo brasileiro surgiu refletindo, não transpondo mecanicamente um fenômeno estrangeiro mas falando uma linguagem nacional, a nossa realidade, falando de seus traumas e de suas perspectivas. O Manifesto de 1902, cuja autoria é atribuída a Silvério Fontes não reflete também a senilidade social democrática a la Bernstein que já andava influindo decisivamente na Europa. Este é um dado importante, na medida em que marca o nascimento do socialismo brasileiro afastado das importações mecânicas.

Hoje se coloca a necessidade histórica de um PS no Brasil, partido que somente terá sentido se nele se reconhecerem as classes trabalhadoras e que faça de seu programa o programa real do povo trabalhador. Esse partido deverá um lugar de honra, em sua memória histórica, a Silvério Fontes.

1 — Pereira, Astrogildo, «Silvério Fontes, Pioneiro do Marxismo no Brasil», In: *Estudos Sociais*, vol. Rio de Janeiro, vol. III/nº 12, abril de 1962.

2 — As reedições de algumas obras como as de Evaristo Dias e Hermínio Linhares, bem como o lançamento das memórias de Leônidas Basbaum e o volumoso e rico livro do *brazilianist* Foster Dulles, são evidências de que há um movimento sério de pesquisa do que se poderia chamar a recuperação da memória histórica das lutas sociais no Brasil.

3 — Quando o Partido Comunista foi fundado no Brasil (1922), começam as lutas internas do bolchevismo na Rússia e já no ano seguinte iria eclodir abertamente o conflito Trotsky-Stálin. O PC brasileiro não chegou a conhecer a democracia socialista.

4 — Outro fato Histórico que merece uma pesquisa aprofundada no Brasil é o entrelaçamento das teorias positivistas de Augusto Comte com o marxismo. Os exemplos são muitos, mas basta citar Silvério Fontes e Leônidas de Rezende para indicar a alta significação dessa questão teórica nos primórdios do socialismo brasileiro.

«O socialismo de inspiração marxista, mas não stalinista, está esquecido, embora a prática social tenha lhe dado outra vez uma exuberante atualidade»... «Hoje, se coloca a necessidade histórica de um PS no Brasil». Esse Partido deverá ter um lugar de honra, em sua memória histórica, a Silvério Fontes, que em 1902, escreveu o primeiro manifesto socialista de nossa história, publicado naquele ano, no jornal Estado de S. Paulo.

A história das sociedades humanas, desde que se constituíram e onde quer que evolvessem, é a história mesma da luta de classes; e desse pugnar incessante resultou, com o decorrer dos tempos, a eliminação de algumas dessas classes, podendo-se atualmente considerar que somente duas permanecem, extremadas em campos diversos, inconciliáveis em seus interesses: tais são a classe da burguesia e a classe dos assalariados.

Na primeira aliam-se os indivíduos que, dispondo dos meios de produção (terras, minas, máquinas, fábricas, transportes, capital-moeda), se apropriam duma parte do trabalho dos outros, infelizmente a grande maioria, que não possuem tais elementos.

Na segunda classe, aglomeram-se os operários ou trabalhadores, que, só dispondo de sua força muscular ou de suas aptidões intelectuais, se vêem compelidos pela necessidade primordial de viver, a ceder sua força de trabalho por uma vantagem ou compensação inferior a que eles próprios produzem.

É assim que as greves, as manifestações mais significativas desse antagonismo social, estão a generalização sempre, mais frequentes, mais imponentes pelo número, mais ameaçadoras pela resistência do operariado, respondendo à opressão, sempre maior, do capitalismo.

...os mais profícios movimentos políticos, em qualquer país, estejam-se no mal-estar econômico do povo!

Aos proletários, os despossuídos e oprimidos, cabe adotar a melhor vereda para realizar o ideal da sua libertação econômica, sem os abalos subversivos que se fazem sentir em outras regiões políticas, onde o espírito de tolerância não se tem podido infundir entre a classe espoliadora e a espoliada, pela inconsciência dos governos, e pela enormidade do sofrimento da massa popular, explorada, até em sua ignorância, em proveito da minoria detentora do capital.

O célebre desenvolvimento das ciências positivas, especialmente da mecânica, trazendo em suas engrenagens a socialização do trabalho, ao mesmo tempo que a concentração do capital, aumentando cada dia mais, o número e a miséria dos proletários, ao passo que diminui o número mas aumenta o poder dos detentores do capital — impõe, como necessidade inadiável, o estabelecimento duma sociedade mais igualitária, mais sábia, mais fraternal, mais humana, firmada no Trabalho e na Justiça, únicos fatores capazes de proporcionar a felicidade comum ou social.

Ao brasileiro, porém, mais que a nenhum outro, seja republicano ou manarquista, compete colocar-

se à frente do movimento, já que tão atrasado se tem deixado ficar; ao brasileiro, cujo coração é reconhecidamente tão afetivo, tão altruista, e cujo espírito é tão grande e tão rico de idéias liberais, como é grande e rica de elementos de vida a região em que nasceu, acariciadora e generosa a natureza que o cerca.

Que esperam ainda dos incolores governos que se vão seguir, e das oligarquias que se formam, se sucedem e se refundem, para a alternantes substituição de seus membros no poder?

A própria classe burguesa, possuidora do capital, se mais profundamente reparasse para a injustiça de suas relações econômicas com a grande massa explorada em seu trabalho, adviria a auto-sugestão de, no seu próprio interesse, colaborar no movimento reformativo, deixando o individualismo exclusivista em que se há colocado, para preservar-se de um cataclismo inevitável, só depende do tempo, qual é a reação reivindicante que a miséria só pode provocar; e a miséria no Brasil já se vai mostrando, em sua figura tétrica e minaz, as portas da grande classe dos assalariados tanto manuais como intelectuais!...

Especialmente aos pequenos-burgueses, aos medianos capitalistas, convém atentar para estas verdades.

O próprio capitalismo reconhece a desordem do atual regime da produção e o procura regulamentar

Fragments do texto de Silvério Fontes

a seu jeito, em seu benefício, instituindo os sindicatos, as grandes companhias, e ainda fundindo essas instituições nos monstruosos *trustes*, verdadeiros *moleches* da produção, elevando cada vez mais o domínio e o monopólio do capital.

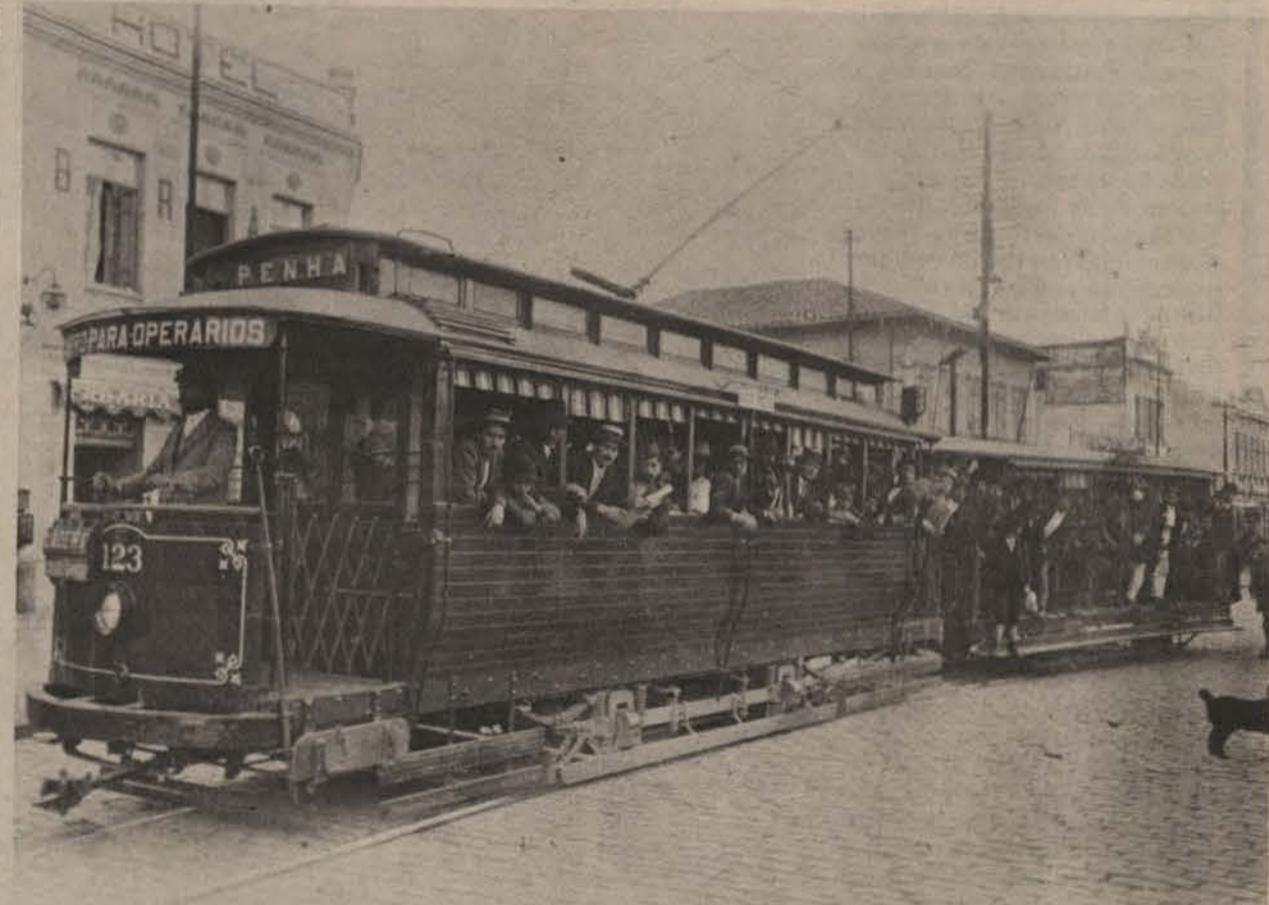
A nenhuma classe, porém, impõe-se mais urgentemente o estudo e a adesão aos princípios socialistas do que à classe dos proletários, a dos assalariados em geral, quer sejam os que mourem com sua atividade física, com seu esforço muscular, quer os que empregam suas faculdades mentais — quer os operários manuais, os artífices, quer os intelectuais; que todos, mais ou menos inconscientemente, ai vivem a sacrificar suas forças vitais ao bem-estar da minoria capitalista.

O acordo sincero e diligente de todos os que no Brasil vivem do seu trabalho, torna-se pois, necessário e urgente, como alicerce da ação concentrada do Socialismo no país, quer nos negócios políticos, quer nos assuntos econômicos, para a consecução de seu ideal: a socialização dos meios de produção e de troca, isto é, a transformação da sociedade capitalista ou burguesa numa instituição verdadeiramente social.

Para eles, portanto, o Conselho Geral do Partido Socialista vem fazer um apelo especial; a eles se dirige, exortando-os e parafraseando o brado simbólico de Karl Marx:

Proletários de todo o Brasil, uni-vos!
Viva o Socialismo!

(Manifesto publicado originalmente em O Estado de São Paulo, 28/8/1902)





**ARO
LATINO
AMÉRICA**

E AGORA?

Mais de mil negros nas ruas! Sem dúvida, uma grande vitória para o Movimento Negro. Isto demonstra como já afirmamos, o ânimo da Comunidade. Por outro lado, fica claro que nem só os que circulam nas Entidades estão mobilizados na luta contra o racismo e as más condições de vida. Daí a necessidade de uma alternativa, concreta, dentro e fora das entidades, de modo a absorver este contingente humano que deverá definir os rumos das entidades atuais, ou das que possam surgir daqui para frente.

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial deu um grande salto político, ao nível da sociedade como um todo: faz-se respeitar e aumentou seu respaldo junto a Comunidade. É preciso preservar esta vitória, transformando-a num novo avanço para o conjunto do Movimento. Daí a necessidade de garantir-lhe uma organização independente, que não o submeta aos «trâmites» de cada entidade existente e nem o permite diluir-se nas lutas gerais. Os centros de luta, propostos no dia do ato público, em carta aberta à população, é que vão garantir tal independência. A sua participação, na direção do movimento é que vai dar-lhe a dinâmica que necessita para responder às questões imediatas. A participação das entidades é que garantirá seu fortalecimento (e o das entidades) junto à população. A criação de comissões por setores, no momento que a dinâmica do movimento exige respostas setoriais, garante sua não burocratização; e a criação de comissões de ampliação do movimento, por estado, impede que ele se regionalize. Sem dúvida, é o momento para exercício da criatividade e da ação.

fotos: Rosa Gauditano



Logo após as mortes de Robson Silveira da Luz, mãe Tereza foi, com suas filhas de santo, para as ruas. Mãe Tereza, mestiça, foi para as ruas para mostrar aos policiais que negro também tem vez. Viví ficou sem nada, com seus filhos, sem dinheiro e condições para conseguir emprego. Está grávida e até agora ninguém da polícia falou em indenização (ela preferia o marido com o salário) Mas e agora, o que fazer?

Os quatro meninos atletas negros chegaram à porta do Clube de Regatas Tietê. Há muito esperavam para serem considerados militantes do clube, um dos melhores de São Paulo. Por que negro não pode querer o melhor? Só porque nasceu na miséria?

Muitos garotos praticam esporte no Clube Tietê. Garotos brancos.

Ao chegar, o porteiro explicou que não poderiam entrar. Um deles (ah! estes garotos!) burlou o porteiro e chamou um dos técnicos, que os mandou entrar. O diretor do clube chamou o técnico para lhe explicar que os garotos não poderiam ser aprovados porque eram negros. Os técnicos, os atletas protestaram. Este protesto alcançou as páginas de jornais. Muitos brasileiros leram o noticiário. Os nomes dos técnicos chegaram em muitos lugares, até mesmo no Deops, acusados de subversão...

Um dos diretores do clube explicou: "Se deixo um negro entrar na piscina, cem brancos saem imediatamente"...

Hoje, um dos novos técnicos é negro. Negro?!!?

O que fazer?

O atleta de um clube de São Paulo, estava, há muito tempo, revoltado com a forma como é tratado no clube onde treina: não é permitida a entrada na piscina. Revoltado, com sua condição e com o que ocorreu no clube Tietê, procurou as entidades negras para protestar.

O que fazer?

Conversou com um dos integrantes do Afro-Latino-América.

Um jornalista negro de São Paulo, há muito reclamava da falta de instrumentos de mobilização da Comunidade nos momentos em que ocorria qualquer tipo de discriminação aberta. Entre as populações negras existia revolta contida nas gargantas. Em pleno Noventa anos de abolição ninguém responderia, concretamente, à um ato claro de racismo. Faz tempo que ele existe e faz tempo que os negros gritam. Parados?

Em algumas entidades, no mural, estava estampado vários recortes de jornais "Discriminação no Tietê." "Cerimônias para o assassinato de um negro" "Negro tem que morrer no pau!" Os debates sobre o racismo e as formas de combatê-lo continuavam...

No dia 12 de junho, alguns negros chegavam à sede de uma entidade. Dentro, um círculo de pessoas sentadas: o atleta, o repórter, o militante o amigo, o companheiro, o irmão, o black, o intelectual... Na outra sala, os murais, com as manchetes...

A voz forte de um negro insiste: "Temos que fazer um protesto! Devemos fazer um protesto na frente do clube Tietê para mostrar para estes brancos que não podem ficar discriminando a gente não! Surpresas e debates procederam a decisão: criar uma comissão para consultar os vários setores da Comunidade. Conversar em busca do que fazer..."

No domingo, uma grande reunião. Um companheiro do Rio, um filho de Deputado, vários representantes e associados de entidades, jornais e grupos. Estudantes, blacks, representantes de equipes de baile, representantes de ninguém. Artistas, esportistas, a filha de um pintor. Uma longa tarde de debate. Fora, todos assistiam o jogo Brasil e Argentina. Ao final estava decidido a criação de um Movimento Unificado contra a Discriminação racial. Sua primeira atividade já estava marcada: a realização de um ato público no 7 de julho no viaduto do Chá, em São Paulo. O movimento deveria reunir todos os setores da Comunidade Negra, independente da ideologia contra um inimigo comum, a Discriminação Racial.

As reuniões, os avanços e recuos se sucederam até o 7 de julho.

Pela primeira vez, em muito tempo, os negros receberam, nas ruas, um documento discutindo a sua situação, uma carta apontando caminhos, convocando, dizendo (e não perguntando) o que fazer. Um movimento atuante, sem medo e sem esconder-se: forte, lançado publicamente numa manifestação de rua.

Havia medo, ironias e preocupações, nas entidades, nas redações de jornais brancos. E a repressão?

Se a polícia atuasse seria um golpe mortal para o movimento negro, um golpe mortal para a democracia racial. Reprimir uma manifestação antiracista não seria aconselhável para um país mestiço; por outro lado o medo poderia ser instalado na Comunidade Negra. Uma faca de dois gumes.

Estas preocupações, por vezes, emergia nas reuniões do movimento. Ali, surgia a certeza de alguns: o negro, hoje, pode sair para as ruas e ali discutir junto à massa negra desempregada; as lutas negras internacionais, a crise do capitalismo, o futuro que a África representa para o Brasil, aliado ao próprio racismo a necessidade de mostrar aos Africanos que aqui existem negros livres-, o avanço das forças populares, no país, as divisões burguesas, todos estes fatores permitem a saída pelas ruas. Existe a necessidade, os negros estão nas ruas. Ali é que trabalham que se divertem, que são presos pela polícia...

CHEGAMOS ÀS RUAS

Cinco mil cartas abertas foram impressas no dia sete, pela manhã. Ao mesmo tempo, chegavam os companheiros cariocas. Um dia de correrias. Ao fim da tarde, chegariam moçós de cinco entidades negras da Bahia. Cinco entidades Cariocas fariam um documento único de apoio, primeiro instrumento para a ampliação do Movimento do Rio de Janeiro. Paulistas e cariocas distribuiriam juntos cartas Convocatórias.

As 18:00 horas do sete de julho, alguns negros e brancos estavam parados defronte ao Teatro Municipal, a conversar. Mais negros, que esperavam o ato público. Vez por outra chegavam outros... Da galeria Nova Barão, surgem alguns jovens caminhando na direção do Teatro, com caixas de papelão nos ombros, segurando faixas, colas e um megafone.

A movimentação iniciou-se cartazes sendo colados e amarrados nas portas e paredes do Teatro Municipal, o mesmo que tantas vezes esteve fechado à artistas negros, principalmente os brasileiros; igual à tantos outros espalhados pelo país para satisfazer às elites brancas. Os negros começaram aproximar-se das escadarias do teatro.

As cartas abertas começaram ser distribuídas à população:

"Hoje estamos nas ruas numa campanha de denúncia! Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o sub-emprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra. Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa surgir para o negro! Estamos saindo das salas de reuniões das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado contra o racismo."

A carta foi lida por mais de quinhentas pessoas. Assim iniciou-se o Ato Público. Depois vieram as manifestações. Milton Barbosa, associado do Cecan; Antônio Leite, da Associação Cultural Brasil Jovem, o poeta Eduardo de Oliveira, Neusa Maria Pereira do grupo Afro-Latino-América. Muitos outros falaram para as massas negras depois de muitos anos de desmobilização. E os negros se achegavam, cada vez mais.

Dentre alguns corria o boato que há três semanas Tereza Santos, atriz que fundou há 9 anos o Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN, chegara ao Brasil de Angola, e fora presa no apartamento de uma amiga e levada para o Deops. Ninguém sabia confirmar, ninguém dava detalhes.

O 7 de julho prosseguia. E as pessoas chegavam, cada vez em maior quantidade, cada vez mais atentas. Os policiais do Deops, à

Hamilton Bernardes Cardoso



paisana, misturavam-se entre os presentes. Quietos. Havia negros que ao conhecê-los (qual negro não conhece um policial?) diziam para o companheiro: "Até que enfim eles, aqui, são obrigados a calar, a ficar quietos e não agredir..."

Uma viatura policial apareceu com um preso. Alguém viu e avisou a comissão Executiva do movimento, que procurou o policial responsável. Este lhe informou, que no carro estava preso um ladrão, e que fora preso em outro lugar.

Mais de mil pessoas estavam presentes por volta de 19:00 horas. Nas ruas, corria de mão em mão, cartas abertas à população, chamando todos os negros a se organizarem numa luta comum, nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé e de umbanda, nos locais de trabalho, escolas de samba, igrejas, em todo lugar onde haja negros, para dali, atacarem todo tipo de discriminação, unindo-se à um grande movimento unificado, tornando-o forte, ativo e combatente. Dos setores democráticos, a carta dizia esperar o apoio, criando assim as condições necessárias para criar uma verdadeira democracia racial.

O ato, ao mesmo tempo que um protesto, era uma festa. A rua, a praça, estavam, momentaneamente liberada. Velhos companheiros de luta, ali, se encontravam.

Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro, hoje professor e conferencista, nos E.U.A., também estava ali. Ele não poderia deixar de faltar a tão importante manifestação, após longos anos de exílio, após a negativa do governo brasileiro em dar-lhe passaporte, apesar do racismo. Ali, diante de mais de mil negros, concretizando um velho sonho: chamaras massas negras à organização, a atuação e a luta contra o racismo, por uma sociedade não branca, sem discriminações, uma verdadeira democracia racial.

O sete de julho conseguiu unir muitos negros, muitas entidades, criticadas às vezes dentro da Comunidade Negra. Entidades de Belém, de Salvador, de Recife, o IPCN, o Centro de Estudos Brasil África, a escola de samba Quilombos, o Renascimento Clube, o Núcleo Negro Socialista, Olorum Baba min, A SIMBA, do Rio de Janeiro.

Prisioneiros da Casa de Detenção enviaram uma carta apoiando e ampliando o Movimento.

A juventude Judaica, a Convergência Socialista, e outros setores estiveram presentes.

A carta aberta foi novamente lida em coro por mais de mil presentes.

O ato acabou, mas a luta continua.

As televisões, rádios e jornais foram obrigadas a falar dos negros que protestavam. Algumas como a T.V. Globo, mostrava mais brancos falando, do que negros, mas os poucos que podiam falavam, com suas vozes, o que queriam. E as vozes negras entraram pelas casas de negros e brancos, suas palestras foram escritas nos jornais.

Nas ruas, no 7 de Julho, todos os negros gritaram as palavras de ordem: Contra a discriminação racial! Contra a opressão policial pela ampliação do movimento! Por uma autêntica democracia Racial!

O SETE DE JULHO

Neusa Maria Pereira

Que data é esta, que já consideramos histórica? E não falamos desta dorminhoca história oficial, feita para acalmar os espíritos. Mas daquela que tem verdade, que tem cheiro de terra e povo.

Sete de Julho de 1978 tornou-se um dia histórico para todo o povo negro, porque, pela primeira vez, saímos à rua para protestar e denunciar o racismo existente neste país.

O povo negro aqui chegou como escravo, mas encontrou formas de resistência e criou condições para sair da violência do cativeiro.

Combativo que é fugiu da exploração de seu senhor, na luta pela libertação (vide Palmares) criou uma sociedade nova, e este fato como tantos outros, não está devidamente esclarecido pela história oficial, numa tentativa de esconder do negro seu passado, para que assim ele não possa exigir seu real papel na sociedade.

Sabemos que os escravos e seus descendentes ajudaram e ainda ajudam a construir a riqueza deste país, dando-lhe ainda toda base de sustentação cultural. Nossa povo deu seu sangue nas diversas lutas de caráter interno e externo para que o Brasil consolidasse sua independência política. Sabemos da participação maciça de negros na guerra do paraguai, na guerra dos Canudos, na Inconfidência Mineira. Mas o que recebemos como prêmio por tanta dedicação a esta terra?

- Recebemos a miséria, o desrespeito, o desconhecimento, por parte das autoridades da classe e raça dominantes, dos nossos direitos de cidadãos. Recebemos o desemprego, o subemprego, as piores moradias do país, o maior índice de doença e mortalidade.

O fantasma da escravidão ronda constantemente a vida do homem negro no sistema capitalista. Muitas de nossas crianças estão sem estudar porque seus pais não têm condições de mandá-las à escola. A tuberculose e a verminose são as maiores responsáveis pela morte de negros, e estas são doenças típicas de pessoas carentes de alimenta-

ção adequada. Nossa juventude perambula nas ruas sem trabalho e perspectiva de dias melhores. O roubo é solução para muitos jovens arranjar dinheiro. Este desafio ao sistema leva os novos adolescentes aos reformatórios desumanos, onde estão em maior número. Quando eles saem de lá, caem nas cadeias, ou são simplesmente assassinados pela polícia, preocupada em limpar as cidades brancas do demônio social que é o negro.

Muitas de nossas mulheres, que deveriam estar construindo nossas famílias, formam longas fileiras nas zonas pobres da prostituição, fazendo desta escória uma maneira honesta de ganhar a vida.

Somos considerados cidadãos de segunda classe, mas no dia 7 de Julho, em São Paulo, mostramos publicamente que não mais aceitamos esta classificação. Enquanto algumas pessoas bem vestidas e perfumadas entravam no teatro Municipal de São Paulo para cumprir seu dever social, um grupo de mais de mil negros abriam seu peito ali em frente, num grito sufocado, denunciando as péssimas condições em que vivemos neste país. Mais de mil negros, em sua maioria jovens, desmisticificavam publicamente o racismo covarde que o proíbe de participar do progresso da sociedade, que o atira na sargata e assassina.

Naquela noite, deixamos claro para toda a sociedade que não mais nos calaremos frente aos crimes e à violação dos nossos direitos de cidadãos a que estamos submetidos desde o dia em que pisamos nas terras brasileiras.

Desta vez eram mais de mil. Na próxima, triplicaremos nosso número.

Sabemos que somente unidos teremos força para construir uma sociedade mais justa.



NÓS, NETOS DE ZUMBI, PRESOS NA DETENÇÃO, ASSIM PENSAMOS E ASSIM ESCRREVEMOS A VOCÊS, IRMÃOS E TAMBÉM NETOS DE ZUMBI!

Casa de Detenção de São Paulo.

Do fundo do grotão, do exílio, levamos nosso sussurro a agigantar o brado de luta e liberdade dado pelo movimento Unificado Contra a Discriminação Racial...

Nós presidiários brasileiros contamos com nosso grupo unificado contra a Discriminação racial. E aqui estamos no lodo do sub-mundo mas dispostos a dar nossos corpos e mentes para a ação da luta, denunciar também a discriminação dentro do sistema judiciário. Aqui, no maior presídio da América do Sul.

Condições de Vida.

Pelo que entendo o negro aqui é tratado como uma fera, mas em se tratando de prisão estadual, com objetivo de recuperar o ser humano para a sociedade, as condições são precárias, promíscuas, mesmo tratando-se de um presídio. Englobando tudo, temos aqui uma prisão para 2.300 homens, comportando

6.354 com um movimento ascendente para cada dia que passa. Estes números compõe a realidade. Daí o Estado se obriga a vestir, nutrit, como cuidar de um potencial-inerte, dando-lhe assistência social, hospitalar, jurídica e outros, todavia o Estado só se obriga a isto porque não cumpre com sua obrigação. Desde o calçado até as próprias palavras do «Estado» em relação ao preso é sempre cheia de mil sentidos (praxis e conceitos), obsoletos e antiquados. Quanto à alimentação, é algo tão promíscuo que é até impossível de ser observada por outro que não vivem por aqui, tão pouca e quantidade servida que há perda de proteinas e outros elementos necessários a uma manutenção saudável do corpo.

O tratamento médico-odontológico dentro dos pavilhões é algo vergonhoso para qualquer médico, grupo ou juntas que se orgulhem de serem. Só servem mesmo para primeiros socorros, sendo possível (na maioria das vezes), uma vítima, de vários infortúnios, morrer por falta de um pronto socorro adequado. Dizem aqui que o maior infortúnio de um preso é precisar de um médico; maior e último (infortúnio) se for coisa fatal. O serviço odontológico parece que tem, aqui, a obrigação de extrair o máximo de dentes possíveis: «estrair sempre; Obturar, recuperar, nunca; nunca; nunca.» Eis o lema odontológico da casa de Detenção, dê-se a impressão que ganham por extrações e não por capacidade.

Todos aqui almejam ter alguém que o represente no mundo exterior. Aos Afro-brasileiros, (70% dos 6.354 homens), é praticamente negada a ajuda estadual em relação às necessidades judiciais. Isto dentro do termo CONDIÇÕES DE VIDA é parte importante no dia a dia do presidiário, pois o que mais o opõe é saber que ninguém o defende diante do poder judiciário; quem ao faz, geralmente está à procura de projeção social ou política.

Por isto, desanimam de lutar, ficando à espera de oportunidades de

mudanças jurisprudenciais e ao mesmo tempo que vai revoltando-se consigo mesmo, pois sentem-se podados, em todos seus passos e tentativas de avanços, pelos membros do poder público que detêm nas mãos nossa vitória e nos impõe a derrota. Ora, que condições de vida humana tem as pessoas que, não agindo tornam-se pesos mortos, e tem consciência potencial que são isto e que forçosamente, pelo menos enquanto o poder judiciário não tirar a venda que usa há séculos, de peso morto não passaremos. E sempre haverá enquanto NÓS não abrirmos os olhos «um negão disto ou daquilo» para ser bode espiatório de alguém. E sempre haverá se não abrirmos os olhos, mais um Robson na mira do cano. Mais um morto!

E quantos na cadeia, sem crime, sem perdão para a cor que não sai da pele?

DIREITOS HUMANOS

Aqui, poucos, entre presos e servidores públicos sabem realmente o que é isto. Quando fala-se em direitos humanos, é necessário ver com quem se fala porque cada qual comprehende segundo suas necessidades...

Aqui no presídio não se pode falar muito nisto pois logo somos motivos de chacotas (nós do Grupo Afro-brasileiro, denominados neto de Zumbi, sabemos que há, mas não sabemos onde nem como se fazer ouvir pelo tal.).

Creio, inclusive, que, Direitos Humanos não passa de um tema promocional que tem estado em foco atualmente em todos os setores filantrópicos, públicos e particulares. Contudo, nós aqui, não temos senão temas e reuniões que pelo visto, não passam mesmo daí. Os homens que o propagam, são os primeiros a violá-los. E ele vem pelo mundo afora richoteando estragando-se dentro dos palácios governamentais. Nós presos, para dizer a verdade não o vimos chegar, não o sentimos passar aqui onde vivemos. Nem sabemos ao certo, se este tal de direitos humanos é o símbolo da mentira, da verdade ou da hipocrisia porque da Liberdade, nós sabemos que não é.

Se existe, é um bicho que sempre nos tem mordido ou é um Deus ao qual ninguém jamais orou.

Agora desperta em nós a curiosidade de homens negros e ignorantes:

— Queremos saber o que são estes tal de direitos humanos.

Também tem o seguinte: Se for algo do qual dependemos da sociedade branca para nos conscientizar, algo que se consiga com docilidade de servos não apresente...

Já estamos fartos de palavras, demagogias, por isto somos um grupo, por isto gritamos sem cessar. Somos negros, somos NETOS DE ZUMBI...

Le vovô ficaria triste, se nos entregássemos sem luta....

Grupos Afro-brasileiro. Netos de Zumbi.



Marco Antonio



Poeta, antena da raça.
Poeta, ministro.
Poeta, combatente.
Poeta, e nosso irmão.

**AOS OLHOS
DE UM POETA
ANGOLANO**

Jofre Soares *

**O POVO É MAIS FORTE
QUE A MORTE**

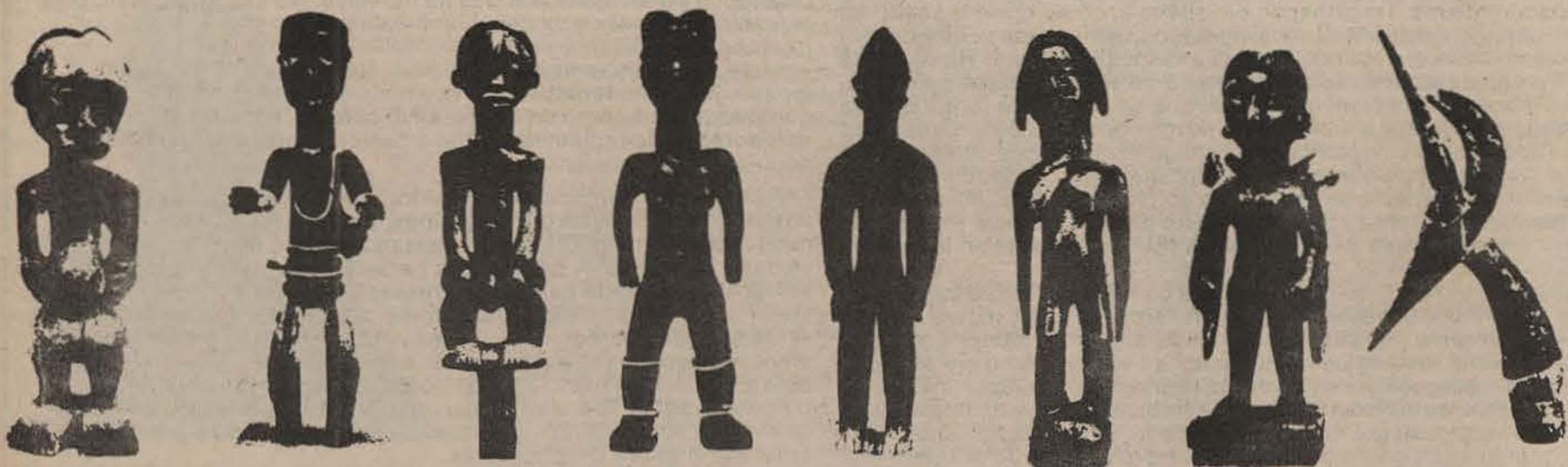
Não cabem miragens
na extensão ardente
que tua figura vela.
E através das rotas nomadas
não há duna que se interponha
ao sopro de justiça
liberto aos ventos do Sara.

El Quali, cavaleiro do sonho
El Quali, guerrilheiro da paz
por areias e desertos
hoje em tua memória
o vento só semeia artezas,

El Quali, gigante ferido
quem nenhum dardo tomba
El Quali, combatente mártir
da pátria sariana em fogo
no teu sangue. El Quali
brilha um sol que quebra, tiranias
e ressuscita esta verdade:

**NUNHUMA MORTE
VENCE A FORÇA DO Povo**

* Pseudônimo de Roberto Almeida, vice-ministro de relações exteriores da república popular de Angola. Poema inédito no Brasil.





30 DIAS.internacional

Evaldo Diniz

a 25^a hora das ditaduras



Lácio Kume

A América Latina amanheceu assanhada naquele início da década de 60. O que se imaginava utópico, mostrava-se possível com as realizações da Revolução Cubana, onde o povo resolvia vomitar o arbítrio e estabelecer padrões sócio-econômicos para a edificação de uma nova sociedade. Operários estavam agitados,

camponeses arregalavam os olhos para as produções que lhes fugiam das mãos e iam abarrotar os bolsos dos latifundiários. Até os estudantes transferem das novas tarifas dos bondes e dos ônibus

para o Estado burguês as causas básicas do mal estar social. Começaram, então, a rolar as cabeças, a última delas a de Salvador

Allende naquela conspiração de 1973, remunerada pela CLT/ITT e

concluída pela facção fascista do Exército de Pinochet. A burguesia

latino-americana inchava as mãos de tantas palmas aos vandais de Orgânia, Bordaberry, Castelo Branco, Hugo Banzer,

Arana Osório e outros ditadores menores que destruiam os

organismos populares, superpovoavam os cárceres com os que defendiam a democracia e instituiam novas e terríveis formas de

torturas em interrogatórios a presos políticos.

Durante toda década de 60 a burguesia latino-americana ou conspirou para derrubar a democracia, ou embuçou-se no

indiferentismo diante do sofrimento popular. O conceito de «segurança e desenvolvimento», criado no Departamento de Estado norte americano no bojo da guerra no Sudeste Asiático, espalhou-se

do Rio Grande à Terra do Fogo desovando na Bacia do Prata e nos vilarejos da América Central milhares de cadáveres dos que se

opunham ao terror ditatorial. Para a burguesia, democracia era dinheiro em seus bolsos.

A história, entretanto, sempre arranjou catacumbas para sobreviver ao obscurantismo. Trabalhando em silêncio, como o velho sábio da aristocracia rural mineira, operários, camponeses e estudantes

latino-americanos preparam-se para a resposta. E o que vimos agora é a burguesia continental temerosa de ser atropelada pelo atual nível de consciência popular, que se mostra na forma de luta consequente contra o arbítrio, por novos conceitos de remuneração do trabalho e a retomada da antiga revindicação campesina: a

terra para quem planta. É acossada por gritos que imaginou

sotterrados desde a onda golpista dos anos 60 que ela, a burguesia, levanta agora a bandeira do liberalismo e jura de pé juntos que a democracia é a melhor de todas as formas de

Governo.

Incoerência ou instinto de sobrevivência?

Nenhum Governo se sustenta sem uma base social. E o que sustentou o arbítrio nos últimos 20 anos na América Latina foi a força militar ideologicamente ligada ao imperialismo em aliança com a burguesia e os diversos segmentos da classe média. Do

outro lado estavam os trabalhadores e os intelectuais progressistas, como um bando de empestiados sujeitos à quarentena vigiada pelos fuzis sempre prontos ao primeiro tiro.

O projeto econômico das classes dominantes, fundado na exploração desenfreada da mais-valia, acabou proletarizando a classe média que se adapta ao arbítrio lançou-se à indiferença e agora já participa de marchas contra as ditaduras, sejam elas a nicaraguense, peruanas, equatorianas ou brasileiras. A burguesia, por sua vez, afastada do poder decisório, agora concentra suas mãos na tecnoburocracia/militares, vive um mundo de contradições. Se no Brasil, conhecidos empresários ligados ao capital estrangeiro já usam linguagem nacionalistas (questão de monopólio), na América Central tentam até sensibilizar as ditaduras para a realização da reforma agrária (questão de sobrevivência). O certo é que a atitude burguesa na América Latina tem uma causa: as novas exigências da maioria, ou seja, dos trabalhadores.

Resistindo estoicamente ao período da repressão, os trabalhadores latino-americanos — urbanos ou rurais, conseguiram aquilo que só se imaginava na Europa politizada: a organização. E hoje são capazes de desafiar a ditadura militar argentina parando o parque industrial automobilístico ou a indústria energética; são capazes de encher de medo a ditadura chilena, indiferentes às possíveis agressões, voltando a ativar a vida sindical e até parando importantes minas de cobre; são capazes de levar à luta armada às montanhas da América Central ou dizerem para os patrões brasileiros que a «lei de greve» foi superada diante da tomada de posição dos metalúrgicos paulistas.

Não há dúvida de que a nova consciência trabalhadora na América Latina assusta a burguesia, que para manter os velhos privilégios será capaz de todas as heresias. No caso do Brasil, por exemplo, estão ai conhecidos empresários mancheteados pelos jornais conservadores, porque, repentinamente, resolveram empunhar as bandeiras do liberalismo. Na realidade, trata-se de uma angustiante tentativa de recomposição das classes dominantes, em torno de um objetivo comum, em vista da deterioração do regime ditatorial e das crescentes exigências populares.

A linguagem burguesa, entretanto, já está envelhecida. Para os trabalhadores brasileiros, argentinos, peruanos etc., não interessa mais a prática democrática do passado, que só beneficiava as velhas oligarquias. A perspectiva presente, em nível popular, é a de um Governo voltado para os interesses dos trabalhadores, ou mesmo um Governo de trabalhadores, a única forma de garantir a verdadeira democracia. As classes populares, que não sofrem de amnésia, sabem que as ditaduras foram impostas recentemente para evitar o livre exercício democrático; sabem também que a burguesia agora fala em democracia, numa desesperada tentativa de evitar a socialização dos meios de produção, que é a exigência atual das classes despossuídas.



a ofensiva popular na América Latina

Após as frustradas experiências de Allende no Chile, Torres na Bolívia e Perón na Argentina, a América Latina inicia uma nova trajetória. Desta vez apontando claramente numa perspectiva socialista.

Os ditadores da América estremecem. Somoza na Nicarágua, Banzer na Bolívia, Bermudes no Peru, Geisel no Brasil, Vidella na Argentina, Mendez no Uruguai, Stroessner no Paraguai e Pinochet no Chile. A ofensiva popular cresce em todos esses países, ameaçando a estabilidade de governos, mantidos por uma burguesia incapacitada política e econômica de oferecer saídas às crescentes exigências do movimento de massas. Incapazes inclusive de oferecer para a população o mínimo indispensável para viver, dependentes que são do imperialismo, principalmente americano.

A tradição de lutas luta dos latinos é antiga, e para cada golpe militar, um novo ascenso é a resposta. Derrubar ditadores sempre foi a grande especialidade do povo americano. Sua grande fraqueza: evitá-los para sempre.

CARACTERÍSTICAS DO NOVO ASCENSO

Se Portugal e Espanha foram os centros do ascenso mundial até 75, 76, o eixo se desloca hoje, novamente para a América Latina; principalmente Bolívia, Peru e Nicarágua. Suas características gerais diferem bastante das observadas nos anos 60, quando o guerrilheirismo rural, a partir da revolução Cubana, era a vanguarda de experiências democráticas e, ou reformistas. Se o nacionalismo burguês não morreu, as massas fizeram sua experiência. A reforma agrária e as reformas nacionalistas propostas pela Revolução Peruana, liderada por Velasco Alvarado, transformaram-se num ensaio trágico. A utopia pequeno-burguesa de um capitalismo independente, revelou-se em toda a sua incapacidade.

O fenômeno peronista, na Argentina, se bem que interrompido pelo golpe militar, sofre considerável desgaste em sua segunda fase, quando «El Viejo» não corresponde mais às expectativas das grandes

Cristina Ribeiro

massas argentinas radicalizadas. Sem outra alternativa senão reprimir os trabalhadores, o peronismo enquanto grande corrente, afasta-se cada vez mais do movimento, sustentado apenas por sua tradição.

Mais complicada é a experiência chilena, violentamente castrada por um golpe, onde a incapacidade das direções ficou clara, desarmando os trabalhadores, levando-os à uma derrota da qual não tiveram a menor parcela de culpa.

Assimiladas, ao menos parcialmente, essas experiências servem para formar os contornos das principais mobilizações. Hoje não é mais o campo que dirige o movimento. Suas características são essencialmente urbanas, através de grandes mobilizações de massas e greves gerais. Foi o caso da Colômbia no ano passado, quando, depois de quatro anos de greves permanentes, os trabalhadores organizaram uma greve geral em 14 de setembro. Do Peru, onde a luta por melhores salários e contra o aumento do custo de vida adquire o caráter de greve geral com enfrentamento entre as forças policiais e os manifestantes. Da greve de fome nacional pela Anistia na Bolívia, iniciada pelas mulheres de exilados e presos políticos mineiros.

ALTERNATIVA SOCIALISTA

Combinando as reivindicações democráticas com propostas claramente socialistas, os partidos de esquerda se fortalecem, principalmente aqueles que oferecem uma perspectiva diferente das tradicionais democrático-burguesas ou social-reformistas. Parcelas cada vez maiores da população, endossam através de suas lutas e através do voto, uma alternativa socialista. No Peru e na Bolívia, onde a luta das massas passa hoje pelas eleições constituintes e presidenciais, é relativamente fácil observar esta tendência.

No Peru, o governo é obrigado a convocar eleições constituintes, tentando manter o controle sobre as lideranças, isolando-as através do exílio, das perseguições policiais e das restrições ao processo eleitoral. Hugo Blanco, militante do Partido Socialista dos Trabalhadores, é expulso do país, juntamente com vários outros líderes populares. Mesmo assim a esquerda consegue um

terço dos constituintes e a Frente Operária, Camponesa, Estudantil e Popular (FOCEP), consegue um milhão de votos, elegendo Hugo Blanco e tornando-se a terceira força eleitoral do país. E o que é mais importante, são um milhão de votos socialistas, para um programa que coloca a nacionalização de todas as empresas; a reforma agrária radical; substituição das Forças Armadas por milícias armadas de operários e camponeses e a criação de uma Federação dos Estados Unidos da América Latina Socialista, incluindo Cuba.

As eleições bolivianas refletem, se bem que em menor grau, esse processo. Os partidos de esquerda e seu candidatos, são apoiados nas grandes cidades e nos centros mineiros, ao contrário dos partidários de Banzer e outros setores burgueses, que conseguem, com a não pequena ajuda da fraude e da corrupção, vencer no interior do país. Tentando canalizar para as eleições a insatisfação popular, a ditadura boliviana acaba por revelar sua própria debilidade.

Se a grande deficiência dos movimentos populares não só na América como no mundo reflete principalmente a inexistência de direções realmente consequentes, hoje esta dificuldade parece estar sendo aos poucos superadas. As desigualdades existem, e essa superação ainda se dá de forma lenta. Ao lado de exemplos como o Peru, temos a Nicarágua. Se Somoza resiste não deve tanto ao Estados Unidos, mas, contraditoriamente, à Frente Sandinista de Libertação que até hoje, apesar do ascenso brutal, não conseguiu definir uma trajetória política clara, insistindo numa frente com a burguesia e com isso retendo uma saída popular e anti-capitalista.

Repetimos, se o nacionalismo burguês não morreu, se as experiências reformistas ainda podem vingar, hoje encontram um obstáculo mais forte para a sua concretização. A burguesia é claro vai apelar para estas saídas. Os partidos pequeno-burgueses e reformistas sempre de prontidão, esperam por esse momento. Mas a memória do movimento popular existe, por mais anestesiadas que estejam suas velhas direções. E ultrapassar estas direções, construir novas, é o caminho. Este caminho já está sendo percorrido pelos trabalhadores latino-americanos, em sua luta contra a opressão e pelo socialismo.

Há 40 anos atrás, o stalinismo fuzilava um dos grandes revolucionários da história soviética, Nicolai Bukharin, que Lenin chamava carinhosamente de «o Benjamin do Partido». Este ano, mais uma vez, a direção do PCUS rejeitou um pedido da mulher e do filho de Bukharin para que ele fosse reabilitado da acusação de «Traidor e Agente Nazista». Em outros anos, esta notícia seria tomada como mais uma provocação da CIA contra a Mão URSS. Em 78, a luta da família de Bukharin caiu como uma bomba em centros de esquerda da Europa. Em Roma, Paris e Madri, o assunto começou a ser discutido com paixão.

«Saibam, companheiros, que sobre a bandeira que desfraldais na vossa marcha para o socialismo, há uma gota do meu sangue». São as últimas palavras do testamento de Bukharin, que o filho Iurij, incluiu na carta aberta dirigida a Berlinguer, líder do PCI. Esta carta chegou à Europa Ocidental no momento em que novos Processos de Moscou ocorrem. Não haverá uma continuidade histórica entre os Processos de 36 e de 38, e os de hoje? A burocracia que governa à URSS teme revisar seu passado e os assassinatos de Trotsky, Bukharin, Kamenev, Zinoviev, Radek, e tantos outros, porque isto questionaria os processos de hoje, e os de amanhã, enquanto uma revolução que nasceu sobre a égide de uma sociedade libertadora não desmontar os mecanismos opressores que, pouco a pouco, lá foram se sedimentando.

Na lógica dos que mandam na URSS, Bukharin tornou-se uma «não pessoa». Trotsky é um cão raivoso, os que defendem um socialismo com Pão; Liberdade são agentes do imperialismo — as fórmulas avançam sobre nosso estômago, ad nauseam. Entretanto, esta não é a lógica fatal do socialismo. Se queremos construir uma sociedade em que o homem não explore o homem, como podemos

admitir mecanismos em que um homem é detido, preso, julgado, confinado em campo de concentração por divergir, denunciar, criticar o Estado é o caso dos atuais Processos de Moscou?

Ao mesmo tempo, os liberais do Ocidente escorregam em suas próprias contradições. Condemnam dramaticamente as arbitrariedades da URSS (onde a destruição da propriedade privada dos meios de produção permitiu uma ascensão do nível de vida matérica — mas o homem é mais do que isto, é também um ser espiritual perdoem-nos os adoradores dos manuais marxistas estilo Politzer, e o socialismo ou será Liberdade e Democracia, ou não será...) mas são menos exigentes com a crítica da repugnante opressão do capitalismo. Veja-se só que a prisão do oposicionista Domingos Laino, do Paraguai, foi noticiada com requintes de descrição... E o Paraguai, fica aí, ao lado do Brasil...

Mas o que não dá para suportar é que, indefinidamente, os crimes contra a condição humana e os direitos socialistas sejam desrespeitados na URSS sobre o silêncio culpado dos que pretendem a destruição da exploração do homem pelo homem. No Brasil, principalmente, confunde-se, ainda, em muitos setores da Esquerda estas críticas (assim como a crítica da espantosa falta de democracia na China, em que o socialismo é uma fábrica de mitos — uma máquina de adoração de Novos Deuses) com atitudes inúteis. Mas como se pensar em socialismo sem ter os olhos abertos para estas práticas contemporâneas que se reivindicam socialistas? E sem discutir estas questões, sem ter coragem de enfretá-las, como propõe, por exemplo, o texto de Althusser, que Versus publicou no mês passado, como poderemos pensar no nosso Socialismo? Será que ainda existem ilusões nestas Grandes Mães, nestes Pais & Patrões da Revolução? (M.F.)

SOLIDARIEDADE



CONJUNTURA
CONTINENTAL

San Justo é um subúrbio ao oeste de Buenos Aires, leproso e abandonado, ruína de terrenos baldios, depósito de ferragens e lixos. Aqui e acolá «complexos», improváveis construções metade B.N.H., metade favelas, plantados ao acaso entre dois montes de pedregulhos. Fazem bom tempo que 500 ou 600 «squatters» organizam-se ai como podem, famílias de operários pobres e de desempregados, sobrevivendo com o equivalente à Cr\$ 300,00 ou Cr\$ 600,00, por mês, mas resistindo heroicamente às investidas da polícia. Em março último, pela primeira vez as coisas ficaram pretas e o fascismo entrou no «campaniento». Até hoje os jornalistas não É Ana. M. quem conta. Trinta anos apenas, uma chusma de crianças, e o rosto já gasto, doloroso e patético. Somos recebidos no pequeno cômodo onde se amontoa toda a família desde o desaparecimento do pai. «Um dia chegaram. Não a polícia; mas homens à paisana, o rosto coberto por um capuz, forcavam portas e faziam saltar as fechaduras com dinamite.

Cada vez, obrigavam as mulheres a se despirem, às vezes as violetavam, não todas as mulheres, apenas as jovens, mas sempre diante do homem e das crianças. Depois, batiam em todo mundo, selvagemente, como se quisessem nos matar, até as crianças quando choravam e não conseguiam levantar mais as mãos. Então, quando terminavam, levavam o homem, um de cada talvez... vinte e dois ao todo, e todo dia era a mesma coisa. Parece que gostavam de voltar e de nos amedrontar cada vez. Mas para nós era terrível, a gente acabava esperando-os como se espera amigos ou a família aos domingos. E a gente se perguntava se era esta a última vez ou se seria um outro no dia seguinte...

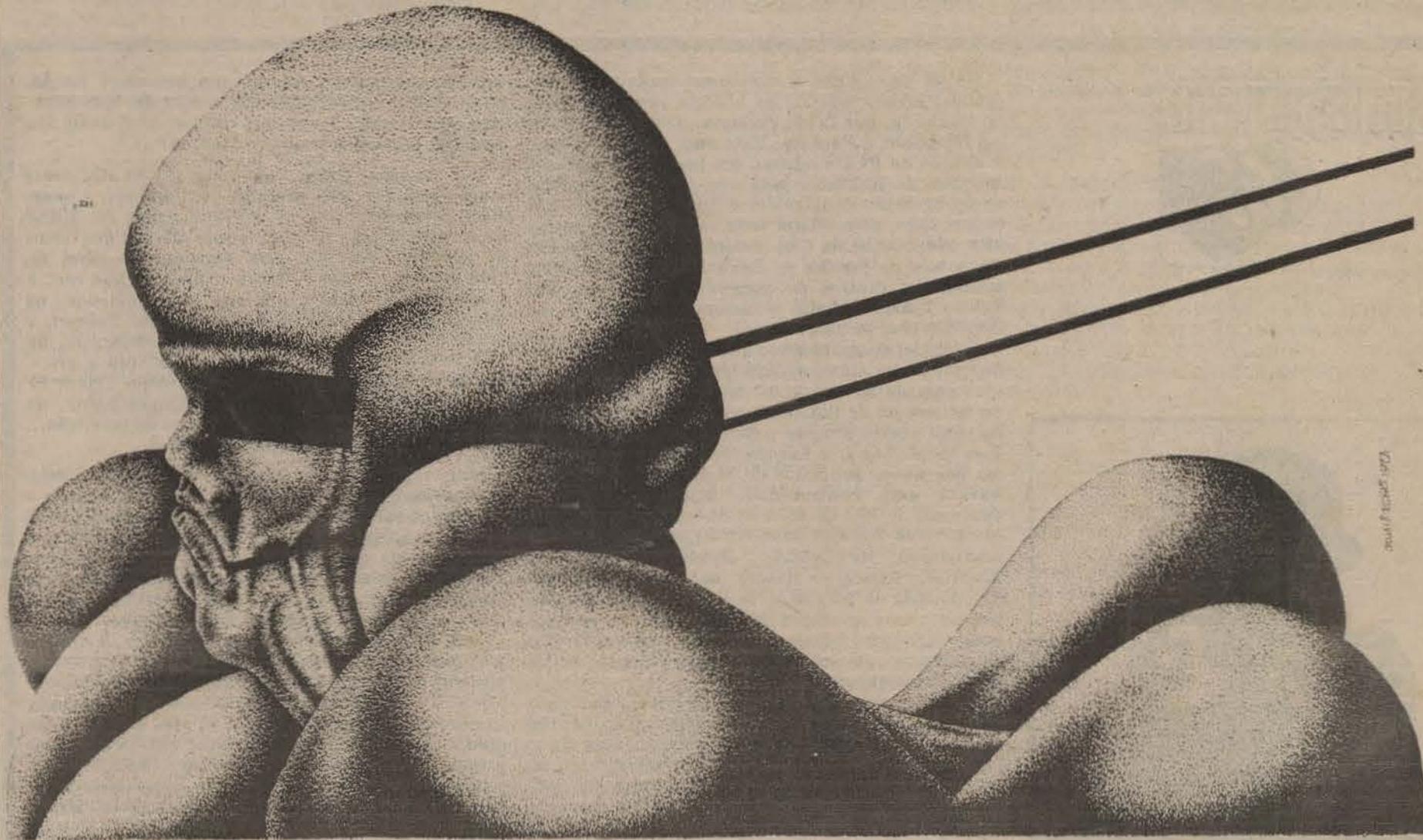
A gente não gosta muito da polícia no «complexo», mas assim mesmo uma vez uma mulher esteve lá, prà saber notícias, e nunca mais voltou. Então, agora, a gente espera, simplesmente. A gente espera que ela volte. E se o senhor escrever isto, talvez ajude.

«UM BANDO DE TERRORISTAS»

Estes homens, estas mulheres, onde estão hoje? Operários, gente simples, povo das sombras de hora em diante, levados por uma milícia privada, foram engrossar o grande exército dos fantasmas que habita as noites dos belos bairros de Buenos Aires. Arrancados de sua moradia, de sua família, de sua tribo, alquebrados, já sem nome e sem rosto, na realidade não mais existindo, se não talvez como matrículas, jogados nos porões infectos de Sierra Chica ou de Rawson. É mais ou menos o que me disseram, quando, munido de alguns nomes estive com dois advogados, no distrito policial, onde o delegado que nos recebeu respondeu lastimando tratar-se de um bando de terroristas que haviam passado para a clandestinidade. Foi também o que me disse o diretor de um diário oficial a quem levei a mesma lista e que me respondeu rindo, com um jeito malicioso e esperto que para ele o acontecido não deixava dúvidas: mulherengos fanáticos, esse caras do «complexo 17» — foram pura e simplesmente retomar em outros paragens sua vida de solteiro...

Bernard-Henri Levy

O FASCISMO INVISÍVEL



Roberto Giudice, 50 anos, comerciante, mora na rua Paraguay. Pediu pra me ver e, apesar de minhas advertências, insistiu em revelar sua identidade.

À minha frente, encolhido numa poltrona, tenho a estranha impressão que enquanto fala, não vê, nem escuta. Uma voz surda, monocórdica, relatando, anônimo e como ausente, é sua história entretanto que veio me contar.

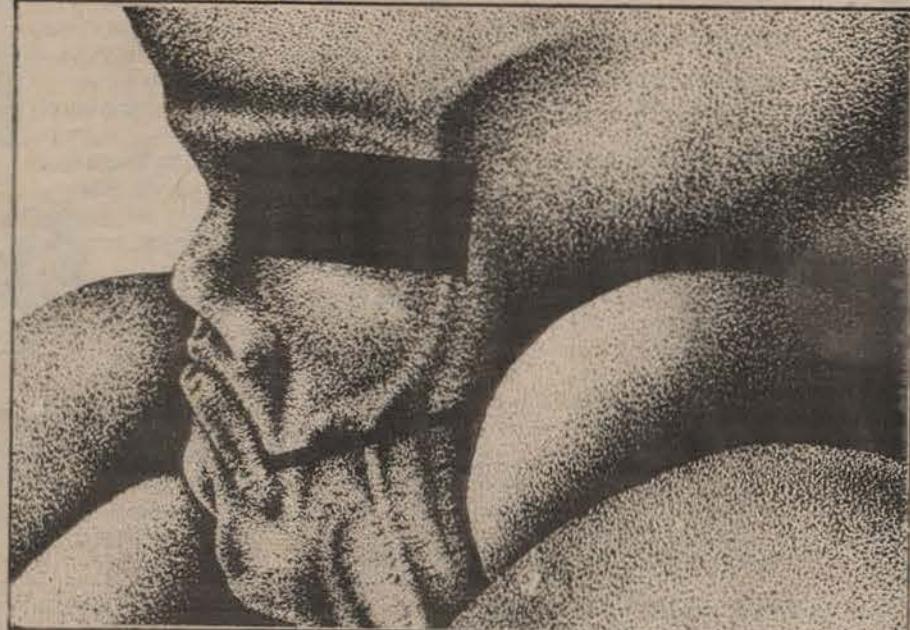
Uma história terrível, inacreditável, o depoimento de um morto vivo... Tudo começa no ano passado quando um grupo de homens invade sua casa na rua Paraguay, numa noite de inverno. Estão todos na sala: Giudice e sua mulher, as três crianças de oito, nove e onze anos e sua filha mais velha de vinte e dois anos. E ela que os desconhecidos vinham buscar.

No dia seguinte, quando Giudice se apresenta à polícia é a duras penas que aceitam registrar seu pedido de habeas corpus. «Sua filha, foi sem dúvida, sequestrada por um grupo incontrolado. Acabamos por a encontrar; mas à condição que você nada fale e tenha paciência».

Meses e meses são passados no clima que se imagina. De tempos em tempos um policial vem embolsar cinco ou dez mil pesos em troca de magras e irrisórias informações. E um dia, porém, os nervos quebram, cansado de crer e esperar, Giudice desiste e, sem prevenir ninguém, decide contatar a

Comissão Ecuménica dos Direitos do Homem. Reação imediata: é sequestrado uma semana mais tarde, levado com os olhos vedados à uma casa deserta num subúrbio da capital. Lá encontra sua filha, irreconhecível, ossos à vista, metade dos dentes a menos, corpo coberto de chagas, cortes no pescoço, nos seios, no ventre, onde os torturadores aplicaram os eletrodos da máquina de choque. E lá começa sob seus olhos o pesadelo, olhos de pai ebrios de dor e desespero: um rato introduzido pela vagina no ventre da moça. Resultado: ela morre. Quem pode afirmar de Giudice, liberado pouco depois, que ainda vive?

Tragédias como estas, asseguram-me que milhares de vezes aconteceram nos dois últimos anos. Não há um argumento, conta-me um arquiteto de Rosário, que de perto ou de longe não tenha sido atingido. E todavia é raro que se fale nisso espontaneamente. É difícil evocar o assunto sem ver imediatamente os rostos mais atenciosos, fecharem-se. Não, não se sabe nada. Não se quer falar. Vontade de esquecer. Paixão da ignorância. Eis o que mais choca nos homens e nas mulheres que encontro. Todos, moços ou velhos, intelectuais ou pessoas simples, contestatários ou videlistas. Esperto, alias, aquele que consegue ouvir hoje um «progressista»: a maioria se entoca, ruminantes inspirados, remoendo em silêncio, sua parte de vergonha e de nojo. Esperto aquele que consegue falar de política com um chofer de taxi, sabem das coisas mas, tornam-se de repente frios assim que «o negócio» vem à baila.



O MEDO DAS PALAVRAS

Não é a Alemanha de antes da guerra, onde alguns ignoravam por vezes a ampliação das atrocidades nazistas. Aqui, é outra coisa, um sentimento mais complexo, um vontade surda de repelir o horror, de viver nele, sem pensar nele, de viver como se tudo não passasse de um pesadelo, algo que não lhes dissesse respeito. Assim se explica esse clima de alegria um pouco forçada, esta impressão de vida fácil e ficticia às quais os turistas de passagem são tão sensíveis. É verdade que as ruas de Buenos Aires vivem até madrugada, que os cafés e os restaurantes ficam abertos a noite toda. Por trás do clamor, advinha-se facilmente, nos portões obscuros desta ditadura embrulhada em celofone, uma prodigiosa, uma dolorosa recusa de realidade.

As pessoas tem medo em Buenos Aires. Medo deles mesmos, medo dos outros, medo de hoje e de amanhã. Um medo indefinível, sem objeto e sem «razão» como um cancer que os roe, que talha os corpos os rostos. Medo de falar, por exemplo: Jantava uma noite com um famoso médico, ligado à um dos dirigentes da Junta, provavelmente intocável e além do mais, videlista. Conte-lhe minha visita a San Justo, pedindo conselhos, pedindo mesmo que interviesse, quando bruscamente, no meio do Jantar, ele alegou um negócio urgente e me deixou sem dar satisfações, rosto desfeito, máscara imóvel - um pobre homem que de repente teve medo de falar demais! Medo das palavras, simplesmente, dos estranhos e maléficos poderes da palavra: assim este professor de filosofia de origem peronista que confessa surpreender-se citando Aristoteles no lugar de Marx, e Shakespeare no lugar de Lenine. Medo de pensar, como se ai também jorrasse este «espírito subversivo» que os generais de Videla se obstinam a perseguir. Melhor ainda: encontrei e conversei longamente com um jovem industrial que se pode dizer de esquerda que me fez o mais estranho e inacreditável pedido: que eu aceitasse fazer uma falsa entrevista onde faria o elogio do regime militar — não para publicar, claro, mas, como nunca se sabe, se por azar acontecesse alguma coisa.

Vejo também um político, ligado ao almirante Massera, com ares de importância, seguro de si, no restaurante da moda, onde parece reinar, descompor-se subitamente, perdido e livido, porque o garçon lhe conta que atrás dele está sentado um policial à paisana. Quando um povo chega a este ponto, quando a sobrevivência de um homem depende de um talismã, quando soberba de um outro depende da superstição, é que o fascismo já triunfou. É preciso dizer que o tira em Buenos Aires, é todo mundo e ninguém. Está na rua e nas cabeças. É a linda garçonete, tão deliciosamente atenciosa, de quem se desconfia não obstante, baixando a voz quando se aproxima. É o vizinho do outro lado da parede, que talvez vos espia e daqui a pouco salvará a pele entregando vos ao torturadores. É esta massa de homens e mulheres que trocaram armas e galões contra uniformes civis, por mil, dois mil pesos - uma miséria para a sua miséria uma esmola à sua humilhação. O tira, é também este passageiro anônimo, delator de um dia talvez que, no avião, que me leva de Paris para Buenos Aires sábado retrazido, afirma ter me visto dando sumiço a documentos comprometedores e apressa-se em divulgá-lo na aterrissagem. Detalhes? Sim, detalhes sem importância mas que, reunidos, tecem a trama de um Estado policial.

SEGUIDO DESDE PARIS

No aeroporto, para acolher-me, havia pois cinco policiais que me interrogam durante cinco horas. Corretos, muitos corretos, esses policiais. Maniacos da busca, simplesmente, na grande sala gelada do Comissariado de Ezeiza onde, com o frio e a demora, quase perdi a paciência. Maniacos da suspeita também: «Ah! O senhor se chama Levy? Nacionalidade? Francesa, segundo o senhor. Mas Levy, é um nome judeu... «Há sinais que não enganam. Este por exemplo: em Buenos Aires, «le Nouvel Observateur», os relatórios da «Amnesty International» e «Arquipélago do Goulag», de Soljenitsyne, são documentos «subversivos e comprometedores». Ou ainda este outro que me será revelado mais tarde por um membro da Embaixada da França: os serviços da S.I.D.E. (serviços secretos argentinos) seguiam-me provavelmente deste Paris,

O relato da passagem pela Argentina de Videla do escritor francês — e suas descobertas, que o horrorizam, que nos horrorizam.

atentos aos meus deslocamentos, às minhas relações e aos meus contatos, sobretudo com meu amigo Marek Halter, o primeiro a ter engajado, no ano passado, a campanha de boicote à Copa... Pouco importa, aliás as peripécias desta história. Rotina sem dúvida. No máximo algo para entrar no ambiente.

De maneira geral, o terror na Argentina não tem a evidência massiva e indecente que de longe se lhe atribui. É um sistema infinitamente mais difuso, capilar e emparelado. Meu interlocutor V parece saber do que fala. Afirma mesmo ter feito uns treininhos, no início da sua carreira, nos edifícios da célebre Escola de Mecânica da Marinha. «Aqui, os prisioneiros são lotados em pequenas unidades, muito móveis. Nunca são torturados muito tempo no mesmo local. Mesma coisa para os torturadores: não lhes é permitido torturar muito tempo os mesmos prisioneiros. O negócio gira, gira, sem parar.»

Porque, às vezes, nos também cansamos. Por isso, não nos deixam a possibilidade de conhecer os outros, de reunir, de conversar sobre isso». Aqui, portanto, nada de campos de concentração a Pinochet. Nada de estádios lotados mas pequenos pavilhões, porões ou apartamentos, sessenta ao todo em Buenos Aires, dispersados nos subúrbios. Centros de tortura flutuantes, como o «Bahia Aguirre». Em breve, uma espécie de arquipélago, cuja geografia torna-se cada vez mais sofisticada.

TRÁFEGO DE DETENTOS

Assim, não é raro que, para embrulhar as pistas, pequenos grupos de prisioneiros sejam, sem razão aparente, transferidos de um centro para

outro. Acontece mesmo que dois ou três sejam «liberados» que, à porta da prisão, são apanhados por uma nova equipe, que os comboia imediatamente para um novo centro. A administração penitenciária de origem pode assim provar, com o testemunho de registros, que os desaparecidos deixaram são e salvos seus locais. Mesmo se, neste instante, estão enfurnados em porões onde a tortura continua.

É provavelmente o que aconteceu com duas religiosas francesas: irmã Leonie e irmã Alice foram, quando detidas, transportadas para centro de detenção dependente do primeiro corpo do Exército do General Suarez Mason. Oito dias mais tarde, são transferidas para a Escola de Mecânica da Marinha (almirante Massera). Daí, não tardarão a expedi-las para um último destino, desta vez, não sabido... Segundo V, sempre, este verdadeiro tráfego de detidos corresponderia ao jogo de rivalidades que agitaria atualmente as instâncias dirigentes da Junta. Estas tendências cederiam prisioneiros como penhores. Como se troca sinais de guerra ou de amizade.

Tudo isso lembra assim uma ditadura «soft», sutil, que se esmera na arte da maquilagem. Não é de estranhar que a Junta se permitisse o luxo da Copa e tolerasse a presença de muitos milhares de jornalistas já que aqui sabe-se sobretudo tornar o horror discreto e cada vez mais invisível.

Até hoje, a América Latina possui o triste privilégio dos terrores de Estado particularmente visíveis. Doravante, com Videla, o continente se moderniza e o medo passa pela instauração de uma tecnologia policial que opera na sombra, em silêncio. Talvez seja isso que, inovando em relação à longa tradição dos fascismos tropicais, configura toda a originalidade do «modelo argentino».



O APOIO CRÍTICO DO P.C. ARGENTINO

Um dos fenômenos mais desconcertantes do regime argentino é o "apoio crítico" que o Partido Comunista Argentino acredita ser político trazer-lhe. Sabia-se que a URSS e Cuba haviam-se por duas vezes declarado contra a condenação da junta na O.N.U. Mas não se lerá sem espanto as declarações de um responsável do P.C.A., Roberto Vallarino, membro do comitê central, feitas a Bernard-Henri Lévy. El-lós fielmente transcritos. E preciso lê-los sem esquecer que, apesar disso, centenas de comunistas são presos porque são comunistas. "Como vê as relações de forças no interior do Exército?"

— Sumariamente, eu diria que há de um lado, elementos pinochetistas, ultra-reacionários; do outro, elementos progressistas, com tendência democrática. Els a realidade básica que nenhuma análise pode evitar. "Quem são estes elementos progressistas?"

— Se precisa de nomes, eu diria Vi-

dela, Massera, Agosti, Suarez Mason, por exemplo.

— Em outras palavras, o conjunto do aparelho dirigente da Junta?

— Num sentido sim. Mas esclareço que se trata de elementos e de tendências progressistas.

— Assim mesmo, tendencialmente, o governo atual da Argentina é um governo progressista?

— É um governo onde existem elementos progressistas, que, de fato, são atualmente hegemônicos.

— Assim vocês apoiam a junta?

— Não exatamente. Digamos melhor: apoio crítico.

— Erro pois, segundo vocês, a equação: Videla = fascismo?

— É erro pois, segundo vocês, a equação que não pode senão levar o povo argentino para a regressão.

— Regressão em relação ao que?

— Em relação às conquistas recentes do movimento operário e democrático.

— Por exemplo?

— Ora, por exemplo, o fato de que a Argentina hoje aceita ter relações comerciais com todos os países, qualquer que seja seu regime ideológico. Mas há também, não esqueça, elementos pinochetistas que se opõem a isto.

— Progressismo, quer dizer comercial com a URSS.

— No caso, quer dizer pensar as relações entre Estados sobre a base dos princípios da coexistência pacífica.

— É a violação dos direitos do homem, não perturba vocês?

— Claro que sim. Temos setenta e um militantes desaparecidos dentre nossas fileiras.

— Sobre um total de no mínimo quinze mil, segundo Amnesty International.

— É uma cifra exagerada, que não corresponde à realidade. De resto, sobre esta questão dos direitos do homem, é preciso ficar atento a marcar linhas de demarcação. Há um tratamento de

direita da questão e um tratamento de esquerda.

— Quando a URSS opõe-se a toda condenação da Argentina na O.N.U., é uma atitude de esquerda?

— Claro; pois o inverso significaria isolá-lo nosso povo. E reforçar o clã pinochetista.

— Quem mesmo compõe este clã pinochetista?

— Segue então uma lista de nomes totalmente obscuros...

Prudência tática de um militante aterrorizado? Não tenho o direito de pressionar algo? Qualquer que seja minhas posições sobre os comunistas no poder, nunca me permitiu duvidar de sua vontade de resistência ao fascismo. Els porque, aqui, espero, desejo, anseio por um desmentido.

B.H.L.

(Tradução: Ana Maria Cerqueira Leite)

a fraude da Banzercracia

Este artigo foi escrito antes da Justiça Eleitoral boliviana decidir pela anulação das eleições — por constatação de fraude. O novo pleito será em fins de outubro.

Depois de 12 anos de ditadura militar, a 9 de julho, o povo boliviano voltou a viver um espetáculo para o qual muitos estavam desacostumados: a eleição de seu futuro presidente constitucional. E uma coisa em que poucos analistas políticos bolivianos acreditavam, voltou a acontecer: a fraude. Logo, o desconhecimento da vontade popular.

Desde os primeiros resultados conhecidos, quase sempre «extra-oficiais», se evidenciou a certeza de uma nova fraude, executada pelo principal partido político boliviano, o Exército, e em seu conjunto, as Forças Armadas. Este processo foi marcado pelo sinais característicos das «aberturas democráticas latino-americanas». O general Banzer praticamente não perdia um dia sem aparecer no único canal de televisão de La Paz, abraçando e apoiando seu «sucessor», o general Pereda, Ministro do Interior nos últimos quatro anos.

Nestes quatro anos, foram presas 14.750 pessoas. Vinte e nove delas morreram nas câmaras de torturas; 19.000 dirigentes políticos, sindicais, mineiros e estudantis tiveram de se exilar. No mesmo período, 25% dos 400 jornalistas do país foram afetados por medidas repressivas, 68 tiveram de emigrar, enquanto outros 32 foram encarcerados. Praticamente todas as emissoras de rádio foram fechadas temporariamente, além de sofrer multas ou o desmantelamento total dos Equipamentos, pela ação das forças policiais.

Ainda assim, e como se isto fosse pouco, a 9 de novembro de 1974, o governo promulgou o Decreto Lei do Serviço Civil Obrigatório, pelo qual se estabelecia que «todo boliviano que tiver mais de 21 anos de idade, em caso de ser convocado pelo Estado para prestar qualquer tipo de serviço, deve fazê-lo, sem qualquer desculpa. A pessoa que se negar ou resistir ao cumprimento da ordem, será punido com dois anos de prisão ou com o desterro.»

Desta maneira, o governo de Banzer construiria um imenso aparelho estatal burocratizado, que foi o encarregado de grandes manifestações de apoio, toda vez que isto foi necessário. Com toda a segurança, este aparelho foi herdado por seu «sucessor». Ainda mais! Nenhum partido político tem em La Paz sede própria, enquanto o General Pereda tinha uma sede de campanha, em pleno centro da capital, de vários andares, no Edifício Alborada, ao estilo dos grandes partidos norte-americanos, com máquinas eletrônicas, secretárias bonitas, serviços de telex, telas de TV...

Uma coisa que destacava nos centros publicitários do General Pereda: eram grandes caixões de madeira, contendo aparentemente cartazes, bandeiras e folhetos de propaganda. Todos os carimbos que identificavam estes caixões estavam escrito em português. Muitos dirigentes da oposição denunciaram à imprensa que «o candidato oficial imprimiu 30 milhões de votos, quando o eleitorado não tem mais de dois milhões de votantes.» Apesar destes sintomas que anunciam o reaparecimento, de alguma maneira, do fantasma do fraude, existe dentro da consciência mística de boa

parte dos bolivianos, um fantasma que se corporiza dia após dia: o da crise econômica.

MILAGRE EM CRISE

Desde 1973, a «Nova Bolívia», como se batizou o famoso «milagre», começou a viver uma conjuntura internacional extremamente favorável, na qual os preços de suas principais matérias primas de exportação foram super-valorizadas. Este foi o caso do petróleo, que subiu de 2,90 U\$ (dólares) para 15 dólares; o estanho, de 2,11 dólares para 3,60 dólares, o preço de cada tonelada métrica de açúcar passou de 194 dólares para 555 dólares e o gás natural, de 0,33 dólares para 0,50 dólares.

Como símbolo evidente de a quem beneficiou este esquema econômico desenvolvi-

No jogo com cartas marcadas da democracia estilo Banzer, só podia ganhar o candidato oficial. Além disto, as forças populares estavam muito divididas na Bolívia. Mas os trabalhadores não perdem tempo: no espaço possível, rapidamente, organizam seus partidos e sindicatos. Da Bolívia, o jornalista Guilherme Montero Vazquez, especialmente para Versus, descreve estes dias agitados.

lucionária e profundamente anti-imperialista. «Já Juan Lechin, líder mineiro, disse a Versus, numa entrevista concedida na sede da Confederação dos Mineiros, que «O Exército em nosso país é um instrumento, como em outras nações vizinhas... Um instrumento da dominação norte americana. As Forças Armadas são, na Bolívia, um Partido Político Armado, que substitui esta função a todos os políticos.»

Juan Lechin acha fundamental a independência política dos trabalhadores. «Nós estamos nos esforçando, neste momento, para reunificar a união operária campesina, a partir da Central Operária Boliviana.» Para ele, «a primeira etapa da luta será a



mentista, basta saber que, paradoxalmente, durante este período, a dívida externa cresceu de 782 milhões de dólares para 2.652 milhões de dólares. A amortização desta dívida consumiu 40% das exportações totais do país, obrigando quase seguramente a uma nova desvalorização do Peso.

Segundo documento econômico aprovado pelo XVII Congresso Mineiro, nestes últimos anos, «os preços dos bens de consumo essenciais aumentaram em 386%, enquanto que os salários congelados aumentaram 120% apenas. «Apesar de toda esta situação de profunda crise econômica, social e política, foi útil, na medida em que os trabalhadores da Bolívia, com uma tradição de luta verdadeiramente revolucionária, puderam reorganizar suas estruturas de massa: partidos políticos, sindicatos, organizações campesinas, etc. Isto surge claramente destas entrevistas com líderes da Bolívia, que Versus realizou nas últimas semanas.

Siles Zuazo, candidato à presidência pela UDP, nos disse: «a UDP, tanto para mim, como para outros partidos que a integram, é uma opção que transcende o 9 de julho, pois reconstitue a aliança de classes e setores, dentro de uma visão nacionalista revo-

Liberdaçao Nacional... Aqui na Bolívia, a Liberdade Nacional significará libertar-se do jugo imperialista. Para isto, deveremos enfrentar a todo e a cada uma das estruturas internas de dominação em que se sustenta.»

Uma das principais explorações populares que governo do General Banzer teve de suportar foi a famosa Greve de Fome das mulheres mineiras, nos últimos dias do ano passado. Uma de suas mais conhecidas dirigentes foi Domitila de Chungara, que se apresentou como candidata a Vice-Presidente, pela Frente Revolucionária de Esquerda. O que ela disse da Greve:

«A Greve não foi o triunfo de quatro mil pessoas, nem meu; foi o triunfo de todo o povo trabalhador. Isso nos mostrou o caminho: quando a classe trabalhadora se une, nem as armas podem contra-atacar forças poderosas.»

Tudo indica que o continuismo da ditadura banzerista vai suportar dias muito árduos, a curto prazo. É sabido que, de agora, em diante, sua política profundamente anti-popular e submissa ao imperialismo vai suportar uma dura oposição popular. Só falta ao povo boliviano mais coesão e unidade de ação.

a lição das eleições peruanas:

VOTAÇÃO DOS PRINCIPAIS PARTIDOS

PAP (PARTIDO APRISTA PERUANO)	35%
PPC (PARTIDO POPULAR CRISTÃO)	26%
FOCEP (FRENTE OPERÁRIO CAMPONESA ESTUDANTIL POPULAR)	12%
UDP (UNIÃO DEMOCRATICO-POPULAR)	6%
PSR (PARTIDO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIO)	6%
PCP (PARTIDO COMUNISTA PERUANO)	5%
UNO (UNIÃO NACIONAL ODRISTA)	2%
PDC (PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO)	2%
ARS (AÇÃO REVOLUCIONÁRIA SOCIALISTA)	1%

O resultado das eleições para a Assembleia Constituinte realizadas no Peru no dia 18 de junho, longe de ser uma vitória dos partidos mais reacionários, que numéricamente tiveram maior votação, representa o surgimento de uma alternativa política qualitativamente diferente da ordem burguesa e dependente, pois essa é a opção de quase um terço dos eleitores que deram seu voto a favor de partidos ou frentes que colocam a negação histórica do capitalismo e a afirmação, com maior ou menor evidência, do socialismo.

Se levarmos em consideração o sistema anti-democrático no qual foram realizadas as eleições, onde o direito de voto é negado aos analfabetos - aproximadamente dois milhões e meio de peruanos - eleições que foram precedidas por atos repressivos contra os partidos de esquerda, vetando o direito de manifestação das principais frentes (FOCEP e USP) nos meios de comunicação de massa, manobra que favoreceu, e muito, os partidos de direita, a percentagem obtida pela esquerda peruana (30%) é apenas um dos índices da crescente radicalização das massas trabalhadoras que repudiam o entreguismo aos interesses do imperialismo, que caracteriza os partidos da burguesia que ainda obtiveram a maioria dos votos: o Partido Aprista Peruano (35%) e o Partido Popular Cristão (26%).

OS BURGUESES

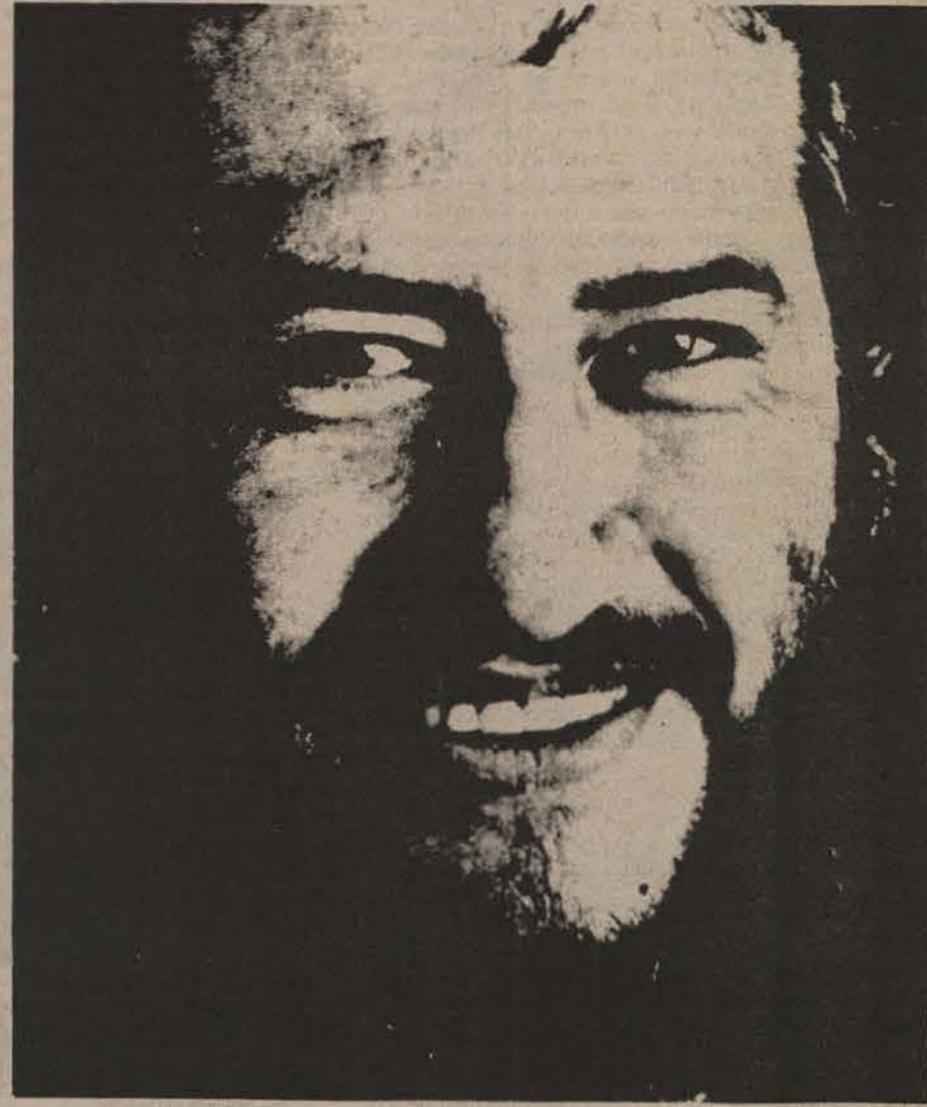
APRA: Fundado em 1930 como Ação Popular Revolucionária Americana, por Victor Raúl Haya de la Torre, o partido aprista teve um começo dramático, com um programa radical que atraiu muitos «revolucionários» da época. Não demorou muito para esquecer o programa radical, que caracterizou sua criação, e tornou-se um partido cada vez mais reacionário, que, em seu afã de poder, não hesitou em fazer aliança com seus mais ferrenhos adversários políticos, inclusive os militares, dos quais eles se reclamam inimigos eternos.

O CARISMA DE HAYA DE LA TORRE - «Haya de La Torre foi um tipo carismático acrédito que não o é mais com capacidade magnética para captar vontades sem esforço intelectual, atrair, sem nada oferecer; opiniões que ele mesmo foi descobrindo e que foram reafirmando o espírito messiânico que teve, quiçá desde sua infância. Admirador de Mussolini, testemunha de arco de Hitler, aprendeu muito de ambos, mas, seguindo seus métodos, não teve a mesma sorte, conseguindo criar apenas um arremedo, uma fraternidade de tipo massônica, com pineladas de seita de resacruzes iluminados que acreditam no espiritismo, uma máfia terrorista ao estilo de Ku-Klux-Klan. Haya desejava ter seguidores, adeptos para que pudesse dar ordens e ser obedecido, respeitado e quem dera venerado, ser para eles algo a mais do que um simples companheiro e dirigente: o Mestre, o Guia, o Chefe Máximo indiscutível e Vitalício (palavras de Victor Villamera, analista político peruano). As convicções políticas chegam a ser tão superficiais, que o Secretário Geral do partido Aprista, pediu, em transmissão pelo rádio, que os partidários do ex-presidente Belaúnde, vestissem, «esportivamente» a camisa do APRA, e votasse nele. Assim, simples disse jeito, os apristam acham que se pode mudar de partido. Assim, simples desse jeito, o APRA vestiu «esportivamente» a camisa que outros candidatos conservadores lhe ofereceram, em procura do poder. Assim, passando por cima de princípios ideológicos e programáticos o APRA vestiu a camisa de Prado e do general Odria, e acabou vestindo agora a de Morales Bermudez. O APRA obteve 35% dos votos e são principalmente as regiões do norte do Peru as que garantem os votos em favor dela, influenciados por velhos militantes, e pela figura do «Chefe máximo», o octogenário Haya de la Torre (Que nunca chegou a ser eleito para presidente do Peru).

PPC - O PARTIDO POPULAR CRISTÃO, surgiu em 1967, como uma dissidência do Partido Democrata Cristão. Fundado pelo advogado Luis

Regime militar não é bom de urna, e os socialistas cresceram.

Por
Percy Galimberti



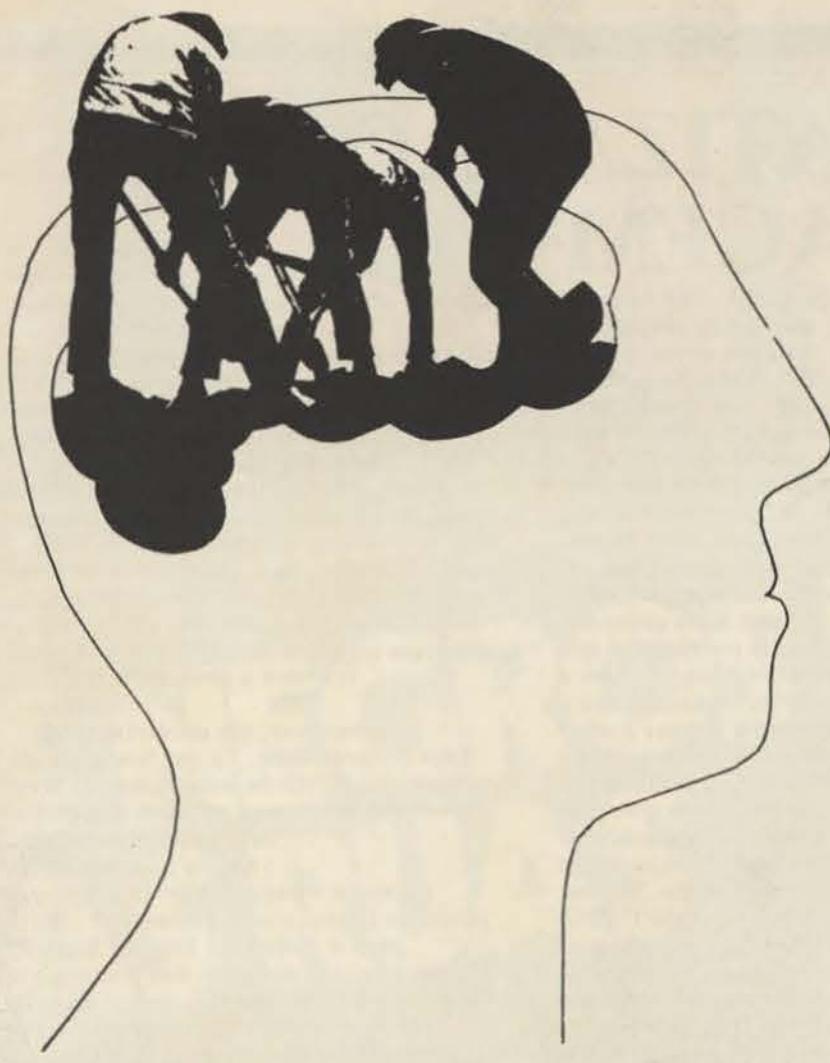
HUGO BLANCO

Bedoya Royes, é defensor dos interesses do capital privado e das multinacionais. Seguindo uma política de ultra-direita (o próprio Bedoya já se manifestou como admirador de Pinochet) seus partidários e todos os candidatos pela legenda do PPC são diretamente ligados, com participações, nas empresas transnacionais que operam no Peru. O Partido Popular Cristão obteve 26% dos votos, com o apoio de muitos partidários do ex-presidente Belaúnde Terry, que retirou seu partido das eleições.

TRINTA POR CENTO PELO SOCIALISMO

Considerando o conjunto de partidos que formam a esquerda peruana, vemos que quase um terço da população optou por eles, obtendo esmagadora maioria nas regiões de maior concentração popular, nas zonas minerais e de campesinato pobre. Nas cidades de maior concentração proletária, o fenômeno se repete nos bairros mais populares.

Olhando o conjunto da votação chamada «pela esquerda», ela não é politicamente homogênea e a votação alcançada pela FOCEP e a UDP se vestem de características peculiares. Tanto a FOCEP (Frente Operário Campoense Estudantil Popular), como a UDP (União Democrático-Popular), questionam o sistema burguês e dependentes de maneira radical e agressiva. Ambos levantam a alternativa socialista e estão formados por partidos mal chamados de «ultra esquerda», isto é, aqueles que se



UM PROGRAMA REVOLUCIONÁRIO

Os seguintes pontos fazem parte do programa da FOCEP para Assembleia Constituinte:

«Considerando:

— que a importação de métodos feudais e modelos capitalistas diversos trouxe fome, desemprego e miséria para nosso povo, e que significa a subordinação de nosso povo ao imperialismo;

— que a presente crise do capitalismo está trazendo o caos para nosso país, e;

— que medidas radicais de emergência devem ser tomadas para nos salvar do desastre;

A Assembleia Constituinte resolve adotar as seguintes bases para uma organização econômica e social do Peru:

Governo — Os governos locais serão constituídos por delegados democraticamente eleitos pelas organizações dos operários, camponeses, empregados, favelas, soldados, estudantes e outros setores populares.

O governo da nação será composto por delegados destas organizações, a nível nacional.

— Qualquer membro do governo, de qualquer nível, poderá ser removido a qualquer instante por irregularidades cometidas.

O Poder Judiciário — Será exercido por tribunais populares eleitos pelas massas.

As Forças Armadas — Serão formadas por comitês armados de operários, camponeses, empregados, representantes das favelas, estudantes e outros setores populares.

A Dívida Externa — O povo peruano renuncia à dívida, contraida com seus opressores. Não pagará aos imperialistas o empréstimo pago para oprimi-los.

Bancos — Passarão, em sua totalidade, às mãos do Estado.

Empresas estrangeiras — Passarão, em sua totalidade, às mãos do Estado.

Comércio doméstico e transportes — Os empreendimentos comerciais e os transportes públicos passarão às mãos do Estado. Pequenas lojas cuidadas por seus proprietários e veículos de serviço público de propriedade dos motoristas, permanecerão em mãos de seus respectivos proprietários.

Indústrias — Manufaturas, pesca, agricultura e outras indústrias, passarão às mãos do Estado. Este setor da economia, assim como outros setores nacionalizados, serão administrados pelos próprios trabalhadores de cada setor.

Agricultura — As terras não atingidas nos pontos anteriores passarão às mãos dos camponeiros determinarão coletivamente formas de produção privadas ou comunitárias para cada área.

Contra o desemprego: desenvolvimento — Nenhuma compensação será paga pelos setores nacionalizados. Não podemos recompensar aqueles que sugaram nosso sangue durante séculos e aqueles que usariam esse pagamento para continuar nos mantendo sob seu domínio.

Esse dinheiro será usado para por fim ao desemprego e levar adiante o desenvolvimento.

O Peru precisa muitas moradias equipadas com eletricidade, água e serviços sanitários; rodovias, estradas, sistemas de irrigação, hospitais, escolas. Nós temos os braços e os cérebros para construir tudo isso. Se hoje tudo isso está largado, é culpa da organização ca-

pitalista do país, não porque nosso povo não queira trabalhar.

Terminando o desemprego e com o início do desenvolvimento, as obras públicas serão iniciadas, em escala massiva. Estas obras públicas não serão planejadas de acordo com a determinação de alguns funcionários, mas de acordo com as necessidades expressadas pelo próprio povo. As organizações dos operários, camponeses, empregados, favelados, estudantes e outras categorias farão conhecer suas necessidades e as obras que considerem necessárias, e em escala de urgência. Clínicas, Universidades e outros serviços públicos, hoje em mãos de capitalistas, também serão nacionalizados.

Educação — Os trabalhadores no poder determinarão quais os objetivos e as formas de educação. Isto será feito com a participação de estudantes e professores.

A Mulher — A sociedade capitalista mantiém a mulher como servente de casa, a relega aos salários mais baixos; a força ou a proibição de carregar filhos; a joga na prostituição; a discrimina em toda sorte de ocasiões; a trata como inferior ao homem e lhe concede menos direitos. A sociedade nas mãos dos trabalhadores tomará medidas para pôr fim a estes abusos e dar forças à organização da mulher. Centros para cuidado de crianças e creches comunitárias serão criadas. As mulheres poderão estudar e trabalhar em qualquer área. Serão criadas clínicas livres para as mulheres.

Setores culturais oprimidos — As culturas peruanas hoje oprimidas serão respeitadas e promovidas em todo sentido. Será providenciada a educação desses setores em suas próprias línguas. O uso destas línguas será obrigatório em tribunais e outras áreas onde se faça necessário. Os povos da amazônia e outros povos, como os Uros, poderão determinar seu próprio futuro.

Liberdades Democráticas — Todas as liberdades democráticas serão plenamente respeitadas: o direito à organização, liberdade de expressão, direito de greve, liberdade de religião, liberdade de imprensa. Isto garantirá que a grande maioria do povo não seja novamente oprimida por uma minoria monopolizadora dos meios de expressão e do poder.

Solidariedade internacional — O bem-estar e o desenvolvimento do Peru, uma vez nas mãos de seu próprio povo, não será duradouro em um mundo de exploração e miséria. O Peru poderá ser isolado e cair novamente nas garras do capitalismo internacional, ou sofrer a degeneração da burocracia:

— Se faz necessário a construção da União dos Estados Socialistas da América Latina, com Cuba e outros países liberados do imperialismo.

— Solidariedade com outros países sujeitos ao colonialismo, como na África e Ásia, é também importante.

— Finalmente, é também necessário dedicar todos os esforços para que o bem-estar e o desenvolvimento se extenda, e todos os povos possam ser donos de seus próprios destinos em um mundo socialista.

Apresentado ao povo peruano.

considera à esquerda do PC (Unidad) de linha soviética. Estes partidos, relativamente pequenos e novos, receberam 18% dos votos, havendo saído à luta eleitoral após anos de clandestinidade e permanente repressão.

Não foi por acaso que estas foram as frentes mais duramente perseguidas e reprimidas durante a campanha eleitoral, havendo sido impedidos de se manifestarem na rádio e televisão, além de ter sido boicotado o espaço reservado à propaganda eleitoral, nos jornais mais importantes do país, numa manobra francamente favorável aos partidos de direita, que mais uma vez entravam em «acordos» e «pontos comuns» com os militares que hoje detêm o poder.

FRENTE OPERÁRIO CAMPONESA ESTUDANTIL POPULAR

O QUE É A FOCEP — A Frente Operário Camponesa Estudantil Popular é formada principalmente por partidos trotskistas: O Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), cujo líder principal é Hugo Blanco; o Partido Operário Marxista Revolucionário (POMAR), cuja figura central é o líder mineiro Hermán Cuentara e a Frente da Esquerda Revolucionária - Partido de Operários e camponeses (FIR-POC). Junto a estes partidos, integra a frente, o Partido Comunista Bandeira Vermelha, de tendência maoista, liderado por Saturnino Paredes.

Somados a estes quatro partidos de trabalhadores, a FOCEP conta com a participação de Sindicatos de mineiros e metalúrgicos, de empregados bancários e dos Pueblos Jóvenes, denominação dada às favelas de Lima, ainda três grupos de jovens socialistas e outras organizações de trabalhadores. Algumas personalidades socialistas independentes também participam da FOCEP: o poeta e escritor Manuel Scorz, a representante da Anistia Internacional do Peru, Laura Callier; o Genaro Ladesma, quem juntamente com Hugo Blanco foi deportado do Peru no dia 25 de maio, apenas a duas semanas da data inicialmente marcada para o pleito eleitoral.

FOCEP E HUGO BLANCO — A FOCEP obteve oficialmente 627.000 votos, correspondendo a 12% do eleitorado. Foram anulados aproximadamente 400.000 votos, que, havendo sido improvisados por operários e camponeses em papéis nos quais escreviam: VOTO POR HUGO BLANCO, juridicamente não tinha valor. Somados, temos 1 milhão de votos para HUGO BLANCO FOCEP: Esta vitória da FOCEP é atribuída pela imprensa, de maneira geral, à figura de Hugo Blanco, aventando a hipótese de que, sendo, sem dúvida, um voto de protesto, refletindo um ânimo rebelde e radical, não seria um voto mais consciente, um voto militante. Isto, em parte, é verdade, mas não podemos parar aí; devemos pelo menos analisar o que representa Hugo Blanco na vida política do Peru.

VINTE ANOS DE LUTA — Já passaram quase vinte anos que Hugo Blanco abandonou a Universidade, para, já como sólido militante revolucionário, se dedicar à organização de sindicatos camponeses, trabalhando junto à super-explorada massa indígena do Peru. Apesar da terrível resistência dos latifundiários e da repressão oficial, que sempre defendeu os interesses de uns poucos «donos» da nação, os sindicatos ficaram fortes na luta, e a província de Cuzco foi o centro de uma grande organização camponesa combativa e solidária.

Paralelamente, um outro líder das massas camponesas, De La Puente Uceda, tentava o caminho da guerrilha. Desatou-se então uma selvagem perseguição, que acabou eliminando fisicamente esse grupo guerrilheiro. Aproveitando a investida, a repressão caiu ainda com mais força sobre os sindicatos camponeses e sobre Hugo Blanco, que, preso, foi condenado à morte. Após dura luta que atingiu níveis internacionais, Hugo Blanco foi salvo da pena de morte, mas passou longos anos na prisão, acusado de ser guerrilheiro. Desde o cárcere continuou, junto com seu partido, defendendo o trabalho no movimento de massas operário e camponês, rejeitando as políticas vanguardistas. Já livre das grades, foi várias vezes deportado, sempre acusado do mesmo crime: estar ligado à luta dos operários, dos professores, das favelas operárias de Lima. É o mais claro símbolo da luta intransigente do movimento de massas. Diante do PC e dos maoístas, é a reivindicação da luta sem concessões e o repúdio aos compromissos diretos ou indiretos desses grupos com os militares progressistas que governaram o Peru nos últimos anos. Mas também reivindica o movimento de massas como único caminho revolucionário insubstituível, diante dos desvios vanguardistas, das elites, que com sua coragem pretendem substituir as massas.

MOBILIZAÇÕES NO CONE SUL — A força alcançada pela FOCEP e sua política, e também reflexo das mobilizações das massas que vem acontecendo em toda a América do Sul: na Colômbia; na Bolívia; a resistência operária ao regime de Videla; as primeiras greves importantes no Chile de Pinochet, e as próprias greves que dia a dia se sucedem aqui no Brasil: os metalúrgicos, os professores, os médicos.

A vitória da FOCEP representa mais de trinta anos de luta das massas latino-americanas, uma extraordinária acumulação de experiências na memória coletiva. Experiências amargas, como a derrota pela traição das direções nacionalistas-burguesas e reformistas, no Chile. Não é um fato isolado. É apenas o começo de um processo que se extenderá pelo continente.



DESESTATIZAÇÃO DA ESPIONAGEM

A desestatização da espionagem? Muita gente acreditou que a chamada comunidade da inteligência, nos Estados Unidos, decidira aposentar-se, depois do escândalo de Watergate. O Congresso americano, de lá para cá, aprovou leis que deveriam colocar sob controle a coleta de informações por agências federais, coibindo os abusos do FBI e da CIA; além de algumas reformas legais, diversas denúncias públicas levaram as atividades de espionagem ao banco dos réus. Apesar disso, a crença era infundada: a comunidade da inteligência apenas se tornou mais tímida, mais cautelosa — talvez até mais envergonhada. Mas não se aposentou: «privatizou-se», sob muitos aspectos. É verdade que as agências e os serviços de espionagem já não devem se envolver em operações indiscriminadas de contra-informação; empregos públicos e decidiram montar seus próprios «negócios». Como afirmou George O'Toole, ex-empregado da CIA, em seu livro *The Private Sector*, uma sombria rede de agências particulares de espionagem cobriu o país de ponta a ponta, nos últimos quinze anos, quase sempre sob o

combate eficiente de antigos funcionários dos serviços federal e estaduais de informação. Sabe-se que pelo menos parte dessa rede — segundo escreveu Bill Wallace em artigo publicado recentemente pela revista *The Nation* — vem sendo usada para realizar tarefas que estariam fora dos limites legais das agências do governo.

George O'Toole, alias, referiu-se à Fidelity Reporting Services, de Nova Iorque e à Anderson Security Consultation, de Virginia, como firmas utilizadas pela CIA, dentro deste esquema.

A grande vantagem, na operação, é que nenhuma lei federal restringe de fato a ação daquelas firmas, já que a regulamentação é feita sempre a nível estadual ou local — e nenhum estado aprovou leis limitando ou proibindo a formação de dossiers sobre quem quer que seja. Mais: poucos poderes estaduais garantem aos cidadãos acesso aos sistemas privados de coleta de dados. Assim, Law Enforcement Intelligence Unit (LEIU) — um sistema particular de coleta de «informações criminais» que une mais de 200 agências de polícia, que recorrem aos seus serviços em quarenta e seis estados americanos (e no Canadá) — contém fichas de milhares e milhares de «criminosos» e «suspeitos», e ninguém pode saber se o seu nome consta nos arquivos do sistema. E há outros exemplos, como a Research West, herdeira de Western Research

Foundation — uma firma privada da Califórnia, que se especializou em alimentar os caldeirões do macartismo, no auge da caça às bruxas.

Aparentemente, a Research West é um depósito, onde agências como o FBI, serviços militares de inteligência e várias forças policiais californianas colocam informações colhidas por meios clandestinos ou ilegais — ou material «quente demais» para guardar consigo. Sabe-se que os arquivos da Research West estão abertos, sem qualquer ônus, para as agências locais, estaduais e federais.

Informações colhidas pela firma já apareceram inclusive em documento do FBI trazidos à tona no transcurso de ações legais.

Presume-se, em decorrência, que haja reciprocidade, e que boa parte do material recolhido pela Research West provenha das forças policiais e agências oficiais de espionagem.

Mas o jogo vai além. Segundo Margaret Van Houten, que investiga firmas como a Research West para o American Friends Service Committee, «as agências têm a vantagem do acesso à informação, sem o ônus de recolher os dados, enquanto a firma particular pode utilizar as informações armazenadas, de modo a servir aos seus clientes.» A espionagem, como se vê, continua presente: «mais cautelosa, «privatizada», sob muitos aspectos — mas presente.»



histeria americana

De repente, uma gritaria ensurdecedora transformou a Casa Branca, em Washington, numa Casa de Orates. O presidente James Carter emerge de uma janela, gritando na direção de Moscou: «Vocês têm que escolher entre a cooperação e a confrontação!» De outra janela próxima, surge o rosto ameaçador de Zbigniew Brzezinski, assessor presidencial para assuntos de segurança, berrando no mesmo tom: «Os russos e os cubanos romperam o código da detente!» De janela em janela, repetem-se os gritos e as acusações, numa sequência que poderia ser cômica — se não fosse sinistra. Na imprensa, proliferam as denúncias anti-soviéticas e anti-cubanas, basicamente por conta da «crescente influência soviética» e da «presença militar cubana» na África.

A partir de uma visão globalista da política internacional, desaparecem as nuances e voltamos ao mundo do preto-e-branco, isto é, à guerra fria. Entre os cubanos que se acham na África, por exemplo, não há mais técnicos, nem professores (1000 professores cubanos estão espalhados por todo o território de Angola, num esforço respeitabilíssimo para eliminar parte da herança colonial: 95 por cento de analfabetos), mas apenas soldados.

A presença maciça de assessores civis e militares dos Estados Unidos no Irã e na Arábia Saudita está «justificada» porque os americanos foram «convidados» pelos governos daqueles países. Mas ninguém diz que o governo de Angola também pediu a presença cubana em seu território, inclusive para combater as tropas invasoras da África do Sul. E há mais americanos no Irã e na Arábia Saudita do que cubanos e soviéticos em Angola — vale acrescentar. Outra informação «esquecida» nos discursos dos dirigentes americanos e na maior parte dos artigos da grande imprensa diz respeito

à presença francesa no continente africano: 17 mil soldados, em alguns casos envolvidos diretamente em guerras, como no Tchad e na Mauritânia — e agora no Zaire, ao lado do arqui-corrupto Mobuto. Mais de 1.600 oficiais da França servem em exércitos africanos, atualmente.

A comparação, sob todos os aspectos, desfavoreceria os franceses — e por isso tem sido evitada. Do ponto de vista militar, a presença francesa na África é maior do que a cubana. Além disso, grupos franceses controlam mais da metade dos setores mais modernos nas economias do Senegal, do Gabão e da Costa do Marfim. Quanto aos cubanos, ninguém pode acusá-los de «defender interesses econômicos» no continente africano.

Antigos vínculos com os regimes racistas da Rodesia e da África do Sul comprometem ainda mais a atual ofensiva da Casa Branca, como uma iniciativa marcada pela hipocrisia.

Ainda recentemente, dias depois de um pronunciamento público do líder sul-africano John Vorster em favor da nova postura externa americana, o colunista Tom Wicker, do *New York Times*, fazia a pergunta: «Com um amigo assim, quem precisa de inimigos, na África negra?»

Sob a influência de uma visão globalista e limitada do quadro internacional, elaborada por Brzezinski, Carter agora procura agrupar antigas potências coloniais europeias em torno de sua ofensiva.

Mas começa a esbarrar não apenas em divergências entre os próprios «aliados», como também no interesse de muitos setores americanos, alarmados diante da beligerância com que a Casa Branca resolveu tratar os problemas mundiais.

Mais: esbarrar também no novo espírito de independência, que já domina boa parte da África.